UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL-PPGAS

CARLOS EDUARDO DE BRITO PEREIRA

DE VOLTA PARA OS BRAÇOS DA RAINHA DOS CÉUS:

Migração, Memória e Festa em Caicó/RN

NATAL/2011

CARLOS EDUARDO DE BRITO PEREIRA

DE VOLTA PARA OS BRAÇOS DA RAINHA DOS CÉUS
Migração, Memória e Festa em Caicó/RN

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial para obtenção de título de Mestre em Antropologia Social.

Orientadora: Profª. Drª. Luciana de Oliveira Chianca

NATAL/2011

Catalogação da Publicação na Fonte.
Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA)

Pereira, Carlos Eduardo de Brito.
De volta para os braços da rainha dos céus: migração, memória e festa em Caicó/RN / Carlos Eduardo de Brito Pereira. – 2011.
133 f.
Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Natal, 2011.
Orientadora: Prof.ª Dr.ª Luciana Chianca.
1. Festa de Sant'ana (Caicó, RN). 2. Migração. 3. Sociabilidade. 4. Religiosidade. 5. Redes de relações sociais. 6. Capitão (Família). I. Chianca, Luciana. II. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. III. Título.
RN/BSE-CCHLA CDU 316.334.56

CARLOS EDUARDO DE BRITO PEREIRA

DE VOLTA PARA OS BRAÇOS DA RAINHA DOS CÉUS
Migração, Memória e Festa em Caicó/RN

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte como exigência para obtenção de título de Mestre em Antropologia Social.

BANCA EXAMINADORA

_____
Profª. Drª. Luciana de Oliveira Chianca
UFRN – Orientador

_____
Profª. Drª Mísia Lins Reesink
UFPE – Membro Titular

_____
Profª. Drª Maria da Conceição Fraga
UFRN – Membro Titular

_____
Profª. Drª Julie Antoinette Cavignac
UFRN – Membro Suplente

Natal, _____/_____/ 2011.

À minha querida e amada esposa por sua história de sucesso na vida, diante de todas as adversidades, e, fazendo parceria comigo, é a maior responsável pelo que venho me tornando a cada dia e ao longo do tempo que já veio, vem vindo e virá.

AGRADECIMENTOS

A Deus, Inteligência Suprema, Causa Primeira de Todas as Coisas.

À professora Dra Luciana Chianca, minha orientadora, pela visão ampliada e dedicação e, principalmente, por confiar em mim, estimulando-me a fazer uma importante, ao mesmo tempo que muito me ajudou a ampliar meu olhar nesse trabalho de dissertação. Agradeço também por nossas reuniões semanais com o grupo de orientandos, que contribuiu para minha formação e despertou a importância do trabalho em grupo.

Ao aprendizado construído nessa experiência com a Nivinha Capitão e sua família, desde que nos conhecemos, quando me apontou os caminhos para a concretização dessa dissertação, e ao apoio recebido de toda a sua família pela confiança depositada em mim, para conduzi-la nos vários lugares percorridos nessa caminhada.

Aos funcionários do PPGAS/UFRN, pela presteza, simpatia e carinho com que sempre me atenderam.

À minha esposa pela compreensão e por como suportou minhas ausências semanais no período da pesquisa e que, quando retornava, sempre se empenhava em fazer o melhor por mim, não medindo esforços para ajudar-me no que fosse necessário e na torcida necessária para a conclusão desse trabalho.

Aos meus pais pela compreensão nas minhas ausências ou nas breves permanências em nossas comemorações familiares, na torcida necessária para a conclusão desse trabalho.

A meu irmão Paulo, que sempre transitou pelas estradas das “letras”, por ter lido meu trabalho com propriedade de revisor e sugerido excelentes atalhos nessa caminhada.

A meu irmão Nostradamos Medeiros e sua família, por seu olhar clínico e apurado no decorrer dos meus cenários, sugerindo-me preciosas dicas.

À minha amada sogra, que sempre esteve presente, embora não estando mais aqui para torcer pelo meu sucesso.

Ao meu amigo Rafael de Oliveira, pelo suporte e dedicação com que me ajudou durante todo o processo dessa dissertação.

À amiga do mestrado Joana Régis, pelo entusiasmo e motivação quando estava muito cansado da pesquisa e com o compromisso para sua finalização.

À amiga Graça Mestre por seu suporte e dedicação com que me ajudou na finalização desse projeto.

Ao REUNI/CAPES, pelo aprendizado ao longo desses dois anos e pela oportunidade de, nesse último semestre, ter permitido dedicação exclusiva ao projeto.

Aos amigos Álcio e Mariza da Pró-Reitoria de Pós-Graduação, que durante esses dois anos tornaram positivo o convívio nas atividades da docência assistida.

Enfim, a todas as pessoas que fizeram sugestões, direta ou indiretamente, para que esse trabalho adquirisse vida.

Obrigado!

RESUMO

A presente dissertação tem como objetivo apreender alguns significados particulares da Festa de Sant'Ana (a santa padroeira de Caicó/RN), evento central do calendário festivo-religioso daquela cidade, buscando perceber como ela concilia os pólos simbólicos sagrado-profano através dos vínculos sociais ali atuantes e expressos em redes de sociabilidade e de pertencimento locais. Tais vínculos se revelam de modo especial através da migração de "retorno" para a festa, quando coletivamente são produzidos e atualizados conhecimentos e códigos que reforçam a representação do pertencimento local, nomeada "ser caicoense". Buscamos perceber como os diversos eventos dessa festa (de ordem tanto religiosa quanto laica) atuam de forma decisiva para a re-significação identitária daquela cidade, especialmente na sua relação com os nativos migrantes: os "filhos" que retornam "para os braços" de Santa Ana.

Palavras Chaves: Festa, Sant´Ana, Caicó, Migração, Memória, Sociabilidade, Rede, Família.

ABSTRACT

The present work has as an objective to seize up some particular meanings of the Feast of Sant'Ana (The saint which represents the city of Caicó/RN), a central event of the calendar festive-religious of that city, looking for to perceive on how it combines with the symbolic poles sacred: profane through the social bonds that are present there performed and expressed through the social networking and of local belongings. Such bond ties reveal themselves through a very especial manner, through the migration of "returning" to the feast, when collectively are produced and updated knowledge and codes that reinforce the representation of the local belonging, nominated as "being caicoense". We seek on perceiving how the many events of this feast (from a perspective of a religious order as well as laic) acting on a conclusive way to an identity of the re-meaning of that city, especially in its relation with the migrant natives: the "sons and daughters" that return "to the arms" of Sant'Ana.

Key words: Feast, Sant'Ana,Caicó, Migration, Memory Sociability, Social Networking, Family.

LISTA DE FOTOS

Foto 01 Sant'Ana, Padroeira de Caicó/RN..... 18
Foto 02 Poço de Sant'Ana..... 26
Foto 03 Peregrinação de Currais Novos a Caicó/RN..... 56
Foto 04 Peregrinação de Currais Novos a Caicó/RN..... 57
Foto 05 Encontro das santinhas..... 58
Foto 06 Encontro das santinhas..... 58
Foto 07 Festival dos doces..... 60
Foto 08 Bar do Ferreirinha: 50 anos..... 61
Foto 09 Jantar de Sant'Ana: sociabilidade..... 63
Foto 10 Jantar de Sant'Ana: sociabilidade..... 63
Foto 11 A Ilha de Sant'Ana..... 64
Foto 12 Sociabilidade no Pavilhão de Sant'Ana..... 65
Foto 13 Sociabilidade no Pavilhão de Sant'Ana..... 65
Foto 14 Festa do ex-aluno..... 66
Foto 15 Chegada da Cavalgada..... 69
Foto 16 Chegada da Cavalgada..... 69
Foto 17 Sociabilidade no Pavilhão de Sant'Ana: Cavalgada..... 70
Foto 18 Feirinha..... 72
Foto 19 Feirinha..... 72
Foto 20 Procissão de encerramento..... 75
Foto 21 Procissão de encerramento..... 75
Foto 22 I Encontro da família Capitão..... 77
Foto 23 Imagens da restauração de Sant'ana..... 80
Foto 24 Prêmios do sorteio do bingo: AABB..... 98
Foto 25 Sociabilidades no bingo de 2009..... 99
Foto 26 Sociabilidades no bingo de 2010..... 100

LISTA DE MAPAS

Mapa 01 Mapa dos principais monumentos de Caicó/RN..... 34

Mapa 02 Mapa do Rio Grande do Norte: percurso de Natal a Caicó/RN... 44

Mapa 03 Mapa do Nordeste Brasileiro..... 45

Mapa 04 Mapa do percurso da Marcha dos Idosos..... 54

Mapa 05 Mapa identificando o percurso da peregrinação 2009..... 59

Mapa 06 Mapa identificando o percurso da cavalgada..... 68

Mapa 07 Mapa identificando o percurso da carreata..... 73

Mapa 08 Mapa de migração de retorno da família Capitão..... 104

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 Cronologia da Festa de Sant'ana..... 51
Quadro 02 Genealogia da família Capitão..... 86

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AABB	Associação Atlética Banco do Brasil
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CDS	Colégio Diocesano Seridoense
CONAB	Companhia Nacional de Abastecimento
DNER	Departamento Nacional de Estradas e Rodagens
EUA	Estados Unidos da América
FAPESP	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPHAN	Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
PPGAS	Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social
REUNI	Plano de Expansão e Reestruturação das Universidades Federais
RN	Rio Grande do Norte
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO..... 13

2 CAICÓ: RELIGIOSIDADE E HISTÓRIA..... 18

2.1 SANT'ANA E A RELIGIOSIDADE CATÓLICA..... 18

2.2 ASPECTOS DA CIDADE DE CAICÓ..... 24

2.3 OUTRAS FESTAS..... 34

2.3.1 Festa do Rosário..... 34

2.3.2 Carnaval em Caicó..... 36

3 A FESTA DE SANT'ANA: PADROEIRA DE CAICÓ..... 39

3.1 SANT'ANA: RELIGIÃO E FESTA EM CAICÓ..... 43

3.2 A PESQUISA DA FESTA DE SANT'ANA..... 49

4 **FAMÍLIAS CAICOENSES..... 80**

4.1 FAMÍLIA CAPITÃO: MIGRAÇÃO, MEMÓRIA, REDE E PERTENCIMENTO..... 82

4.2 MIGRAÇÃO DE "RETORNO": PARA OS BRAÇOS DA SANTA..... 102

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 116

REFERÊNCIAS..... 118

APÊNDICE..... 128

ANEXO..... 129

1. INTRODUÇÃO

A migração é um movimento que se configura, de um lado, em emigração, quando o movimento é de saída de um território, e imigração, quando o movimento é de entrada. Marcel Mauss (2000) estendeu tal conceito para qualquer mobilidade espacial feita por sociedades humanas, seja em sua unidade moral ou através do sentimento de estar juntos.

Há alguns anos a migração tem chamado a minha atenção, principalmente porque, quando vivia no Sudeste do Brasil nos anos 1980, observava um grande número de caicoenses durante o mês de julho. Eles deixavam seus lares no Rio de Janeiro com destino a Caicó/RN - cidade a 269 Km da Capital, Natal/RN- para uma festa chamada Festa de Sant'Ana, a padroeira daquela cidade. Se muitos destes migrantes já haviam realizado migrações "bem sucedidas" no Rio de Janeiro, chamou-me a atenção esse trânsito, pois ele era movido por um sentimento de identidade, expresso através de laços de parentesco, redes de sociabilidades e de pertencimento. Também se destacava naquele contexto um aspecto interessante: a migração temporária dos caicoenses para a Festa de Santana envolvia tanto migrantes internos, que haviam migrado para outras cidades do Brasil, como outros que vinham de várias partes do mundo, encontrando-se anualmente e regularmente para esta festa religiosa.

O presente trabalho surgiu com o objetivo de compreender como se constitui a trama social e simbólica envolvida nesta migração de "retorno"[1] tendo, como eixo central de análise, a constituição da identidade local do caicoense, que se apresenta como um "neto de Santana", e, portanto, um parente próximo de Jesus. Tais vínculos de parentesco simbólicos são reveladores de uma identidade positiva localmente definida como "ser caicoense". O que significa essa expressão e que valores ela aciona? Como a festa da padroeira Sant'Ana (a "avó de Jesus") mobiliza seus principais atores, interpelados a construir uma festa urbana laica e religiosa, ao mesmo tempo? Como as formas dessa participação revelam os conflitos e tensões sociais próprios daquele contexto? Com o fito de responder essas perguntas, busquei perceber alguns dos elementos centrais deste processo como o pertencimento local e familiar que se revelam em práticas festivas e na sociabilidade, tanto durante a festa de Sant´Ana quanto nas práticas e pela memória cotidiana de seus habitantes e migrantes de retorno.

Assim, a pesquisa empregou técnicas de investigação social entre as quais podemos citar a pesquisa de campo realizada de setembro de 2008 a setembro de 2010, totalizando 24

[1] "Retorno" no sentido de temporário, cíclico. (Travessia: revista do migrante. Ano VIII, nº 22, 1995).

meses, com pesquisa documental nos acervos Fundação José Augusto, (Natal/RN), Centro Administrativo de Caicó/RN, Biblioteca do CCHLA/UFRN e IBGE/RN, visando os documentos relativos à festa de Sant´Ana em Caicó.

Marcada pela observação direta, a pesquisa de campo buscou fundamentalmente dados qualitativos, pois compreendo que *"observar" é contar, descrever e situar fatos únicos e cotidianos, construindo cadeias de significação.* (Oliveira, 1986, p. 103). No entanto, conduzi meu olhar por um roteiro previamente elaborado, que indicava alguns aspectos a serem observados, como os laços de parentesco, as redes de sociabilidade e de pertencimento. Também realizamos 41 entrevistas com perguntas abertas versando sobre a história familiar e da festa de Sanat´Ana com 35 dos atores festivos, totalizando cerca de 88 horas[2] de entrevistas, e mais 272 registros fotográficos e 4 horas de registros videográficos.

A etnografia e as entrevistas, bem como a análise dos dados, têm como função descrever e interpretar o objeto de estudo, desenvolvendo pontes comunicativas entre teoria e prática, descrição e reflexão. Tal diálogo permite compreender como se efetiva a lógica local, revelada na sociabilidade e na manutenção da atmosfera de pertencimento local que marca o sentimento identitário coletivo - expresso no "ser caicoense".

Nesse sentido e para iniciar nossa reflexão sobre as representações religiosas como fonte das representações coletivas, remetemos a Emile Durkheim, que pergunta: *"Mas por que a própria sociedade torna-se objeto de crença e culto?* E explica:

> "De maneira geral, não há dúvida de que uma sociedade tem tudo o que é preciso para despertar nos espíritos, unicamente pela ação que ele exerce sobre eles, a sensação do divino; porque ela é para os seus membros o que um deus é para os seus fiéis". (DURKHEIM, 1978, p. 233).

No caso de Caicó, o catolicismo ocupa lugar de destaque na cultura local, não *"apenas* [como] *um sistema de práticas e sim* [como] *um sistema de idéias cujo objetivo é exprimir o mundo"* (Durkheim, 1978, p. 233). Tal centralidade é revelada, por exemplo, no discurso do Padre Antenor[3], para quem Caicó apresenta-se como a maior comunidade católica da região do Seridó[4] e a primeira na devoção a Sant´Ana. Mesmo se não possuímos dados para confirmar ou refutar tal afirmação, a festa é a expressão de *"momentos extraordinários,*

---

[2] Anexo ao texto encontra-se um CD com as entrevistas transcritas na íntegra.
[3] Ex-pároco da Igreja de Sant'Ana em Caico/RN.
[4] Microregião do Estado do Rio Grande do Norte composto por 25 municípios: Acari, Bodó, Caicó, Carnaúba dos Dantas, Cerro Corá, Cruzeta, Currais Novos, Equador, Florânia, Ipueira, Jardim de Piranhas, Jardim do Seridó, Jucurutu, Lagoa Nova, Ouro Branco, Parelhas, Santana do Matos, Santana do Seridó, São Fernando, São João do Sabugi, São José do Seridó, São Vicente, Serra Negra do Norte, Tenente Laurentino Cruz e Timbaúba dos Batistas.

marcados pela alegria" (Matta: 1983, p.60). Recentemente também, em 10 de dezembro de 2010, a Festa de Sant'Ana foi reconhecida pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) como Patrimônio Cultural da Humanidade, o que revela a sua importância local e a relevância de pesquisas sobre essa festa em suas diversas dimensões[5].

No âmbito dessa dissertação consideramos tal festa como um grande palco onde diversos atores representam variados papéis, construindo e atualizando redes de sociabilidade e reciprocidade, reforçadas nos laços familiares, e de afinidades, buscando afirmar esses vínculos na busca de uma identidade coletiva que englobe a sociedade como um todo, pois, na condição de festa, ela contempla "uma solidariedade social mais intensa, que se manifesta por atividades rituais, regulares". (VALERI, 1979, p.95)". Mas, ainda segundo esse autor, "As festas podem se opor à sociedade "normal" ou, ao contrário, representá-la numa forma sintética e ideal, fazendo-a mais facilmente perceptível como uma totalidade" (VALERI, 1979, p.95)", sendo essa segunda alternativa mais próxima da sociedade caicoense na festa de Sant´Ana.

Muitas das minhas interrogações dos anos de 1980 se confirmaram, quando, em 2008, comecei a pesquisar a Festa de Sant'Ana, pois também em Natal percebi que as migrações de retorno para Caicó se intensificavam nesse período. Constatei também que, no mês de julho (a festa ocorre no período que compreende a segunda quinzena de Julho e a primeira semana de Agosto, sendo 26 de julho o dia da Santa[6]), muitos dos que transitavam pela cidade de Caicó não eram moradores permanentes, mas vinham de vários lugares do país e da região e também do exterior, fazendo com que a cidade "ferva", lotando todos os hotéis, pousadas e ocupando residências familiares e de amigos, bem como algumas residências que neste período alugam cômodos para os visitantes.

Muitos retornavam para visitar familiares e, focando esse movimento, aproximamo-nos de uma família da cidade que também participa da festa de modo intenso, envolvendo inclusive uma migração de retorno dos seus membros: os Capitão. Para os fins de nossa observação, esta família foi observada com mais proximidade, pois, além da grande disponibilidade e interesse em participar de nossa pesquisa como informantes, ela possuía vários integrantes que retornavam para a festa, vindos de Natal, do Brasil e de outros países como os Estados Unidos e a Holanda, onde alguns deles residem. Eles também representavam uma família com grande inserção na organização da parte religiosa da festa e com uma

[5] http://portal.iphan.gov.br/portal/montarDetalheConteudo.do?id=15773&sigla=Noticia&retorno=detalheNoticia

[6] A festa ocorre em período inserido entre a terceira semana de julho e a primeira semana de agosto, sendo que os seus onze dias de realização correspondem a datas móveis, ou seja, mudam a cada ano, sempre começando em uma quinta feira e terminando no segundo domingo após esta quinta feira, sempre incluindo o dia 26 de julho no intervalo dos onze dias.

participação constante em várias de suas edições, guardando assim um papel importante na memória local da festa. Outro aspecto mereceu minha atenção: apesar de participar intensamente da história local de Caicó há várias gerações, ela não havia sido objeto de referência nas obras da historiografia local que consultamos (O Seridó, Volume I, José Augusto, 1954, e Velhas Famílias do Seridó, de Olavo de Medeiros Filho, 1981). Não cabe aqui discutir as causas dessa ausência, apenas destacá-la para situar o leitor e explicitar também as razões de minha escolha.

Assim, a família Capitão é um fio condutor na nossa observação, pois, através da mobilidade desta família, buscamos refletir sobre as fontes sobre as quais se erguem as suas identidades familiares e locais (de caicoenses), pois, mesmo em situações migratórias, eles tecem práticas, redes e sociabilidades com seus próprios membros assim como com outros caicoenses durante e fora do período da festa. Por isso, cabe aqui uma breve reconstrução da genealogia dessa família a fim de compreender seus laços de parentesco, afetivos e de pertencimentos que permeiam suas relações sociais para além da festa, pois é "durante este tempo que se estabelecem, se criam e se transmitem todas as tradições". (Mauss, 1981, p.113). Nossa hipótese é que a festa de Sant´Anna é um fato social total, representando não apenas uma festa de santo católico, mas se configura como uma estruturante social, envolvendo uma ampla rede de laços de parentesco, afiliados, amigos e "filhos" de Caicó.

Alguns autores clássicos subsidiam nossas reflexões, entre os quais podemos destacar Durkheim e as *"Formas Elementares da Vida Religiosa"* (1978), com o seu conceito clássico de representações sociais, e Marcel Mauss, alcançando a festa como fato social total e como universo simbólico reconstrutor de identidades sociais (2000). Ainda na vertente sociológica francesa ressaltamos Maurice Hallbwachs com seu conceito de "Memória Coletiva" (2008), retomado por Bosi em *"Memória e Sociedade"* (1994). O conceito de "Sociabilidade" em Simmel (2006) também é central para nossa reflexão, enquanto Clifford Geertz (1978) nos auxilia na "descrição densa" da festa, auxiliados pelas categorias *trajetos, manchas, pedaços* e *circuitos,* de Magnani (1996).

Como um momento de efervescência coletiva, a festa da padroeira mobiliza o grupo tanto em termos econômicos, mas também em outros aspectos, como na política, pois ela é também um campo onde são apresentadas as fantasias e retóricas desse campo, e onde são "costuradas" muitas alianças políticas. A Festa de Sant'Ana possui ainda um forte componente identitário, pois propicia a reconstrução da memória da cidade e de suas famílias através de diversos elementos da cultura local, seja através da cultura material (bordados, trabalhos em couro e madeira, tecidos), da culinária com os localmente celebrados chouriços,

filhoses e buchadas[7], bem com da decoração de altares e andores. Esses elementos imprimem uma marca própria à festa, assim como o "beija", que consiste na expressão máxima de afetividade à padroeira, quando o fiel beija e toca a imagem de Sant'Ana na nave central da Igreja fazendo suas ofertas em dinheiro. Outro elemento dessa identidade local é um marco natural, o "poço de Sant'Ana", que "nunca seca".

Com o objetivo de interpretar os significados da festa de Sant'Ana, estruturamos nossa dissertação da seguinte forma: introdução, três capítulos e considerações finais (conclusão); procurando compreender sua dinâmica através da família Capitão, partindo de uma dimensão macrossociológica (sociedade e festa) a uma mais micro, centrada na família, no indivíduo e no pertencimento destes últimos à primeira, através da festa.

No primeiro capítulo, intitulado "Cidade: contextualizando Caicó, Religiosidade, História e Famílias"; apresentaremos alguns aspectos da cidade de Caicó através de sua história e alguns de seus mitos, buscando perceber outras manifestações festivas ali presentes que também podem ser reveladoras de sua dinâmica social e de sua memória.

No segundo capítulo denominado "A Festa de Sant'Ana: Padroeira de Caicó" apresentaremos a festa de Santana no ano em que completou seu 261º aniversário (2009), buscando revelar sua relação com a dinâmica local de Caicó e de como a migração de retorno da família Capitão aciona redes de sociabilidades, afetividades e trocas.

No terceiro capítulo, cujo título é "Família Capitão: Migração, Memória, Redes e Pertencimento" reduzimos nossa escala da análise, seguindo a migração e tendo a festa como o elo maior desse "retorno", pois propicia a interação dos atores dessa cidade e em especial aqueles que acompanhamos de modo mais aproximado no nosso trabalho: a família Capitão. Investigaremos nesse capítulo como a família Capitão estrutura seus laços de afetividade, de pertencimento e redes de sociabilidade que conduzem a outras famílias e àquele município.

Nas considerações finais buscamos concluir nossa reflexão sobre a festa da padroeira de Sant´Ana em Caicó, explicitando como a observação direta e participante proporcionou o elo entre nossos saberes teóricos e a prática desses atores.

Esta dissertação busca assim problematizar as dinâmicas dessa festa, através dos modos como esses sujeitos vêm constituindo suas identidades, seus pertencimentos e suas redes de sociabilidades nesse município durante os dez dias de festa.

---

[7] Os *bordados* são peças de enxoval, para cama, mesa, banho, redes e vestuário, realizados geralmente em linho e com os pontos conhecidos como *ponto cheio* e *rechiellieu*. Os chapéus são de couro, de brim e de tactel. *Chouriços* são doces feitos com sangue de porco, especiarias e açúcar. *Filhoses* são bolinhas fritas e modeladas à base de farinha de trigo e ovo, servido com mel de rapadura ou açúcar. A *buchada é uma iguaria feita com as víceras do carneiro.*

2 CAICÓ: RELIGIOSIDADE E HISTÓRIA

2.1. SANTANA E A RELIGIOSIDADE CATÓLICA

Foto 1 – Sant'Ana, padroeira de Caicó
Fonte: Acervo do Pesquisador.

O catolicismo popular designa variadas manifestações religiosas, que fomentam diferentes definições de importantes autores, acerca da religiosidade e do catolicismo popular presentes na construção dos conceitos utilizados por uma determinada sociedade, bem como o papel desempenhado pelo lugar social de quem constrói determinado conceito, no sentido de que as principais linhas destes pensamentos teológicos, sociológicos, antropológicos e históricos, refletem e contribuem para a nossa interpretação da festa de Sant'Ana.

Para Maria Isaura Pereira de Queiroz (1968), o fenômeno religioso, além de exercer grande influência nas modalidades participativas e articulativas, envolve seus membros na sociedade em que está inserido, como representa um conjunto de relações, que podem explicar como são, e como funcionam suas formações, dentro deste contexto.

Para ela, ser brasileiro significa esboçar retratos do Brasil, evocar suas imagens do Brasil, na procura das diferenças entre o Brasil e o resto do mundo. Do mesmo modo, podemos vislumbrar o "ser caicoense", significando, também, um esboço dos "retratos de Caicó", evocando imagens do "Seridó", na busca das diferenças entre o Seridó e o restante do Rio Grande do Norte.

Segundo Thales de Azevedo (1966), a religiosidade popular relaciona-se com a estrutura da comunidade local, que é relativamente "independente" da Igreja formal, sendo muitas vezes marcado pelo culto do santo da devoção do indivíduo, o qual é muito importante para identificar a maneira pela qual este se caracteriza, a partir da sua natureza privada. Com base nesse autor, as práticas religiosas, referentes às relações diretas entre o indivíduo e o santo, são marcadas pelo aspecto devocional, mediado por novenas e promessas.

Outros antropólogos procuraram aplicar modelos de pesquisa voltados às expressões do religioso, no meio rural, analisando as práticas rituais e as representações simbólicas, como nos revelou Alba Zaluar:

> "o catolicismo popular é uma religião voltada para a vida aqui na Terra. Nesse sentido, é uma religião prática e é sua prática que pretendemos estudar. Considerei, portanto, a prática religiosa local, baseada principalmente na execução de promessas e na realização de festas aos santos..." (ZALUAR, 1983 p 13-14).
>
> "o catolicismo popular deriva tanto de uma matriz erudita, não totalmente conhecida e absorvida, quanto de uma tradição coletiva e anônima" (ZALUAR, 1983, p. 32).

E com base em Brandão (1988):

> "a abordagem antropológica pressupõe um estudo sobre a identidade cultural e religiosa do homem brasileiro e, a partir de estudos de comunidade, uma abordagem antropológica das formas populares do catolicismo realiza uma primeira atualização de uma dimensão da vida e da cultura religiosas do país, até então investigadas por viajantes estrangeiros do século passado e por folcloristas do atual" (BRANDÃO, 1988, p. 29).

Portanto, fica evidente que as manifestações de fé se constituem, de maneira geral, como um valor autêntico, quando o conhecimento do homem e seus comportamentos religiosos no meio em que vive o condicionam para uma busca que vai mais além, ou seja, a busca das representações coletivas, que, segundo Durkheim (1978), são as representações religiosas exprimindo realidades coletivas.

Quando optamos por trabalhar com a Festa de Sant'Ana, padroeira de Caicó, buscamos, em diversos campos do conhecimento, ferramentas conceituais para nortear nossa pesquisa e dar conta de nossa análise, considerando o "lugar social", do mito de Sant'Ana e suas manifestações religiosas. Neste sentido, é necessário pensar a cultura que a envolve, e pensá-la significa mergulhar em vários campos do conhecimento, levantando questões e criando espaço que favoreça o diálogo, objetivando refletir sobre as formas de representações culturais e suas práticas dentro do complexo tema em questão.

Dessa forma, o fenômeno religioso não deve ser trabalhado isoladamente; devido à sua complexidade, ele deve ser relacionado às suas referências simbólicas e históricas, comportamentos e práticas sociais, porque a religião é uma construção humana, e, como tal, deve ser observada num contexto social, político, econômico, cultural e simbólico.

Segundo Pierre Bourdieu (1998), as relações de comunicação implicam, não somente relações lingüísticas, mas também relações de poder simbólico. Assim, sabemos que livros publicados pelos autores que escolhemos representam as idéias de um determinado grupo social, que, apesar de não ser homogêneo, detém o poder de expressar opiniões e de legitimá-las por meio dos textos publicados.

Desta forma, de acordo com o dicionário de Direitos Humanos (2006), a palavra catolicismo é derivada do grego e significa *"universal*". Entretanto, não é bem assim que a história nos mostra no que concerne às doutrinas que definem as crenças, o pensamento e suas práticas religiosas, pois o catolicismo "universal" regula comportamentos culturais instituindo tradições que são transferidas as gerações futuras.

Assim, o catolicismo romano dominou e influenciou o mundo por séculos, desde a Idade Média até os dias atuais, com variados níveis de rigor aplicado a seus fiéis, através de uma hierarquia bem estruturada exercendo domínio simbólico na vida dos fiéis, influenciando a vida de milhões de pessoas.

O catolicismo romano busca dar sentido às suas práticas religiosas e aos seus rituais, seguindo suas tradições doutrinárias que, em qualquer momento, são o que a Igreja, (representada pelo Papa), diz ser o que elas são.

Um exemplo dessa autoridade é o Concílio de Trento, um dos mais relevantes da história da Igreja Católica[8]. São consideradas tradições católicas, além de indulgências, o celibato de padres e freiras, rezas para os mortos, o purgatório, o papado, a missa, a água benta, o rosário, sobretudo, a adoração aos santos e à Virgem Maria, mãe de Jesus.

Para a Igreja Católica Romana, Maria é objeto de adoração, representando um símbolo de poder, de grande simpatia e carisma. A prova disso são as inúmeras designações que ela recebe, cada uma representando uma especificidade dessa personagem.

O Novo Testamento (Bíblia Sagrada: nova versão internacional, 2001), surpreendentemente, relata muito pouco a respeito de Maria. Suas palavras registradas foram pronunciadas em um casamento em Caná, bem no início do ministério de Jesus: *"o que Ele disser, faça"!*(Jo. 2:5) Assim sendo, na tradição da Igreja Romana, a partir do Concílio de

[8] Principais decisões do Concílio de Trento (1545-1563): retorno da Inquisição; contra a reforma de Lutero; doutrina sobre a Escritura e tradição; santificação de Maria. Roman Catholicism, Boettner, 1978.

Trento, ela (Maria) é enaltecida como um ministério[9] de trabalho e devoção, mesmo se na tradição bíblica os apóstolos nunca tenham rezado para Maria, pois não há registro demonstrando que eles tenham devotado qualquer tipo de adoração ou honraria a ela. Quanto a Pedro, Paulo, João e Tiago, eles não mencionam sequer o nome de Maria em suas epístolas[10] escritas às igrejas de sua época. Sabe-se que João tomou conta dela até sua morte, mas sem registro ou formas especiais de adoração a ela.

Como explicar, então, a indicação de devoção e adoração, criada em torno de Maria, pelo Romanismo Papal? Isto se deu através de um trabalho cuidadosamente bem elaborado e estruturado, realizado durante séculos pela Igreja Católica, com uma doutrina extremamente eficaz, em torno de Maria, "a mãe de Deus" como é conhecida hoje, quando conhecemos uma verdadeira *Mariamania*, ou seja, *Mariania*, enaltecendo o mito de Maria, superando todos os outros mitos criados pela Igreja Católica.

Ao pesquisar as Escrituras Sagradas encontra-se uma passagem em que a própria Maria, em visita a Isabel, diz à sua prima: *"minha alma engrandece ao Senhor e o meu espírito se alegra em Deus meu salvador..."* (Bíblia Sagrada: nova versão internacional, 2001, Lc 1:46-47). Apesar desses versículos apresentaram-na como serva, e não como rainha, o Catolicismo Romano se encarregou de nomeá-la com muitos títulos honoríficos, dentre eles: *Mãe de Deus, Rainha dos Apóstolos, Rainha dos Anjos, A porta do paraíso, O portão do céu, Nossa vida, Mãe da Graça, Mãe da Misericórdia, Rainha dos Céus;* todos criados pela retórica papal, fortalecendo o mito não só de Maria, mas de Sant'Ana sua mãe, também.

O que se sabe vem de primitivos apócrifos, citados e estudados pelos padres da Igreja Oriental, principalmente por Santo Epifânio[11] e São Gregório de Nissa[12]. A Igreja se reporta ao Proto-Evangelho de São Tiago escrito provavelmente no ano de 150, nos princípios do Cristianismo, e nos revela que Sant'Ana foi a mulher escolhida por Deus para ser a mãe da "Bem Aventurada", "Santíssima Maria" e "Avó do Salvador Jesus Cristo". Ana, cujo nome em Hebraico significa "Graça", era de Belém e descendia do sacerdote Aarão, irmão mais velho de Moisés. Joaquim, o esposo de Ana, cujo nome bíblico traz no seu significado "o homem a quem Jeová confirma", era galileu da cidade de Nazaré. Pertencia à linhagem régia de Davi e era um parente próximo de José, que anos mais tarde desposou Maria. Sant'Ana e São Joaquim são citados como israelitas dotados de posse e, na comunidade em que viviam,

---

[9] Ministério aqui significando trabalho ou função de serviço na Igreja, ou seja, aquilo que é feito com as mãos, dando uma ideia de serviço. (Aurélio eletrônico).
[10] Espécie de cartas ou lições que os apóstolos ensinavam a comunidades cristãs primitivas.
[11] Doutor da Igreja considerado uma das maiores autoridades em Mariologia. Nasceu em 315, na cidade de Besanduque, Judéia, e morreu em um naufrágio em 403.
[12] Teólogo místico e escritor Cristão nasceu e morreu em Cesaréia, Capadócia (330-395).

eram vistos como pessoas muito justas, honestas e obedientes aos mandamentos das leis divinas. Sant'Ana era quem administrava os bens da família, dividindo-o em três partes: uma destinada ao templo e seus servidores, outra parte aos pobres necessitados e uma terceira parte para o sustento próprio.

Segundo o Proto-Evangelho[13], eles viveram casados durante vinte anos, sem que tivessem filhos, porque Ana era estéril. Assim, fizeram um juramento a Deus: se tivessem um descendente, entregá-lo-ia aos cuidados do templo. Esperando um dia alcançar essa graça, nunca deixaram de ir ao templo e de participar das festividades em Jerusalém.

Numa determinada ocasião, Joaquim e outras pessoas de sua comunidade estavam participando de um dos festejos de Jerusalém, e, ao se aproximar do altar para fazer sua oferenda, foi impedido por Ruben, um sacerdote do Templo[14], que, indignado, repreendeu-o e o afastou dali, alegando que sua infecundidade em nada havia contribuído para o crescimento do povo de Deus, e, assim, não tinham o direito de entrar no Templo.

Com seu orgulho ferido e sentindo-se desonrado, Joaquim não voltou para casa e seguiu com os outros pastores para o deserto, onde permaneceu jejuando e orando por quarenta dias. Até que teve uma visita de um anjo que, envolto por uma intensa luminosidade, disse: "Eu sou o anjo do Senhor e vim anunciar-lhe que suas preces e esmolas subiram até o Senhor". Assim sendo, sua esposa foi abençoada e dará a luz uma menina e vocês a batizarão pelo nome de Maria e sua descendência será bendita entre os povos. Retorne à sua casa e, quando chegar à porta dourada de Jerusalém[15], Ana irá ao seu encontro, repleta de alegria.

Assim, agraciado pela bondade divina, Joaquim o fez. Ao chegar a Jerusalém, Ana o esperava radiante em frente à porta dourada, como o anjo lhe dissera. Seguiram direto para o templo onde agradeceram e renovaram a promessa de oferecer a criança ao serviço do Senhor.

Após a morte de Ana, parte de suas relíquias foram transportadas da Palestina para Constantinopla, no ano 170 D.C., tendo sido distribuída por muitas igrejas do Ocidente. Uma delas encontra-se em Durem (Renânia), Alemanha, na Igreja de Sant'Ana.

No Ocidente, sua devoção inicia-se em meados do século VII, mas sua festa só foi introduzida no século XII, na liturgia romana, por conta das cruzadas. Tornou-se popular por volta do século XIV, através da correlação existente com a doutrina da Imaculada Conceição. São Joaquim só entrou para o calendário litúrgico do Ocidente em 1522.

---

[13] Evangelho apócrifo escrito no século II. Antes de ser publicado no final do século XVI, tinha o nome de Livro de Tiago.

[14] Principal centro de culto religioso, onde se realizavam diversas ofertas e sacrifícios do antigo povo de Israel.

[15] Portão fechado no lado oriental, construído aproximadamente em 640 D.C., pelos últimos bizantinos ou pelos primeiros conquistadores árabes. A tradição árabe compara este portão com a pessoa de Davi, quando este mandou edificar a "porta principal" da cidade (construída mais tarde por seu filho Salomão).

Desta forma, a origem do culto a Sant'Ana e sua devoção no mundo se deu no final da era medieval, na Europa, tornando-se bastante popular.

O culto público de Sant'Ana aprovado pela Santa Sé data de 1378, ano que o Papa Urbano VI o permitiu aos católicos da Inglaterra. Assim, em 1584, Gregório XIII confirmou e aprovou a festa de Sant'Ana, fixando-a para o dia 26 de Julho. No entanto, em 1879, Leão XIII a estendeu a toda Igreja, sendo que sua devoção no Oriente é muito mais antiga.

A chegada do culto de Sant'Ana ao Brasil se deu provavelmente através dos portugueses, no início da colonização, chegando primeiramente ao sudeste do país, expandindo-se a partir daí para todo território brasileiro.

No Rio Grande do Norte, seu culto teve início no século XVII. Chegando até Caicó, a festa de Sant'Ana ficou caracterizada como "Festa da Família, do Encontro, da Esperança, do Amor e da Fé", e é considerada segundo, Padre Antenor, ex- pároco de Caicó, como uma das maiores manifestações religiosas de todo o sertão nordestino.

Para o caicoense, nada disso tem a menor importância, e nem muito menos a extensiva doutrina criada pelo Papa Pius XII. Na realidade, o que importa para eles é a Excelsa Senhora Sant'Ana, mãe de Maria e avó de Jesus, razão de sua devoção, e propósito maior no compromisso de alimentar seus sonhos, sua fé e sua idolatria.

Ao buscarmos por fatores que resultam em poder e influência da Igreja Católica, em Caicó/RN, onde Sant'Ana é padroeira, seu culto representa um dos rituais de adoração mais importantes para a reunião de fiéis na região do Seridó norte-rio-grandense. Tal herança do catolicismo português é atualizada até os dias de hoje, através de um dinamismo eclesiástico da Igreja Católica na região do Seridó. Entretanto, não devemos deixar de considerar as misturas étnicas que a este culto de matriz europeia evidente vieram somar outros como se verifica no culto de Nossa Senhora das Candeias, combinada com a festa de Iemanjá, ("a mãe-d'água"), no Candomblé, no mesmo dia que a festa de Sant'Ana.

Assim, viajar pela memória de Caicó é mergulhar em sua história, é viajar na história de um povo, de Queicó[16] até Caicó de hoje, observando que história e mito caminham juntos construindo a memória desse povo. E, no entanto, falar de Caicó é falar de Sant'Ana, assim como falar de Sant'Ana é falar de família.

Segundo Cirne (2004, p.21), Caicó *"é mais que uma cidade, é uma pátria"* que teve sua construção iniciada na Fazenda Penedo, em 1735, denominada Povoação de Caicó. Elevou-se à condição de vila em 1788, sob o nome de Vila Nova do Príncipe, e

[16] Rio Acauã chamado pelos índios Tapuias de *Queiquo*: Quei significando rio e *Quo (cuó)*, designando um pássaro de rapina (Cirne,2004).

possivelmente, à categoria de cidade, passando a se chamar, então, em 1868, Cidade do Príncipe. Depois, em 1869, de Cidade do Seridó, e, finalmente, Caicó, em 1890.

Segundo Medeiros Filho (1984), a primeira Capela da Senhora Sant'Ana fora construída nas proximidades do Poço da Casa Forte do Cuó (mesmo Poço de Sant'Ana), local onde teria sido construída a Casa Forte do Cuó, e onde foi fundado, em 1700, um arraial sob a denominação de Arraial de Acauã. O referido arraial foi elevado à condição de Povoado, instalando-se, assim, a Povoação de Caicó na Fazenda Penedo, ou seja: primeiramente, surgiu o arraial e não o povoado, como coloca Moacyr Cirne (2004).

2.2. ASPECTOS DA CIDADE DE CAICÓ

Na história colonial brasileira, as cidades florescem após o aparecimento de capelas e igrejas, que, inevitavelmente, vêm acompanhadas de estórias. Segundo a historiografia local, a primeira povoação de Caicó surge também nesse contexto, como reitera a sua tradição oral, responsável pela perpetuação desse movimento real e irreal de lendas, fruto da imaginação popular e reiterada em diferentes narrativas a respeito do mito Sant'Ana, que envolve esse lugar e o seu povo. Desta forma, Caicó surge através das referências e protagonistas comuns, como veremos abaixo em três dos relatos mais conhecidos e publicados.

> "**Primeiro relato:** "No lugar onde hoje é a cidade de Caicó, o que havia era só mofumbo[17]. Mas, certa vez, durante a seca, apareceu por lá um fazendeiro de Jardim de Piranhas, procurando um touro que há dias havia desaparecido do curral. Encontrou-o nesta mata de mofumbos, mas o animal, parecendo um demônio, marchou furioso para derrubar cavalo e cavaleiro. Este correu apavorado, fugindo da perseguição do touro, lembrando-se, porém, na aflição, de fazer promessa de uma capela à Senhora Sant'Ana, no lugar onde o touro o abandonasse. Foi então que, olhando para trás, viu que o animal desaparecera, seguindo outro caminho. O fazendeiro voltou ao sítio de Jardim de Piranhas e, expondo o ocorrido a seus trabalhadores, estes se prontificaram a construir a Capela, exatamente no local onde está, hoje, a Catedral de Santana de Caicó. Construída a Capela, mais tarde, começou um pequeno núcleo de habitações, que deram início à atual cidade" (Dantas, 2001 p.97-98).**Segundo relato**: "Diz o informante ao Dr. Francisco de Assis Medeiros que um fazendeiro vinha de Acari e não de Jardim de Piranhas. Perdido no intrincado mofumbal, existente às margens do Rio Seridó, e sem acertar a saída, o fazendeiro ajoelhou-se e fez a promessa a Sant'Ana de construir uma capela naquele lugar, caso conseguisse encontrar o caminho de volta. Assinalou

[17] Cipoaba. Arbusto trepador, da família das combretáceas (*Combretum leprosum*), cujas folhas, que encerram saponina, são revestidas de pequenas escamas muito peculiares, e cujas flores são amarelas, dispostas em panículas terminais solitárias, sendo o fruto uma sâmara aveludada, com alas elípticas e transversalmente estriadas; mofumbo, mofumo, mufumba.

> então com uma cruz o local da promessa. Montou o cavalo e este, de rédeas soltas, descobriu uma vereda, reconduzindo-os até o caminho de volta para o Acari. Dias depois, retornando ao local, o fazendeiro rico mandou construir a capelinha para Santa Ana"(Dantas, 1001, p.97-98).**Terceiro relato**: Este terceiro relato é uma espécie de síntese dos dois anteriores o que nos permitem deduzir ter sido um boi o causador da fundação da cidade. No livro "Denominação dos Municípios", (Dantas 1941), encontra-se esse relato para a origem da cidade: "Quando o sertão era virgem, a tribo dos "Caicós" (Indígenas locais), célebre por sua ferocidade e que se julgava invencível porque Tupã vivia ali, encarnado num touro bravio, habitava um intrincado mofumbal, existente no local onde hoje está situada a cidade. A tribo foi destroçada, mas o misterioso mofumbal, morada de um deus selvagem, permaneceu intacto". "E ele conhece. "Certo dia, um vaqueiro inexperiente penetrou no mofumbal, vendo-se, de repente, atacado pelo touro sagrado. O vaqueiro, no entanto, lembrou-se de fazer voto a N. S. Sant'Ana, de construir uma Capela ali, se a santa o livrasse a tempo do perigo. Milagrosamente o touro desapareceu e o vaqueiro, logo que foi possível, desmatou a área e iniciou a construção da capela".(Dantas, 1941, p. 97-98).

Portanto podemos deduzir através desses relatos que Sant'Ana é histórica e está ontologicamente vinculada a Caicó, através da evocação da sua devoção e posterior construção da capela. Com o passar dos anos, aumentaram-se as construções de casas ao redor da capela do fazendeiro salvo milagrosamente por Sant'Ana, ou por sua atuação ou porque o local era atraente em virtude da fecundidade das terras, banhadas pelas confluências dos rios Seridó e Barra Nova. A construção encontra-se entre as primeiras moradas na povoação do lugar (1730), nas terras do Português Manoel de Souza Forte, onde foi construída a primeira capela de Sant'Ana. Mais tarde, em 1748, a capela foi transformada em igreja, enquanto a cidade também crescia em habitantes e em novas construções, dando origem à Rua da Matriz, que já se chamou Rua Marquês de Herval, a primeira Rua de Caicó.

Assim, através da memória desses marcos inaugurais de Caicó, esse município se formou acompanhado de Sant'Ana, e sua devoção e veneração foi trazida pelos colonizadores portugueses e foi instituída pelo menos desde 26 de Julho de 1748, quando há registro de que a Igreja Católica e o povo celebraram os louvores à sua padroeira (Augusto, 1982, p.47) com o Hino de Sant'Ana[18] que transcrevo a seguir:

Senhora doce e clemente,
Mãe da graça e do perdão.
Abrigai-nos docemente,
Dentro em vosso coração.

Coro

[18] Segundo Pe. Antenor, a letra deste hino é bem antiga, cantada pelos sertanejos da região. Por volta de 1936, a Sra. Palmira Wanderley deu-lhe um melhor formato, corrigindo-lhe o português e acrescentando-lhe alguns termos e suprimindo-lhe outros. O verdadeiro autor é desconhecido.

Salve Sant'Ana gloriosa,
Nosso amparo e nossa luz.
Salve Sant'Ana ditosa,
Terno afeto de Jesus

Vossos filhos desta terra,
Vos suplicam que sejais;
O seu refúgio na guerra,
E sua alegria na paz.

Além de Sant'Ana, em Caicó, outros mitos são conhecidos, revelando inclusive naquela cidade a existência de seres fantásticos como uma bela sereia que habita no fundo de um poço (Poço de Sant'Ana), de onde sairia ao pôr-do-sol para pentear seus lindos cabelos longos nos lajeiros que emolduram a porção d'água.

Outro mito também relativo ao Poço de Sant'Ana é o que completa o combate entre Tupã e o vaqueiro, onde o espírito do deus índio, ao ser expulso do touro, teria tomado a forma de uma serpente gigante que se abrigaria nas águas do poço, ameaçando destruir a cidade se algum dia o poço secasse, ou se o rio transbordasse e suas águas atingissem o altar da igreja matriz.

Tal Poço de Sant'Ana foi, por muitos anos, a principal fonte de abastecimento de água para a cidade, tendo sido inclusive o cenário de embates históricos relevantes quando, em 1873, uma forte resistência do povo local, conhecida como a revolta "Quebre-Quilos", se mobilizou contra a adoção do sistema métrico-decimal no Império, tendo o povo atirado ao poço quilos de pesos metálicos. (Cirne, 2004)

Atualmente, o Poço de Sant'Ana encontra-se poluído, assoreado e necessitando de uma intervenção urgente, de modo a que possa ser eficaz à sua fauna e flora, e ao povo de Caicó, que lhe confere tanta importância atestada pelas suas narrativas orais e memória.

Foto 02 – Poço de Sant'Ana
Fonte: Acervo do Pesquisador

Assim, se a cidade começa a existir a partir da aliança das famílias, fratrias, tribos segundo aquelas que conhecemos hoje, podemos pensar sobre as mobilidades sociais e sobre

as questões de identidade étnicas mais especificamente a uma preocupação particular com relação à emergência dos movimentos culturais urbanos. (Agier, 2008).

Segundo Weber (1973) a cidade ocidental é marcada como um lugar de mercado e ele a define sob diferentes aspectos, num esforço para explicar e esclarecer a sua natureza desenvolvendo uma tipologia "ideal" a partir de vários tipos de cidade que existiram no passado. Com suas diferentes origens, Weber enfatiza a importância do mercado para o seu desenvolvimento e assim elabora seu conceito de cidade enfatizando a existência de uma comunidade relativamente autônoma, tanto no nível objetivo quanto no nível subjetivo. Portanto, a cidade é uma pré-condição da existência do capitalismo, principalmente por serem cidades definidas, e, de acordo com seu modelo, ela é parte integral da sociedade, finaliza Weber.

E, de acordo com Simmel, os problemas mais profundos da vida moderna fluem na tentativa do indivíduo manter a sua individualidade e a independência da sua existência contra o peso da herança histórica, da cultura externa e da técnica de vida. Este antagonismo representa uma forma mais moderna do conflito que o homem "primitivo" deve carregar através da natureza da sua própria existência física. No século XVIII, é possível verificar a liberação de todos os laços que cresceram historicamente na política, na religião, na moral e dentro de uma ordem econômica que permite a virtude original do homem, a qual é igual a todos, para desenvolver sem inibição; no século XIX, é possível ter perseguido promover, somado à liberdade do homem, sua individualidade (a qual está conectada com a divisão de trabalho), e seus feitos que o faz único e indispensável e, ao mesmo tempo, torna-o tão dependente em relação às atividades complementares de outros. Nietzsche pode ter percebido a luta cruel do indivíduo como um pré-requisito para seu total desenvolvimento, enquanto que o Socialismo encontrou a mesma coisa na opressão de todas as competições – mas em cada uma delas o mesmo motivo fundamental estava no foco do trabalho, chamado de resistência do indivíduo para ser equilibrado, engolido pelos mecanismos sócio-tecnológicos. Quando alguém pergunta sobre os produtos de específicos aspectos modernos da vida contemporânea referindo-se ao seu significado mais profundo – quando, alguém examina o corpo da cultura, referindo-se a alma, como Simmel (1987) pensa a cidade – a resposta demanda uma investigação do relacionamento que tal estrutura social promove entre os aspectos individuais da vida e daqueles que transcendem a existência de um só indivíduo. Requer uma investigação das adaptações feitas pelas personalidades em seus ajustes às que estão fora dela.

A fundação psicológica, sobre a qual a individualidade metropolitana é erigida, é a intensificação da vida emocional devido à imediata e contínua transferência do estimulo

externo e interno. O homem é uma criatura cuja existência depende das diferenças, isto é, sua mente é estimulada pelas diferenças entre as impressões presentes e aquelas que a precederam. As últimas impressões, a insuficiência de suas diferenças, a regularidade de seu curso e contrastes entre eles, consomem, no ponto de vista de Simmel (1987), menos energia do que os rápidos e curtos processos de transformação das imagens de troca, diferenças pronunciadas dentro do que é captado numa simples olhada e o estímulo da violência inesperada. Tal dimensão da cidade cria essas condições psicológicas – através de cada atravessar de rua, através do ritmo e da multiplicidade da economia, ocupacional e da vida social – nas próprias fundações sensoriais da vida mental e no grau de consciência necessário por nossa organização como criaturas dependentes das diferenças, um profundo contraste mais lento, mais habitual, num fluxo rítmico mais leve da fase da vida dos sensores-mentais da pequena cidade e da existência rural. Relacionado a isso, o caráter essencialmente intelectual da vida mental da metrópole torna-se mais inteligível quando comparado àquela pequena cidade onde se vive mais pautado em cima de sentimentos e relacionamentos emocionais. Essas últimas estão enraizadas no grau de inconsciência da mente e desenvolve mais rapidamente um equilíbrio estável de costumes inquebráveis. O local da razão, por outro lado, é o lúcido, consciente que reside na camada superior da mente, e é a mais adaptável do interior de nossas forças. Para que possamos nos adaptar melhor às trocas e contradições dos eventos, não se faz necessário os distúrbios e revoltas internas que são o único significado, segundo as quais as personalidades conservativas são capaz de se adaptar nelas mesmas ao mesmo ritmo de eventos. Assim, o tipo metropolitano – que naturalmente leva a diversas modificações individuais – cria um órgão protetor para si mesmo contra o profundo rompimento com as flutuações e descontinuidades do local externo que os ameaça. Ao invés de reagir emocionalmente, o tipo metropolitano reage primeiramente de maneira racional, e, assim, criando uma predominância através da intensificação da consciência, cuja atividade é causada por ela. Desse modo, a reação de uma pessoa da metrópole com relação a esses eventos que são movidos dentro de uma esfera de atividade mental que é a menos sensível é o mais distante das profundidades da personalidade.

Essa qualidade intelectual, que é reconhecida como uma proteção da vida privada contra a dominação da metrópole, torna-se ramificada dentro de numerosos e específicos fenômenos. A metrópole tem sido o centro da economia monetária por causa da concentração de atividades comerciais que nos faz pensar nossa própria vida, nossa inserção na sociedade e nas relações sociais estabelecidas dentro do contexto urbano.

Assim, sabemos que, numa sociedade complexa, a cidade tem múltiplas faces, às vezes contraditórias, que lhe impõem ritmo e contornos próprios, com formas, cores, sons, sotaques, linguagem, roupagem, odores, volume e movimentos. Nela encontra-se uma grande variedade de indivíduos, pobres, velhos, ricos, jovens, das mais variadas religiões, etnias e nacionalidades diferentes, pois:

> "ela não somente é, em graus sempre crescentes, a moradia e o local de trabalho do homem moderno, como é o cenário iniciador e controlador da vida econômica, política e cultural que atraiu as localidades mais remotas do mundo para dentro de sua órbita e interligou as diversas áreas, os diversos povos e as diversas atividades num universo" (WIRTH, 1973, p. 91). Portanto, "uma cidade pode ser definida como um núcleo relativamente grande, denso e permanentemente, de indivíduos socialmente heterogêneos". (Id. P.96).

É importante também pensá-la não apenas como um mero amontoado de pessoas e de arranjos sociais, mas como uma instituição, ou seja, uma instituição que consiste de um conceito que representa uma idéia, que implica atitudes organizadas apoiadas numa estrutura coletiva envolvendo cooperação e prescreveu caminhos numa perspectiva de unidade. A estrutura sustenta o conceito e fornece os instrumentos que os trazem para o mundo dos fatos e ações numa determinada forma de servir os interesses do homem na sociedade.

Isto significa dizer que uma instituição é uma seção corporativa de seres humanos somado ao maquinário e aos instrumentos através do qual esse ser humano opera, ou seja, a partir dessa concepção de uma instituição, podemos pensar a cidade como um lugar com pessoas, com todo um aparato de máquinas, sentimentos, costumes, e dispositivos administrativos. (Park, 1984).

No espaço citadino, a cultura se faz, e se refaz, em um movimento sincronizado, de chegadas e partidas, de idas e de vindas significativas, celebrando o ciclo vital dos homens com casamentos, batizados, aniversários e festas de modo geral, formando verdadeiras redes de sociabilidades e de pertencimento, ou seja, as formas pelas quais pessoas individualizam a sua cultura alterando seus aspectos para que possam criar suas próprias. (Certeau, 1996).

De acordo com Medeiros Filho (1984) todo o povoamento do sertão nordestino estava ligado diretamente às culturas dos ciclos do gado e do algodão enquanto a demanda do açúcar no mercado internacional (durante os séculos XVI e XVII) determinou a expansão da cultura canavieira na Zona da Mata e, parcialmente, no agreste nordestino.

Os numerosos conflitos entre plantadores de cana e criadores de gado nas áreas ocupadas predominantemente pelos canaviais forçaram o governo colonial a estabelecer uma nova divisão espacial do trabalho: como dispunha a Carta Régia de 1701, ficou proibida a

criação de gado a menos de 10 léguas da costa. A partir de então a Zona da Mata ficou reservada ao plantio de cana-de-açúcar enquanto o sertão ficou reservado à pecuária.

Se a pecuária sertaneja se desenvolveu pelo menos na sua fase inicial, na condição de economia de subsistência e complementar à economia açucareira, o "ciclo do gado"[19] posterior impulsionou o povoamento do sertão nordestino e, consequentemente, da região do Seridó, no qual surgiram currais de criação de gado.

À medida que a colonização avançava em direção ao interior, surgiram conflitos entre esta e os nativos que também apresentavam resistência. Uma das mais conhecidas e historiografadas foi a *"A Guerra dos Bárbaros (1687-1697)"*, travada principalmente no vale do Açu e do Apodi, mais atingindo, também, o Seridó, até Acauã (hoje Acari), onde os índios Cariris e Caicós resistiram. Somente após a derrota dos portugueses (1697) foi possível estabelecer o povoamento definitivo do Seridó e demais micro-regiões do sertão potiguar, quando foi construída a Capela de Sant'Ana, em 20 de setembro de 1695.

Apenas em 26 de Julho de 1748 a Gloriosa Sant'Ana "toma posse". Como registra Medeiros Filho (1984), quando foi escolhido um novo local para ser erguida a nova Capela Matriz, tendo, como primeiro vigário da recém criada freguesia, o Padre Francisco Alves Maia. Assim, após a construção da matriz, a antiga capela perdeu em parte a sua importância, passando a funcionar a partir de então como Capela de Nossa Senhora do Rosário. Sua pouca conservação levou-a à condição de ruína entre 1789 e 1800, assim como a Casa-Forte do Cuó, presentes nessa condição até hoje no Sítio Penedo, como marcos da memória local.

Sabe-se de acordo com Medeiros Filho (1984) que a imigração portuguesa para a região do Seridó foi predominantemente dos Açores, do Minho, do Douro, da Estremadura e de Trás-os-Montes.

Segundo ele (Medeiros Filho, 1984), a região do Seridó recebeu o aporte português das famílias: Ferreira das Neves, Araújo Pereira, Rodrigues da Cruz, Pereira Monteiro, Garcia de Sá, Alves dos Santos, Azevedo Maia, Lopes Galvão, Rocha Gama, Fernandes Pimenta e Carneiro de Freitas. De cada um destes troncos, surgiram várias outras famílias, das quais salientamos, nos anos 1930, em Caicó, três famílias muito importantes: Saldanha, Suassuna e Maia. Ainda conforme Medeiros Filho (1984), as visitas entre elas ocorriam com freqüência, principalmente nos dias de feiras, para compra e venda de gado, de cavalos amestrados, ou durante os festejos da padroeira da cidade, Sant'Ana. Desde então, a festa de Sant'Ana atraía

---

[19] O ciclo do gado é definido por José Augusto (1954, p. 24-25.) compreendendo os séculos XVI e XVIII; caracterizado por "uma maneira de viver própria".

participantes oriundos principalmente dos sertões vizinhos de Pernambuco, Paraíba e do Rio Grande do Norte.

Para esse autor, várias cerimônias religiosas e litúrgicas tomavam corpo e revestindo-se então de grande pompa, quando a Igreja Matriz ficava cheia das mais ilustres figuras da sociedade seridoense e de outros recantos, para adorar e louvar a padroeira.

Aqueles que pertenciam às classes mais afortunadas ficavam de um lado, ocupando pavilhões e sendo servidos pelas melhores moças das melhores famílias, enquanto leilões e ofertas de prendas se faziam para que a renda fosse coletada, e pudesse ser destinada às obras da Igreja. Já os menos afortunados socializavam-se através do consumo de álcool e dos jogos de azar, laquinê, bacará e roleta. Outras atrações para as crianças e jovens aconteciam à tarde, como, por exemplo, em carrossel de cavalinhos e outros brinquedos. À noitinha, as jovens dos sítios desfilavam com as suas melhores vestes, depois de caminharem muito até a entrada da cidade onde limpavam os pés e pernas e então calçavam seus sapatos. Acompanhadas de seus namorados, elas disputavam uma vaga nas atrações do Parque de Diversões.

Esses últimos considerados "interioranos", do "mato" e "rústicos", geralmente habitavam nas imediações de Caicó, chamados de "beradeiros e beradeiras" provavelmente porque eram considerados "as beiras", vivendo às margens ou bordas da cidade por serem da periferia e da Zona Rural do Município.

Para Medeiros Filho (1984) esse acontecimento era condimentado com bandas de música da cidade e das cidades vizinhas, as quais enchiam de encantos a todos com suas performances bem ensaiadas em que predominavam as valsas. Um espetáculo à parte acontecia: era a performance da Banda Recreio Caicoense, a qual encantava e deleitava o povo no centro da praça com seu belo repertório.

Já as moças da sociedade desfilavam sua elegância, enquanto seus pretendentes ficavam atentos à sua passagem. A festa era considerada uma "festa de família", de reencontro, da recordação, da esperança, do amor e, sobretudo, da fé, o que ainda hoje se repete. Romances nasceram e olhares incendiados de paixão brotaram na Festa de Sant'Ana e culminaram em casamentos.

De acordo com Pereira (1996), o turismo na cidade atingia seu ápice com hotéis e pensões completamente lotados (e hoje em dia não é diferente). As famílias também abriam as suas portas para receber parentes e amigos, muito deles vindo de longe: Rio de Janeiro, São Paulo e outras capitais do Brasil, e às vezes do exterior.

Segundo Pereira (1996), às tardes, os rapazes desfilavam seus ginetes e arreios de luxo, enfeitados de prata e selas feitas com capricho e zelo. Muitos deles montavam a cada dia

um cavalo diferente, pomposo, amestrado, com passadas elegantes, enquanto as moças se deleitavam com tais demonstrações de poder e destreza e aplausos, e enchiam o ambiente aguardando o agradecimento dos que retiravam o chapéu e fazendo o animal levantar suas patas.

O clima seco do lugar torna o solo escaldante, desenvolvendo uma paisagem árida ao mesmo tempo em que as serras verdejantes gritam e marcam sua presença nessa região, onde a representação do sertão é descrita como o berço da cultura brasileira, de grandes poetas de um lado, e de "selvagens" e místicos, de outro. (Pereira, 1996).

Se o clima de Caicó não mudou muito, sua população cresceu, e, de acordo com o Censo Demográfico de 2000, sua população urbana é constituída por 50.624 habitantes, enquanto sua população rural representa 6.378 habitantes, formando um total de 57.002 habitantes (IBGE, CENSO DEMOGRÁFICO 2000). Em 2007, a população de Caicó apresentava um total de 60.656 habitantes (IBGE, CONTAGEM DA POPULAÇÃO 2007).

A região do Seridó divide-se em duas microrregiões: Ocidental e Oriental, composta por vinte e oito (28) municípios. Historicamente, o desenvolvimento econômico da região esteve ligado às atividades econômicas florescentes da agropecuária, do algodão e da mineração, que formavam a base produtiva da região.

Assim, a Festa de Sant'Ana em Caicó tem sido uma ponte estratégica para o fortalecimento da identidade daquela sociedade como revela seu importante acervo arquitetônico, onde encontramos o Antigo Casario Caicoense, em estilo colonial, localizado também no largo da Matriz de Sant'Ana, no centro histórico-cultural de Caicó.

A queda da cotonicultura e da mineração inseriu essa região e a cidade de Caicó em um contexto de crises, que contribuíram para a decadência da economia da região, entre os decênios de 1970 e 1980. Entretanto, nos dias atuais, a estrutura produtiva da região é pautada em um conjunto de atividades econômicas em torno da cajucultura, agroindústria, cerâmica, bordados, doces caseiros, artesanato e, em especial no turismo, que tem desenvolvido, significativamente, os aspectos culturais e religiosos daquela região.

O Serrote da Cruz, em Caicó, também apresenta sua história reveladora de práticas devocionais populares, localizado bem próximo ao Rio Seridó. A Casa de Pedra de construção colonial datada de 1730 é outro atrativo local, construída por Antonio da Rocha Gama (português) e sua esposa Dona Isabel Maria de Jesus.

Outro local que destacamos é o Sobrado do Padre e Senador Francisco Brito Guerra, construído entre 1810 a 1811.

Já a construção da Catedral de Sant'Ana está diretamente ligada ao crescimento e desenvolvimento do povoado de Queiquó. Apoiado pela freguesia da Gloriosa Sant'Ana do Seridó, o padre Francisco Alves Maia, no dia 26 de julho (dia da padroeira), ergueu um Cruzeiro, iniciando a construção do templo, por volta de 1748, cuja conclusão se deu em 1785, onde os fiéis já participavam dos acontecimentos religiosos que ali aconteciam.

No mundo inteiro existe a tradição de erguerem-se monumentos para celebrar conquistas, um fato ou mesmo até uma personagem histórica: em Caicó não foi diferente, pois até erigiu-se o Arco do Triunfo, monumento concluído em 15 de agosto 1958, em comemoração à visita da imagem peregrina de Nossa Senhora de Fátima, de Portugal, ocorrida em 22 de novembro de 1953. O Arco do Triunfo encontra-se localizado no Largo da Matriz de Sant'Ana em homenagem e tributo à memória da santa de Fátima de Portugal.

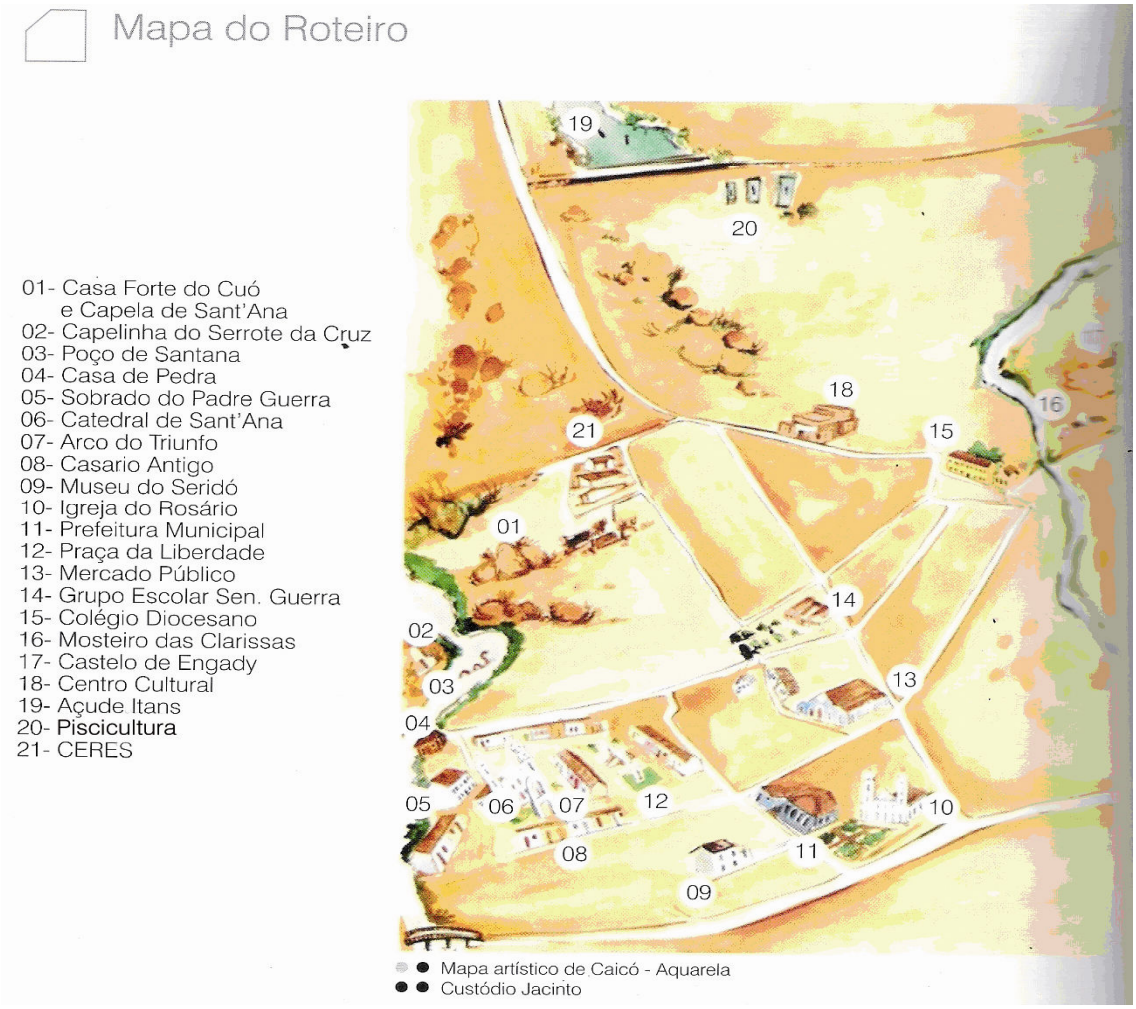
No centro da cidade identifica-se o Museu do Seridó, (no antigo prédio do antigo Senado da Câmara) e a Cadeia Pública da Vila do Príncipe, construída em 1812, que apresenta seu acervo central, o *Seridó, Terra Nossa de Cada Dia*.

Na Praça ou Largo do Rosário, observa-se o templo da Igreja do Rosário, mas não há registro do ano em que foi construída. Entretanto, a sua remodelação, marcada em sua fachada central, foi realizada em 1864.

O antigo prédio da Prefeitura Municipal de Caicó, situado no centro, revela uma arquitetura com traços do ecletismo neoclássico. A construção foi iniciada em 1888, durante o período monárquico e concluída em 1890. De colégio para meninos, passou a ser um local de lazer para a elite caicoense, de solenidades, bailes de pompas e até de teatro, com a Sociedade Dramática Caicoense. Nos dias atuais, o Centro Administrativo de Caicó encontra-se instalado no antigo Hotel Vila do Príncipe (anos 60) no centro da cidade.

A Praça da Liberdade, localizada entre a Igreja do Rosário e a Matriz de Sant'Ana, antes conhecida como Praça do Mercado, chega a ser, em 1870, o centro comercial da cidade, lugar de verdadeiro encontro sócioeconômico de todas as camadas da sociedade caicoense. Essa antiga praça foi cenário do movimento abolicionista em Caicó onde os integrantes do movimento se reuniam e concediam cartas de alforria, libertando os escravos. A praça passou por várias transformações, inclusive mudanças de nomes e hoje é conhecida como Praça Senador Dinarte Mariz.

O Mercado Público, também próximo a Matriz de Sant'Ana, foi inaugurado em 1918 e abriga os mais variados estabelecimentos comerciais, dentre eles, bares, restaurantes, lojas e outros. Todos esses monumentos históricos descritos até aqui podem ser visualizados no mapa 1:



Mapa 01 – Roteiro ilustrando os principais monumentos de Caicó
Fonte: MACÊDO (2003, p. 58)

2.3 OUTRA FESTAS

É sabido que, na cidade de Caicó, a Festa de Sant'Ana é, no mês de Julho, segundo seus próprios moradores, o maior evento religioso, social e cultural da região. Faz parte, também, do calendário festivo da cidade, a festa de Nossa Senhora do Rosário, padroeira dos negros, que acontece no mês de outubro, e o carnaval.

2.3.1. Festa do Rosário

No dia 27 de Dezembro de 1793, segundo transcrição datilografada de ata cedida pela Diocese de Caicó (1793), fundou-se a Irmandade do Rosário de Caicó/RN, com sua celebração nos dias 30 e 31 de outubro de cada ano, mantendo essa tradição comemorativa por mais de dois séculos.

Os estatutos da Irmandade são um documento de grande interesse histórico e antropológico, pois, criado em 1773, nele consta que o tesoureiro desta irmandade tinha que ser branco. Assim sendo, o primeiro foi o Sargento-Mor Manoel Gonçalves de Melo do Sabugi.

No seu início ele era composto por 43 negros, orientados pelo Padre José Inácio Xavier Correia, que representava o Rei de Portugal Dom José I, que ficou tão empolgado com a fundação que a aprovou.

A primeira corte negra de Caicó era composta dos seguintes elementos: Rei do Congo, representado por Sebastião Pereira; Rainha do Congo, por Maria José Neves; o Juiz, por Afonso Ribeiro; a Juíza, por Luiza Gomes; o Escrivão, por José Mendes; e, finalmente, a escrivã, Maria Tereza. O Rei Perpétuo tem a função de substituir o rei do ano, caso não seja possível sua participação. O rei que permaneceu mais tempo no poder da irmandade de Caicó foi Nicolau Bacoc, eleito em 1907 no reinado de Samanaú, e só deixou seu trono quando morreu em 1966.

O figurino, desde os tempos mais remotos, era composto de camisas brancas e calças azuis e alparcatas. Nos dias de hoje, os integrantes ainda usam os espontões[20] enfeitados com fitas de seda de várias cores, representando, promoções, bom comportamento, etc.

Assim, a Irmandade dos Negros do Rosário de Caicó é distribuída por quatro quarteirões; o primeiro dos negros dos distritos de Samanaú; o segundo pelos negros de Rio do Peixe; o terceiro, pelos negros de Riacho de Fora; e, por fim, pelos negros do Sabugi.

A performance ritualística dos negros se dá através do drama composto de partes: o Capitão de Dança, que é o chefe do grupo, carregando sua lança, caminha pelas ruas, sete dias antes da festa e durante todo o período dela, acompanhado por seus companheiros, que usam espontões, meias brancas, representando o distintivo dos sargentos de Infantaria de Portugal no século XVI.

Tanto nas residências mais populares, como nas escolas, o grupo é chamado para apresentar sua dança, acompanhado pelos instrumentos de som de caixas, tambores, e pífanos sem cantorias. A dança é composta de várias partes, mas eles só interpretam as partes menos

[20] Lanças ornamentadas e uma bandeira branca.

complexas, como, por exemplo, a saudação aos Reis e a Nossa Senhora do Rosário. A segunda parte representa um combate, e, no final, as vivas à Nossa Senhora do Rosário, ao Rei e a Rainha, e ao dono da casa, e por último, "Viva a bonita união", a saudação final.

Hoje, em Caicó, os negros aceitam essas festividades a Nossa Senhora do Rosário como uma tradição representando sua terra Caicó. Entretanto, como afirma Jose Inácio de Figueiredo Correia, Cura e Vigário da Vara do Seridó (1773), os integrantes negros fundaram essas confrarias mais como uma forma de resistência e defesa contra a prepotência dos opressores brancos. Assim, com a "benção" de seus senhores, eles podiam lutar por seus direitos ajudando uns aos outros.

Desta forma, segundo D. Adelino Dantas, no dia de sua padroeira, a Irmandade acorda Caicó, com seus pífanos e tambores, resgatando as tradições de outrora, ecoando e perpetuando suas manifestações culturais.

2.3.2. Carnaval em Caicó

Segundo Pereira de Queiroz (1992), para se estudar o carnaval (que não é o objetivo principal deste estudo), é importante levar em conta as condições socioeconômicas e culturais de cada povo, de cada grupo que o realiza, tornando possível apreender seu sentido.

Em Caicó também o carnaval dos trios elétricos forma uma rede de sociabilidades que não exclui relações de interesses: dos patrocinadores, dos promotores turísticos. Os bailes dos clubes são um espaço onde inclusive se configura uma clara divisão social na festa em si, ou seja, uma forte influência dos contextos sociais em que são inseridos, questionando a idéia de que "as desigualdades desaparecem" e de que a sociedade se "transforma", invertendo seus valores sociais. Pode-se observar a tensão e os conflitos que aí permanecem, por exemplo, pela presença ostensiva da polícia, no sentido de garantir a ordem e a segurança na festa.

No "Carnaval de Caicó", busca-se apresentar um evento que seja construído como um dos "mais seguros" entre todas as festividades dessa natureza no país, sendo a segurança e o conforto dos participantes itens prioritários dos seus organizadores.

Para Medeiros Lins[21] (2010), o carnaval em Caicó é, nos dias de hoje, bem diferente do que era há 30 anos atrás. De um carnaval que era realizado com o desfile de blocos em

[21] Caicoense entrevistado em março de 2010.

cima de caminhões, com fantasias estilizadas, de caráter razoavelmente elitizado, passamos a um carnaval de grande massa indiferenciada seguindo grupos musicais sobre trios elétricos onde milhares de pessoas saem em um único bloco pelas ruas da cidade, sem fantasias. Os desfilantes consomem enormes quantidades de bebida alcoólica e promovem uma grande proximidade física e sexual entre seus participantes que abraçam-se e beijam-se mesmo quando desconhecidos. Também houve (1980-1988) o carnaval de clubes com caráter elitizado, pois as camadas menos favorecidas da cidade não possuíam acesso aos clubes. Para eles apenas restava assistir ao desfile dos blocos nos caminhões. Também há hoje o movimento para outras cidades durante o dia, com manhãs de sol nos balneários de Caicó[22]. Também tornou-se freqüente o aluguel de casas para pessoas que visitam a cidade durante o carnaval principalmente oriundos de Natal e Campina Grande, causando conflito na cidade entre os que fazem a festa e os que prefeririam que ela não ocorresse.

O carnaval é importante em Caicó desde 1930, permitindo aglutinar, ao longo dos anos, a cultura e costume de sua população com as demais urbes circunvizinhas, possibilitando o desenvolvimento de um turismo regional de entretenimento e lazer, e favorecendo a afluência de visitantes, gerando receita, empregos e renda para a população em geral.

Assim, o carnaval de Caicó tornou-se o destino da imensa maioria de foliões e adeptos dos eventos festivos, sendo hoje consolidado e com uma participação estimada em oitenta a cem mil pessoas durante o período[23].

Desta "tradição" destaca-se o Bloco do Magão, conhecido como o "Bloco Ala Ursa do Poço Sant'Ana", e que surgiu em defesa do "*POÇO DE SANT'ANA*". Popularmente conhecido como "Bloco do Lixo", ele tem como seu idealizador uma das pessoas mais conhecidas da cidade: "Magão" (Ronaldo Batista de Sales), juntamente com seus fundadores Jacob Batista, Mário Ferreira, Pedro Dias, Babi, Paraná, Tião, Inácio, Nego de Lolô, Irenaldo, Joca Pipiu, Bobó, Nego Alberto, Marco Antônio, Laércio Batista e Gilberto Anísio.

Atualmente, o Bloco Ala Ursa do Poço de Sant'Ana arrasta multidões pelas principais avenidas da cidade, não apenas em épocas carnavalescas, mas em todas as festas da cidade com "burrinhas de Padre", "papangus", "ursos" e personagens diversos, confeccionados pelos artistas locais, transformando realidade em fantasia, sonho em desejo, tristeza em alegria. Mas, para animar o povo, é necessária a música. O desfile se faz acompanhado da orquestra

---

[22] Itans Iate Clube (atualmente Caicó Iate Clube), Clube da AABB e Atlético Clube Coríntians.
[23] Marcelo Lima de Medeiros, criador do site do carnaval em Caicó/RN.

de frevo do Magão com um repertório de marchinhas, com os seus componentes mostrando irreverência e criatividade.

Para Nivinha, Maylde e outros caicoenses, o carnaval é momento de tristeza, pois "apesar de trazer grandes divisas para a cidade, por outro lado se vê muita sujeira comparando-o com a festa de Sant'Ana,

> "quando alugamos um imóvel na festa, recebemos o mesmo de volta, sem nenhum prejuízo, enquanto que ao alugarmos o mesmo imóvel no período de carnaval, este retorna praticamente destruído. O público é outro", conclui Nivinha.

3 A FESTA DE SANT'ANA: PADROEIRA DE CAICÓ

A festa religiosa da padroeira de Caicó merece uma análise mais aprofundada devido às variações que ocorrem durante o seu período de realização, uma vez que se transforma pela convergência de vários fatores, sejam eles simbólicos, sociais ou materiais. O que mais interessa compreender são, precisamente, as condições do seu intercurso social, econômico, político, cultural e religioso.

Segundo José Ramos Tinhorão (2000), a primeira festa no Brasil foi a primeira missa: uma confraternização entre dois mundos distintos que se encontravam, mostrando seus símbolos de poder, de hierarquia e status, principalmente nos símbolos da Igreja Católica através do rei, da cruz e do poste, que traziam o brasão real aristocrático, dispostos, também, nos chefes eclesiásticos, militares e nobres burocratas que comandavam o espetáculo.

Assim, as festas constituem uma porção significativa de uma herança cultural que estão ligadas às transformações sociais, aos sentimentos de um povo ligado à terra a que pertence, e estão sobre a essência no gesto social do movimento que a constitui como natureza e cultura.

As festas de padroeira podem ser pensadas como rituais que celebram a ordem, pois *"(...) os ritos da ordem não se esgotam nessas festas grandiosas em que o mundo social é reafirmado e englobado pelo Estado e pela Igreja (...)"*(Matta, 1984, p.88).

Na concepção Durkheimiana, elas representam um elemento essencial do culto religioso: *"o que constitui essencialmente o culto é o ciclo das festas que voltam regularmente em épocas determinadas*" (Durkheim, 1989, p. 419), ressaltando também que a importância dos elementos recreativos e estéticos na religião compreende as representações dramáticas e aponta para a dificuldade de assinalar com precisão as fronteiras entre rito religioso e divertimento público estabelecendo, portanto, relações íntimas entre religião e festas, entre recreação e estética, mostrando o parentesco ou a proximidade entre o estado religioso e a efervescência, o delírio, os excessos ou exageros das festas.

Segundo uma estrutura já descrita por outros autores (Brandão, 1988; Zaluar, 1983), as festas religiosas, principalmente no Seridó nordestino, saem do sagrado das igrejas para o profano das ruas, aproveitando as tendências de participação coletiva, e pela vontade do espetáculo. Os atores dessas festas são origináveis, de todas as camadas sociais, formando o elenco principal da festa:

> "Sendo possível recrear-se ao redor e dentro das igrejas, ao pé dos cruzeiros, vendo e seguindo imagens no andar ou diante dos registros de santos, o povo não perdia a ocasião. Já simplesmente. Meia hora de devoção. Dez horas de vadiação. (CASCUDO, 1999, p.127)."

A festa surge assim também para Cascudo como o grande elemento agregador, aglutinador e renovador sóciocultural, agenciando e/ou promovendo em sociabilidade o que, segundo Durkheim (1978), era a tendência para a vida, algo de grande valor ordenador para a convivência em sociedade e com uma força de atração para o convergir em grupo. Assim, participar da festa representa muito mais do que o simples divertir-se, ou "vadiar", como ressalta o autor, mas representa a perspectiva de novos laços, o reencontro com os antigos, e a formação de redes de sociabilidades, representações e símbolos de pertencimento que dão vida à comunhão desses momentos de sociabilidade comunitária. Como já salienta também Simmel (2006), a sociabilidade se estabelece em cada sociedade como uma condição inerente e gerada pelas formas sociais, as quais são resultantes das múltiplas combinações interacionais acionadas pelos propósitos, impulsos e desejos dos indivíduos e dos grupos e classes sociais sintetizadas na própria formação de uma dada sociedade.

Desta forma é importante destacar que toda interação humana é mediada e se desenvolve através do indivíduo que forma o conjunto das suas relações interativas durante suas vidas, numa rede de significados.

Um elemento significante da festa de Sant'Ana é a interação social que se estabelece nos seus eventos, onde os atores desenvolvem sociabilidades através das relações comunicativas por meio de uma linguagem particular, seja pelas relações dos laços de parentesco, seja por meio do pertencimento, da música, das iguarias, das bebidas, ou seja, por meio de outras possibilidades interativas. Forma-se uma espécie de sintonia, em que o vínculo social é constituído entre os que ali estão reunidos, tendo como um dos objetivos a busca de um prazer comum, de uma energia coletiva. A conexão social entre os atores é feita mais de laços de parentesco e afinidades do que de qualquer outro. Possuir ou não esse elo será o critério primordial para julgar a qualidade da relação ali estabelecida.

Na Festa de Sant'Ana, a interação entre os indivíduos é constituída sobretudo pelo gosto em comum, pela postura que adotam do orgulho de "ser caicoense", fortalecendo, de certa maneira, relações de convívio que espelham a sociedade de Caicó.

De acordo com Simmel (2006)[24], as relações sociais estabelecem-se na atuação com o outro, provocando efeitos sobre os sujeitos, formando uma integração entre eles movida por seus impulsos e finalidades, formando uma "sociedade". A sociedade é construída por indivíduos que, quando colocados em interação, em conjunto, em unidade, formam uma sociedade. As diversas formas de interação e de intercâmbio entre eles aparecem em casos isolados de maneira não significativa, mas que, inseridos nas formalizações ditas oficiais e abrangentes, sustentam, mais que tudo, a sociedade tal como se conhece. Faz-se necessário ressaltar que o ser humano, em toda sua profundeza e expressão, é determinado pelo fato de que vive em constante processo de interação com os outros seres humanos, criando laços, em algumas ocasiões, que podem ser feitos e desfeitos, para que então sejam refeitos, formando uma fluidez e uma pulsação que ligam os indivíduos mesmo quando não atingem a forma de verdadeiras organizações. A vida em sociedade é um constante fluxo, em que os seres humanos estão vinculados uns aos outros pela influência mútua que exercem entre si e pela determinação recíproca que exercem uns sobre os outros. Eles formam uma unidade, uma substância, um organismo social.

Isto é, Simmel (2006) considera a sociedade como um processo de interação entre os sujeitos que comporta uma distinção entre forma e conteúdo. A forma está ligada ao processo de interação entre os indivíduos seja por aproximação, seja pelo distanciamento, seja pela competição, seja pela subordinação, etc. Já o conteúdo está relacionado a tudo aquilo que preenche as formas sociais, a tudo aquilo que existe nos indivíduos (instintos, interesses, motivações, desejos) e nos lugares concretos de toda realidade histórica de modo a engendrar ou a mediatizar os efeitos sobre os outros, ou a receber esses efeitos dos outros. Os conteúdos isolados não possuem caráter social. A sociedade significa que os indivíduos estão constantemente ligados uns aos outros, influenciando e sendo influenciados. É também algo funcional que os indivíduos fazem e sofrem simultaneamente: a sociação. (Simmel, 2006).

A sociação é a forma pela qual os indivíduos constituem uma unidade para satisfazerem seus interesses, sendo forma e conteúdo; na experiência concreta, elementos indissociáveis. Forma e conteúdo não são colados ou conectados para sempre. Formas, que serviram para satisfazer certas necessidades, podem ganhar autonomia. Toda sociação possui um sentimento entre seus membros de "estarem sociados". Esse sentimento ganha uma forma

[24] As considerações sobre a obra de Simmel contidas neste e nos cinco parágrafos seguintes foram obtidas de um resumo produzido por Thiago Tavares das Neves por ocasião da sua qualificação de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFRN, intitualdo "Corpo e sociabilidade nas celebrações eletrônicas". Sua dissertação final, defendida em 09/08/2010, teve como título "Batidas intensas – corpo e sociabilidade nas festas de música eletrônica em Natal".

independente na sociabilidade, onde a forma separa-se do conteúdo e ganha independência, apenas como forma de convivência com o outro e para o outro. O fim é a própria relação. Um exemplo disso é uma conversa despretensiosa entre indivíduos, em que os participantes, que se encontram naquela reunião social, conversam por conversar. O conteúdo objetivo (motivos, interesses) de uma conversa com fins estabelecidos é isolado. As significações objetivas inerentes à personalidade de cada um não entram no mar da sociabilidade, estas significações têm seu centro fora do círculo de ação. Riqueza, posição social, erudição, fama, capacidades excepcionais e méritos individuais não desempenham qualquer função na sociabilidade. O que é levado em consideração é a pura forma. Ele considera a sociabilidade como um exemplo de "sociologia pura ou formal", pois nela o que importa é a satisfação do instante vivido; o "estar-junto", que faz parte de toda forma de interação, ganhando autonomia como forma de vida na sociabilidade. (Simmel, 2006).

A essência da sociabilidade consiste em eliminar a realidade das interações concretas e objetivas entre os indivíduos, e edificar um reino que não reconheça nenhuma finalidade que esteja fora delas. Contudo, a fonte subterrânea na qual esse reino se nutre não deve ser procurada nas formas que determinam a si mesmas, mas na vivacidade dos indivíduos reais, em seus sentimentos e atrações, na plenitude de seus impulsos e convicções. (Simmel, 2006).

O princípio da sociabilidade resume-se à garantia de interação entre todas as pessoas, onde os valores sociáveis distribuídos (alegria, liberação, vivacidade) devem ser compatíveis com o máximo de valores recebidos por essas mesmas pessoas. Pode-se falar de uma igualdade sentimental ou de uma estrutura democrática da sociabilidade, em que:

> "A igualdade resulta da eliminação do que é inteiramente pessoal, e, por outro lado, do que é inteiramente material, ou seja, daquilo que a sociação encontra previamente como seu material e do qual se despe em sua condição de sociabilidade". (Simmel, 2006, p. 69).

A democracia da sociabilidade permite o surgimento de um "jogo de cena", inclusive entre aqueles socialmente iguais. A sociabilidade gera um mundo sociologicamente ideal, em que a alegria, a sensação de bem-estar do indivíduo está completamente ligada à felicidade dos outros. No universo da sociabilidade ninguém pode em princípio encontrar sua satisfação à custa de sentimentos alheios totalmente antagônicos aos seus. Essa possibilidade é exterminada por várias outras formas sociais que não a sociabilidade. Tal democracia permite a construção de um mundo artificial, sem atrito entre os iguais, em que os seres que dela participam desejam produzir exclusivamente entre si mesmos uma interação pura, uma forma pura, que não seja desequilibrada por nenhuma tensão material, por nenhum conteúdo

objetivo. A natureza da sociabilidade tem a necessidade de criar seres humanos desapegados dos conteúdos objetivos e materiais da vida cotidiana. Por isso, os indivíduos modificam o significado interno e externo para tornarem sociavelmente "iguais". Cada qual só pode obter para si os valores de sociabilidade se os outros com quem interage também os obtenham. É um jogo do "faz-de-conta", em que cada um faz-de-conta que todos são iguais e, simultaneamente, faz-de-conta que cada um é especialmente honesto. (Simmel, 2006).

Assim, ao pensarmos a festa da padroeira de Caicó-RN, é importante compreender a própria lógica da sociedade envolvida neste contexto festivo, como promotora dos laços afetivos construindo identidades e formando redes sociais pelas quais se criam e se desenvolvem as fontes de solidariedade na família, focando aqui de modo especial a Capitão.

> "A festa quer lembrar. Ela quer ser a memória do que os homens teimam esquecer. A festa quer brincar com os sentidos e o sentido é o sentimento. E não existe nada de mais gratuito e urgentemente humano do que exatamente isto. (...) A rua e a casa se completam e não há dúvida de que a casa é o local da rotina da família e de uma estabilidade de relações que em quase tudo sugere o contrário do que a rua, seus tempos, festas e sujeitos pretendem ser". (BRANDÃO, 1989, p.17).

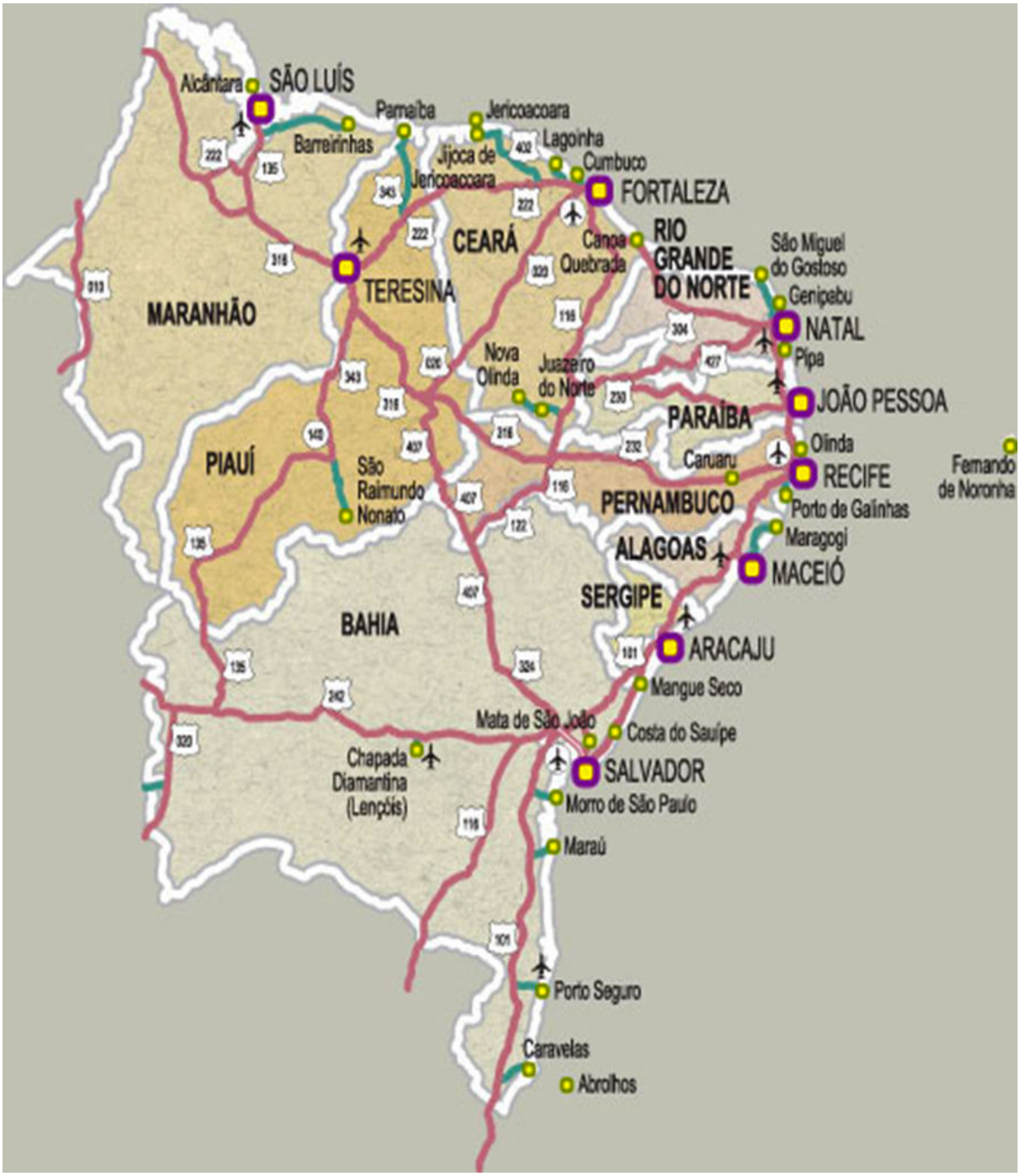
Percebemos como esta família vivencia objetiva e subjetivamente suas experiências migratórias, especialmente comparando as situações de migração circular festiva (sazonal) e a de "retorno", mas permanentemente festivo. Nesse sentido, para o caicoense de modo em geral, mas em especial a família Capitão, o retorno sazonal não é apenas uma simples festa, mas, principalmente, um momento para se reiterar e reforçar sua identidade e a especificidade de seu pertencimento social e cultural.

3.1 SANT'ANA: RELIGIÃO E FESTA EM CAICÓ

O município de Caicó, situado na Microrregião do Seridó Ocidental Norte-rio-grandense, encontra-se a 269 km da capital do Estado, Natal, cujo itinerário se dá pela BR-304, passando por Macaíba. Segue-se a BR-427 e ao chegar à cidade de Acari, entra-se à esquerda na BR-288. Finalmente, chega-se a Caicó. (ver mapa 01).

Com relação a outras capitais do Nordeste brasileiro, estão: Recife, a 392 km, João Pessoa, a 326 km, Fortaleza, a 435 km, e finamente Maceió, a 485 km, (conforme Mapa 02.)

Mapa 02 – Mapa do Estado do Rio Grande do Norte, identificando o percurso Natal-Caicó



Mapa 03 – Mapa do Nordeste Brasileiro
Fonte: http://www.roteirosdobrasil.tur.br/

A festa da padroeira de Caicó, reconhecida como Sant'Ana, a avó de Jesus, inscreve-se como um dos mais importantes eventos religioso-profanos do estado potiguar, acontecendo nos últimos dez dias do mês de julho, e tendo como referencial o dia 26: Dia de Sant'Ana.

> "Tudo que acontece nos dias de festa é uma sequência de cerimônias regidas pela idéia de vagar pelas ruas e do entra-e-sai de igrejas e casas unificando com o rito justamente as popularidades que existem não apenas entre a casa e a rua, mas também entre tudo aquilo de que elas são símbolos, o sagrado e o profano, o

> feminino e o masculino, a devoção e a diversão, a restrição e permissividade". (Brandão, 1989, p.19).

A festa se inicia em uma quinta-feira e se encerra no último domingo (o encerramento pode ir até os primeiros dias de agosto; no caso da festa de 2009 – de 23/07 a 02/08), desenvolvendo-se, na maior parte, em torno da Matriz, que centraliza os ritos sagrados e as atividades profanas. Isto acontece porque a festa tem sua maior representação na Matriz, simbolizando os ritos, os mitos e um período histórico pretérito em que se inseriu. Nos dias atuais, a Matriz de Sant'Ana se constitui um dos principais marcos da Festa, seja pelo seu valor simbólico, quando se refere ao Culto à Sant'Ana, seja pelo seu valor histórico e sociocultural, na condição de forma e de função. Conforme Brandão (1989, p.29):

> "A festa tem um aspecto mítico-temporal. Mítico, porque se funda e se institui, nas representações, como um ato divino. Temporal, porque, apesar do ciclo festivo acontecer todos os anos, a festa encontra-se dentro de um contexto histórico específico e, por isso, sofre suas conseqüências e muda com ele".

Com base no estudo de Cascudo (1999, p.122),

> "sobre as festas religiosas e populares que ocorriam no Brasil de antanho: Julho era mês de Sant'ana. Isso para descrever o calendário litúrgico devocional deste mês, totalmente dedicado à avó de Jesus. Julho também era o mês de encerramento das colheitas, que se iniciavam em maio e junho. Os primeiros vaqueiros escolheram a imagem de Santana como símbolo de proteção e materializaram suas esperanças".

A religião/sagrado, como são formas elaboradas socialmente na relação com ela (festa), tem um valor intrínseco, ou seja, a idéia de místico/sagrado, na condição de categorias: temporalidade; antes e agora; aquém e além, todas construídas pelo homem. Tais categorias são consideradas fenômeno universal, na medida em que ele elege alguns elementos do real; para construir suas religiões, partindo do real para o ideal, pois não existe ideal sem real. A religião se explica pelo real, já que é do concreto que construímos o ideal. São rituais, permitem uma nova maneira de ver a sociedade, traduzindo em atos esse ideal. O profano, por sua vez, está em oposição ao sagrado, mas vem revestido de religião.

> "A festa de igreja combina, nos mesmos dias e em situações ora seqüentes, ora combinadas, o sagrado e o profano, o solene e o festivo, a solenidade e a mascarada. De certo modo, todos os comportamentos separados e disfarçados nos tons cinzentos do cotidiano da sociedade são festivamente reunidos nos dias e nas horas de comemoração do santo padroeiro". (BRANDÃO, 1985, p. 199).

Para se redividir, há que se traduzir socialmente a idéia coletiva do místico. E Deus só tem sentido a partir de uma realidade concreta. Esse ideal é a construção da vida social, um

modelo que dá referência às coisas com modelos aceitos por todos, numa idéia geral. Pensa-se em duas maneiras de dividir o místico: uma positiva e outra negativa, entretanto, uma complementa a outra.

Depreende-se que a religião corresponde à relação com o místico, à relação dos indivíduos com o sagrado versus o profano; domínio do aqui; o outro longe de mim, mas um é dependente do outro. Só concebemos o ali, com os conceitos do aqui. Sagrado correspondendo ao além; o profano correspondendo ao aquém.

Assim os rituais vão formalizar essas duas espécies, o que vamos distanciar e o que vamos aproximar. Respeito e medo, construção social que se impõe ao homem. Temor e fascínio. A Relação da construção do social com o sagrado. Atitude de distanciamento e respeito.

A sociedade inventa tabu, regras, interdições, como forma do indivíduo entrar nesse universo. O ideal é construído a partir do nosso real e nossa realidade é muito rica, viabilizando que todos vivam juntos; ela (a festa) é o canal; portanto é ordem e não caos, ela é comunhão.

A simbologia da padroeira de Caicó é marcada nos planos de sua festa, desde as atividades prévias como as novenas e as atividades sociais para arrecadar dinheiro e outros, e revela uma cidade cujos princípios se refugiam nos preceitos religiosos, numa Caicó contemporânea, em meados de 2009 do século XXI:

> "desde que diferentes normas governam diferentes aspectos ou setores de comportamento social e, ainda mais, desde que os setores se sobrepõem e se interpenetram na realidade, provocando conflito de normas, a validade de várias normas mais importantes tem que ser reafirmada isoladamente e fora dos contextos em que as lutas e conflitos relativos a estas normas surgem. É por isso que se encontra, nos rituais, o acento posto numa única norma ou num feixe de normas estreita e, no geral, harmoniosamente inter-relacionas". (Turner, 1967, p. 40).

Assim, o núcleo dessa cultura, isto é, a festa da Padroeira de Caicó, não é de maneira alguma a forma puramente artística do espetáculo teatral e, de forma geral, não entra no domínio da arte.

> "A arte, literatura e música" [...], entretanto, "seguindo o exemplo dos antropólogos, os historiadores e outros usam o termo "cultura" muito mais amplamente, para referir-se a quase tudo que pode ser apreendido em uma dada sociedade, como comer, beber, andar, falar, silenciar e assim por diante". (Burke, 1989, p. 25).

Ela se encontra nas fronteiras entre a arte e a vida, ou seja, ela representa a própria vida, daqueles cujos elementos apresentam os elementos característicos da própria representação.

Na festa de Sant'Ana, essa simbologia é plena. Neste caso, ela representa uma simbologia cristã católica, considerando que o pecado contrapõe a noção de felicidade, e o conceito de lei moral do pecado. Isto logo se transforma no banquete na memória dos fiéis de Sant'Ana, que, após a chegada das "santinhas" (que descreverei melhor mais adiante), culmina com o novenário, no Pavilhão de Santana da sua Catedral, nas ruas, nas calçadas, banqueteando seus alimentos e bebidas variadas, mas em destaque as garrafas de *whiskys Logan*, referindo-se ao "maná", alimento divino que consola a alma. Torna-se uma característica marcante que, segundo Bourdieu (1983), os indivíduos se diferenciam uns dos outros não apenas pela condição econômica ou ocupacional, mas também pelos gostos culturais, atividades de lazer, ou ainda pela insegurança de alguns objetos simbólicos que distingue-os socialmente. Desta forma, diz esse autor:

> "A afirmação de um poder sobre a necessidade dominada, ele encerra sempre a reivindicação de uma superioridade legítima sobre aqueles que, não sabendo afirmar esse desprezo pelas contingências no luxo gratuito, e, no desperdício ostentatório, permanecem dominados pelos interesses e as urgências mundanas: o gosto de liberdade só podem se afirmar enquanto tais com relação aos gostos de necessidade e, passando por aí para uma ordem estética" (Bourdieu, 1983, p. 88).

A procissão de pessoas produz alegria, através da arte, do amor, da família, fraternidade e da paz para dar lugar ao profano, que já se mistura com o sagrado, enfeitiçando a todos que, por vários outros motivos, estariam diante dos prazeres terrenos e da gula. Ao participarem desse banquete profano, as pessoas situadas nas barracas do pavilhão da santa deleitam-se no encantamento da festa, que tem seu início oficializado ao som de músicas variadas. Nesse sentido, as pessoas deixam suas máscaras caírem, suas rugas e dureza do corpo se fundirem nas redes de sociabilidades e no furor de "ser caicoense", transformando o feio em bonito, e, juntos, dançam e cantam como crianças, sob o céu estrelado de Caicó no "aqui e agora" desse momento que dura dez dias.

O poder simbólico da festa de Santana é tão grande que, a partir de seu início, a transformação é evidente em todos os sentidos, uma vez que o jogo de lembranças se apresenta revelando os mistérios do coração, ou seja, o prazer, o desejo. O objeto de imaginação flui dentro das pessoas da cidade, as lembranças dominando conversas, as trocas, possibilitando o caminho para um futuro promissor e para reconstruir o passado, bem como

para viver o presente, como mediação dinâmica e transformadora dessas possibilidades; é algo que sai de dentro do coração do caicoense. Portanto:

> "eles permitem surpreender papéis sociais e ideologias, ações e objetos específicos, pois todos esses elementos constitutivos de uma sociedade e cultura não estão soltos ou individualizados na estrutura social. Ao contrário, eles estão sempre associados de modo que a cada domínio correspondem papéis sociais, ideologias e valores, ações e objetos específicos, alguns inventados, especialmente para aquela região no mundo social". (Matta, 1978, p. 74-75).

Enfim, a festa, como uma ruptura do cotidiano, tempo e espaço, vivencia um outro tempo e um outro espaço, no seu cotidiano, a abolição das regras sociais. A festa inserida no cotidiano, como estilo de vida, como manifestação de prazer do cotidiano e compartilhado como elemento de troca presente. A dádiva que circula através do rito. Uma rede de sociabilidades, carregada e desejada.

O mundo do caicoense é a manifestação da sua cultura, de suas práticas, representações, *"uma encenação dos valores comunitários*" (Geertz, 1978, p. 213-25), que serão aqui analisados com o objetivo de ir de encontro aos elementos do universo cultural e simbólico do caicoense. Ao imergirmos no imaginário, nas crenças, nas representações, nos valores e nos mitos dessa cultura, resgataremos sua imagem dentro do contexto histórico, do seu passado e da sua sociedade.

> "Material produzido por um trabalho de campo quase obsessivo de peneiramento, a longo prazo, principalmente (embora não exclusivamente) qualitativo, altamente participante e realizado em contextos confinados, que os megaconceitos com os quais se aflige legitimamente à ciência social contemporânea – modernização, integração, conflito, carisma, estrutura, significado – podem adquirir toda a espécie de atualidade sensível que possibilita pensar não apenas realista e concretamente sobre eles, mas, o que é mais importante, criativa e imaginativamente com eles" (Geertz, 1978, p. 33-34).

3.2 A PESQUISA DA FESTA DE SANT'ANA

Segundo Cirne (2004), a festa de Sant'Ana é realizada no município de Caicó (RN) há 262 anos (completados em julho/2010). Essa cidade, construída sobre pedras e serrotes, onde o mito do poço[25] tem origem, é envolvida em lendas ou relatos, tendo como fonte a memória

[25] Lendas contadas por Monsenhor Antenor e alguns antigos moradores como o Sr. Chico Lins e várias outras pessoas que ouvi durante esta primeira etapa da pesquisa, que relatam como um vaqueiro conseguiu vencer um

popular dos mais antigos moradores da cidade, que trazem versões diferentes de uma mesma história, mas com um ponto em comum: o envolvimento da padroeira da cidade.

A Festa da padroeira de Caicó acontece anualmente no mês de julho com duração de 10 dias, começando sempre na segunda ou terceira quinta-feira de forma que termine até o dia 03 de agosto. É considerada a maior festa sociorreligiosa do Rio Grande do Norte, e uma das maiores do Nordeste.

Em 2009 a agenda da festa estava repleta de "antigas tradições" e de algumas inovações que o padre Edson introduziu, assim como também retirou outras atividades. Esta festa divide-se essencialmente em duas partes: a parte eclesiástica diocesana (oficial) que tem, como principais características, as novenas, missas, batismos, peregrinações e procissões. Enquanto a festa popular (laica) que tem, como característica, a família, as redes de sociabilidades, o pertencimento, as festas nas praças da cidade, os bailes e as múltiplas atividades no complexo da Ilha de Santana.

A programação religiosa[26] para arrecadar fundos para a Festa de Sant'Ana de Caicó inicia com a peregrinação rural quando a imagem sai da Catedral após uma missa chamada "missa do envio" e, a cada final de semana, chega a uma comunidade rural. Em 2010 essa peregrinação teve inicio no dia 17 de abril e foi encerrada no dia 17 de julho.

No dia 1º de maio de 2009, foi a vez da família de Rubens Ezequiel de Medeiros e Gleide (Capitão) receber a imagem na fazenda Riacho do Meio, localizada a 5 km de Caicó. Logo cedo a família se deslocou para a fazenda, com o objetivo de preparar o local para a devida homenagem à santa padroeira.

Posicionada em lugar de destaque no alpendre da casa principal da fazenda, uma mesa foi cuidadosamente preparada, com bonita toalha e flores, para receber a imagem. Ao lado, outra mesa com toalha de linho e um lindo arranjo de rosas serviu como altar para a missa celebrada pelo padre Cosmo, vigário da paróquia de Sant'Ana de Caicó, que fez uma bonita homilia, falou sobre a festa de Sant'Ana e deu uma bênção especial à casa e à família

---

touro muito brabo, que representava a própria encarnação do diabo, após promessa de construir uma capela para Sant'Ana, se ela o ajudasse a vencê-lo.

[26] Bairro Acampamento (Jorge e Iris, 17.04); Clube Pelicano (Francisquinho, 24.04); Sítio Riacho do Meio (Rubens e Gleide Capitão, 01.05); Sítio Seridozinho (Chicico e Nilrene, 08.05); Sítio Rio dos Ventos (Tarcísio e Rejane, 15.05); Chácara Netuno (Eduardo, Catarina e Gorete, 22.05);Sítio Geação Porfírio (Jocemário e Avanilda, 29.05); Sítio Cavalcante (Bosco Vale e Maria Augusta, 05.06); Irrigação Sabugi (Jauro e Lúcia/Edilson e Letízia, 12.06); Sítio Batentes (Jose Gregório e Didi, 19.06); Sítio Belém (Jaime e Fátima, 26.06); Sobrado do PE. Guerra (Céu Tocha e Gilda, 02.07); Sítio Riacho do Meio (Saraiva e Neuza Mariz, 03.07); Chácara Adjunto Dias (Álvaro Dias e Amanda, 10.07); Sítio Umaraí (Vicente Baé e Jacinta, 1707). Dados fornecidos pelo Padre Edson Medeiros de Araújo, Pároco de Sant"Ana de Caico/RN.

deixando-os bastante emocionados e mais felizes com oportunidade de reverenciar a Senhora Sant'Ana de maneira tão bonita.

O pátio também já se encontrava devidamente iluminado com mesas, cadeiras e serviço de bar. Uma grande mesa montada com o objetivo de acolher as prendas doadas para serem leiloadas, uma outra com salgadinhos, creme de galinha e cachorro quente preparados pela família anfitriã e mais uma com crepes suíços levados de Caicó pelo conselho paroquial de Sant'Ana.

Após a missa, sem antes, e ainda no alpendre diante da imagem, o hino de Sant'Ana ser cantado por todos, teve início o tradicional leilão. Um grupo do conselho paroquial assumiu o controle do leilão e da venda dos demais produtos enquanto os familiares e amigos se confraternizavam de maneira alegre e descontraída com parentes e amigos presentes.

Participaram em torno de 100 pessoas entre moradores da comunidade, parentes e amigos da família além do Pe. Edson, Pároco da Paróquia de Sant'Ana de Caicó, do Pe. Cosmo, vigário, e de alguns membros do conselho paroquial.

Durante o decorrer da festa, pessoas subiam e desciam a rampa ou a pequena escada que dá acesso ao alpendre, para rezarem, pedirem graças e fazerem fotos diante da imagem de Sant'Ana.

Em torno de 60 prendas foram leiloadas entre elas bolos e doces regionais, galinhas torradas e assadas, artigos outros os mais diversos, e, finalizando, um carneiro vivo arrematado por R$ 120,00.

O resultado financeiro do evento foi de R$ 1.509,00 que entra como renda da Festa de Sant'Ana de Caicó que se realizou de 22 de julho a 01 de agosto de 2010, cuja cronologia do ano de 2009 está descrita no quadro abaixo.[27]

DATA:	HORÁRIO:	ATIVIDADE:	LOCAL:	PESSOAS/GRUPOS:
22/07/2009	18 h 30 min	Encerramento da Peregrinação Urbana e Rural.	Cruzamento da Av.Seridó com a Av. Cel. Martiniano.	Jovens e idosos.
22/07/2009	20 h	Festa dos Doces	Pavilhão de Santana	Jovens e idosos.
23/07/2009	16 h 30 min	Abertura Oficial da Festa	Av. Seridó e Av. Cel.	Jovens e idosos.

[27] Todas as noites ocorrem, começando às 20 h 30 min, shows no Pavilhão de Sant'Ana, música e orquestras na Praça Dinarte Mariz e na Ilha de Sant'Ana.
Na festa de 2010, a programação foi praticamente a mesma.

			Martiniano	
23/07/2009	20 h	Jantar de Sant'Ana	Ilha de Sant'Ana	Jovens e idosos.
24/07/2009	8 h	Marcha dos Idosos	Pça Dr. José Augusto	Idosos.
24/07/2009	20 h 30 min	Show religioso: Jake do Axé Católico	Pavilhão de Sant'Ana	Jovens e idosos.
24/07/2009	20 h 30 min	Orquestras	Praça Dinarte Maris	Mais idosos.
25/07/2009	20 h 30 min	Forró Pé de Serra	Pavilhão de Sant'Ana	Jovens e idosos.
25/07/2009	20 h 30 min	Música ao Vivo e Orquestras	Pça. Dinarte Mariz	O pessoal mais da meia idade.
26/07/2009	9 h.	Cavalgada de Sant'Ana e leilão	Parque de Exposições de Caicó	Jovens e idosos.
30/07/2009	9 h	Feira de Sant'Ana	Pavilhão de Sant'Ana	Jovens e idosos.
02/08/2009	10 h	Missa de Encerramento e o "beija".	Pavilhão de Sant'Ana	Jovens e idosos.

Quadro 01 – Cronologia da Festa de Sant'ana 2009.

A parte oficial teve sua abertura com grande passeata pelas ruas da cidade, onde a maioria das pessoas, principalmente os caicoenses, usava roupas brancas[28], em sinal de paz, enquanto esperavam a chegada da procissão que saíra de Currais Novos[29] até Caicó. Em 2009, a peregrinação (Currais Novos-Caicó), completou dez anos unindo assim no tempo as duas festas[30]. Neste dia (Quarta-feira) ocorre o encontro das imagens no centro da cidade, cujo roteiro se direciona à Matriz de Sant'Anna (Catedral) em procissão, denominada de "Encontro".

Na quinta-feira acontece a abertura solene da festa, cujo ritual consta de uma procissão pelas ruas principais do centro da cidade, com retorno à Catedral. Com a chegada da procissão, procede-se ao hasteamento da bandeira da paróquia, seguida por orações, devoções, fogos de artifícios e banda de música.

Para Alves (2002),

[28]Segundo Nivia Capitão (2010), "este costume existe desde de sempre"e, antes de iniciar a festa, o Padre Edson faz o apelo para a população para que se vista de branco, por causa da paz.

[29] Cidade próxima a Caicó, distante 104 km, situada na porção oriental da Região do Seridó, que também tem, como padroeira, Sant'Ana.

[30] A festa de Currais Novos acontece antes da festa de Caicó e se encerra sempre em 26/07 não importando em que dia semana seja.

> "A fé no imponderável, no milagre, místico, ao reencantamento religioso através da magia, parece religioso através da magia, parece ser o recurso plausível utilizado pelo homem na busca de uma resposta e justificativas frente às vicissitudes do mundo moderno. Os homens buscam no sobrenatural respostas para os seus problemas e, não raro, obtêm sucesso. E esse 'conversar' com as forças divinas parece preencher o vazio provocado por realidades opressoras eivadas de individualismo e solidão". (Alves, 2002, p. 22).

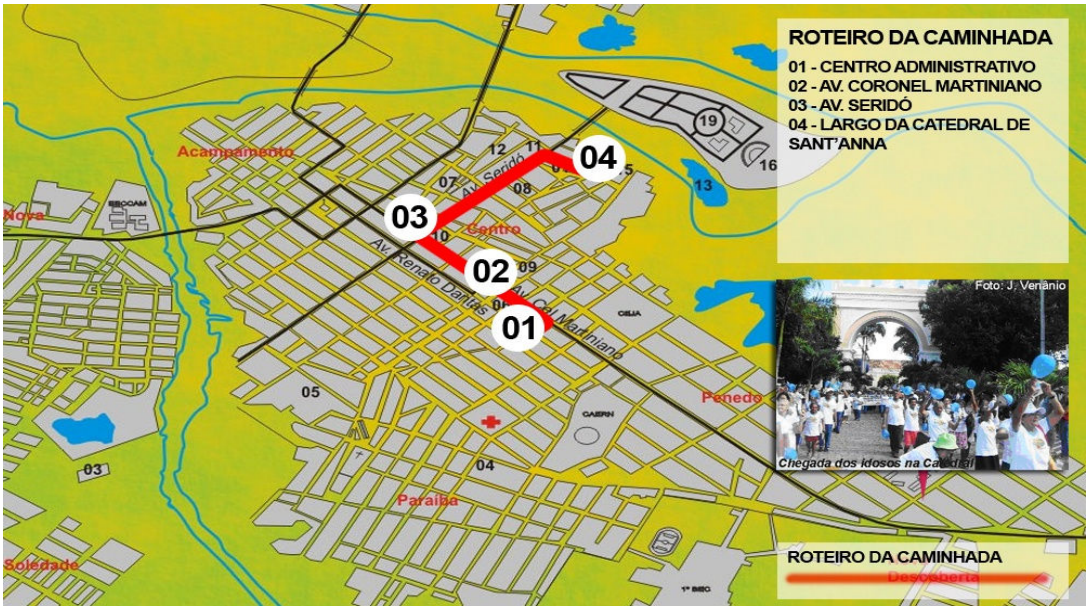
Na Sexta-feira (24 de Julho/2009), cerca de 4.000 idosos participaram da 10ª Marcha dos Idosos do Seridó, reunindo idosos de várias cidades do Rio Grande do Norte que alegremente desfilavam pelas ruas de Caicó, com atrações culturais como o bumba-meu-boi e trajados com camisetas alusivas ao seu município ou com alguma roupa que retratasse o folclore.

O evento foi organizado pela Secretaria do Trabalho, Habitação e Assistência Social, e tem caráter sóciocultural e religioso, favorecendo a socialização da melhor idade, possibilitando um dia agradável em que segundo Euza Capitão:

> "nos dá uma oportunidade de refletirmos sobre a importância dos avós e dos idosos em geral na vida da família e na sociedade, principalmente porque Sant"Ana representa nossa avó maior; foi um momento muito lindo e especial!".

Os idosos caminharam do Centro Administrativo, na Av. Cel. Martiniano, até a Matriz de Sant'Ana, dando um exemplo de alegria e disposição (Ver Mapa 03).

Após a caminhada, houve a celebração de uma missa em ação de graças na Catedral de Sant'Ana e, em seguida, foi encerrado com um animado almoço festivo no Caicó Iate Clube (Ver Mapa 04).



Mapa 04 - Mapa identificando o percurso da 10ª Marcha dos Idosos - Caicó/rn
fonte: www.autobrazcaico.com.br - acesso em 18.03.2010.
Cartografia adaptada por rafael oliveira

As peregrinações histórico-religiosas, de modo geral, não passam de viagens que fazemos individual ou coletivamente, embora em alguns casos com objetivos distintos, mas tendo em comum a visita de lugares sagrados, onde se manifesta, em modos muito particulares, a busca pela presença do sobrenatural.

Muitas das rotas que surgiram no Brasil no início dos anos 2000 surgiram inspirados através de um modelo: o Caminho para Santiago da Compostela, na Espanha. Assim, centenas de pessoas têm se deslocado de diferentes pontos do país para realizar as peregrinações conhecidas como o Caminho da Luz (MG), do Sol (SP), da Fé (SP), das Missões (RS), Passos de Anchieta (ES) e A Peregrinação de Sant'Ana (RN); apesar de ser um trajeto, eles (peregrinos) são atraídos, entre outros motivos, pelo ideário de transformação interior e aperfeiçoamento pessoal que é atribuído a esse tipo de peregrinação, assim como pela possibilidade de refazer, em terras brasileiras, a experiência vivida por seus idealizadores ao fazerem a peregrinação de Santiago, na Espanha, ou como um treinamento como sua posterior realização, independente de se tratar de percurso extremamente difícil que vai além das fronteiras daqueles que defendem esta definição. Assim, o que seria dos sábios que buscam sua sabedoria e seu autoconhecimento nessas trilhas, dos artistas que procuram inspiração, dos místicos a sua interiorização, dos santos a sua santidade e dos bandidos o seu refúgio? Cada um desses sonhadores, com seus sonhos alcançados, neste cenário perfeito para a proliferação de lendas e mitos, e de milagres, por que não? No caminho do poder, como é

mais conhecido, representa um universo mágico e de fé, da grandiosidade da obra divina, onde é possível conhecer e viver emoções há muito tempo esquecidas no tempo e no espaço..

Desta forma, a peregrinação representa um tipo social característico de "deslocamento espacial" (STIEL; CARNEIRO), considerada não só como uma modalidade diferente de vivenciar as experiências veiculadas no âmbito do evento, mas também de interpretar os significados múltiplos que ela representa, como fenômeno milenar presente nas diversas tradições.

Para Francisco Carvalho Junior, que teve a oportunidade de fazer a peregrinação junto com amigos e de ter chegado a Santiago da Compostela (Espanha), atravessando todas as etapas do percurso, com vitória, *"havia inúmeros obstáculos a ser vencidos, mas venci, é verdade e a emoção foi muito grande".*

Segundo o antropólogo Pierre Sanchis (1983), o "campo religioso" brasileiro, em que se manifestam essas crenças e práticas religiosas, é marcado não apenas por oposições, bem como por analogias, complementaridades e sincretismos desenvolvidos à margem das instituições religiosas oficiais.

Nesse campo complexo, o cristianismo católico não deixa de ser um ponto de referência genérico, em torno do qual se constroem as diversas identidades religiosas. (Sanchis, 1983, p. 220).

Para Magnani (1996), o *"trajeto"* é uma categoria que surge para compreender o uso do espaço e seus fluxos mais abrangentes da cidade ligando pontos, "*manchas",* e criando *"circuitos"*, complementares ou alternativos.

Assim, considerando o fascínio e a magia desta rota sagrada vivida pelos peregrinos de Caicó, D. Mirna Medeiros Pacheco[31] conta que um grupo de amigos pensou em viver a experiência de fazer o caminho de Santiago (trajeto feito por diversas pessoas de países diferentes que culmina com a chegada na cidade de Santiago). Dentre elas, D. Maylde Capitão, que realizou esse trajeto em 1998. Desta forma, com um grupo de amigos em um bate papo informal sobre o caminho de Santiago, ela sugeriu fazer uma peregrinação semelhante no Rio Grande do Norte, mais precisamente na região do Seridó, para homenagear Sant'Ana, iniciando em Currais Novos e terminando o trajeto em Caicó[32].

De acordo com Gorete Capitão (julho 2010), relatou que:

---

[31] D.Mirna de Medeiros, caicoense, reside em Natal atualmente.

[32] Faz parte também deste grupo Gorete, sobrinha de Maylde, que inclusive participa da Feira de Sant'Ana com uma barraca de casquinho de caranguejo totalmente patrocinada por ela.

> "em 2000, vi no RN TV que um grupo de peregrinos de Sant'Ana liderados por uma Juíza Drª Ana Cláudia estava iniciando pela primeira vez essa caminhada. E, quando eu vi o grupo na estrada, pensei: eu vou participar também desta caminhada. Mas, como ter acesso ao grupo. Eu tinha ganhado uma imagem de Sant"Ana da minha nora Eteniger Marcela casada como meu filho Tiago. Foi então que Bernadete Brito, que conhece quase todas as pessoas de Caicó, me deu o endereço e, em 2001, eu participei pela primeira vez como peregrina de Sant'Ana e levei a minha imagem de Sant'Ana que passou a ser uma imagem peregrina que já tem dez anos de estrada. E fui muito bem recebida pelo grupo e estou na caminhada até hoje, agradecendo e também pedindo proteção. Antes da caminhada, eu faço a novena de Sant'Ana por nove dias para obter uma preparação espiritual e entrar com a mente e o coração abertos para empreender a caminhada. A emoção de participar é indescritível, não tenho palavras que possam expressar tal sentimento, pois considero transcendental, porque só a fé explica o que se passa. Sempre que chegamos em Currais Novos, Acari, Cruzeta, São José e Caicó, a emoção aumenta e parece que os anjos nos levam em seus braços, pois a caminhada é árdua e precisa ter muita tenacidade para conseguir concluir o circuito. Por toda a estrada somos recebidos com amor e devoção, com banda de música e até café na beira da estrada nos é servido. As pessoas se comovem, pagam promessas ... E termino por aqui, pois já estou chorando de emoção".

Segundo os peregrinos, no início eles pretenderam sair de Natal-RN. Entretanto, logo perceberam a dificuldade e a falta de tempo de muitos deles que, por terem atividades profissionais, não podiam se ausentar por tanto tempo. Então, surgiu a idéia de sair de Currais Novos, (cidade situada a 192 km de Natal), que também tem, como padroeira, Sant'Ana e, assim, essa peregrinação dá início às festividades da sua padroeira em Caicó, na sequência ininterrupta de Currais Novos, que já está em festa.[33]

Foto 03 – A peregrinação de Currais Novos a Caicó/RN
Fonte: Acervo do Pesquisador.

[33] A festa da padroeira de Currais Novos tem inicio, geralmente, na primeira semana de julho.

Foto 04- Peregrinação de Currais Novos a Caicó.
Fonte: Acervo do pesquisador.

Com cerca de 100 peregrinos em 2009, a caminhada dos "Peregrinos de Sant'Ana" começou às 4 h 30 min do dia 20 de julho (ao amanhecer), cumpriu paradas estratégicas, em "Pontos de Apoio", definidos pelas organizadoras, Mirna, Ana Cláudia e Thaís Medeiros. Acari[34] foi a primeira delas, por volta das 15 h 30 min, onde, segundo Pedro Brito, mais conhecido como Pedrinho, residente na cidade, disse: *"recebeu os peregrinos de Sant'Ana, com o calor e a receptividade que o povo seridoense sabe fazer"*. Outra parada estratégica foi na Fazenda São Bernardo, (a 12 km de Caicó), onde foi servido um grande almoço, para estimular os peregrinos a recobrar suas forças e seguirem, entoando cânticos e orações à Santa, enquanto a carregam em direção a Caicó.

Em todo o *"trajeto"*, foram expressos gestos de carinho do povo nas cidades do roteiro, que incluía ainda Cruzeta e São José do Seridó, pela presença maciça de bandas de música e grupos de pessoas que se aglutinavam nas entradas dos municípios para saudar os peregrinos com cartazes e faixas improvisadas reverenciando Sant'Ana e até juntando-se à peregrinação. *"A fé, a emoção e o amor a Sant'Ana é que faz com que o sacrifício valha a pena*". (Mirna Pacheco, 2009).

Esse percurso se tornou tão importante que a peregrinação de Sant'Ana completou 10 anos de história entrando definitivamente no calendário e na programação oficial da festa. Assim, diz D.Mirna: *"o carinho demonstrado pelo povo se torna um fator extremamente importante, de unidade e interatividade*. À medida que os peregrinos se aproximam de Caicó, outros fiéis das zonas rurais e das periferias juntam-se com as suas santinhas (pequenas imagens de Sant'Ana) à caminhada, aumentando a emoção, as orações, os cânticos e as histórias partilhadas ao longo do percurso, transformando a peregrinação num grande ato religioso e coletivo. À medida que os fiéis vão chegando com as suas imagens (por volta das

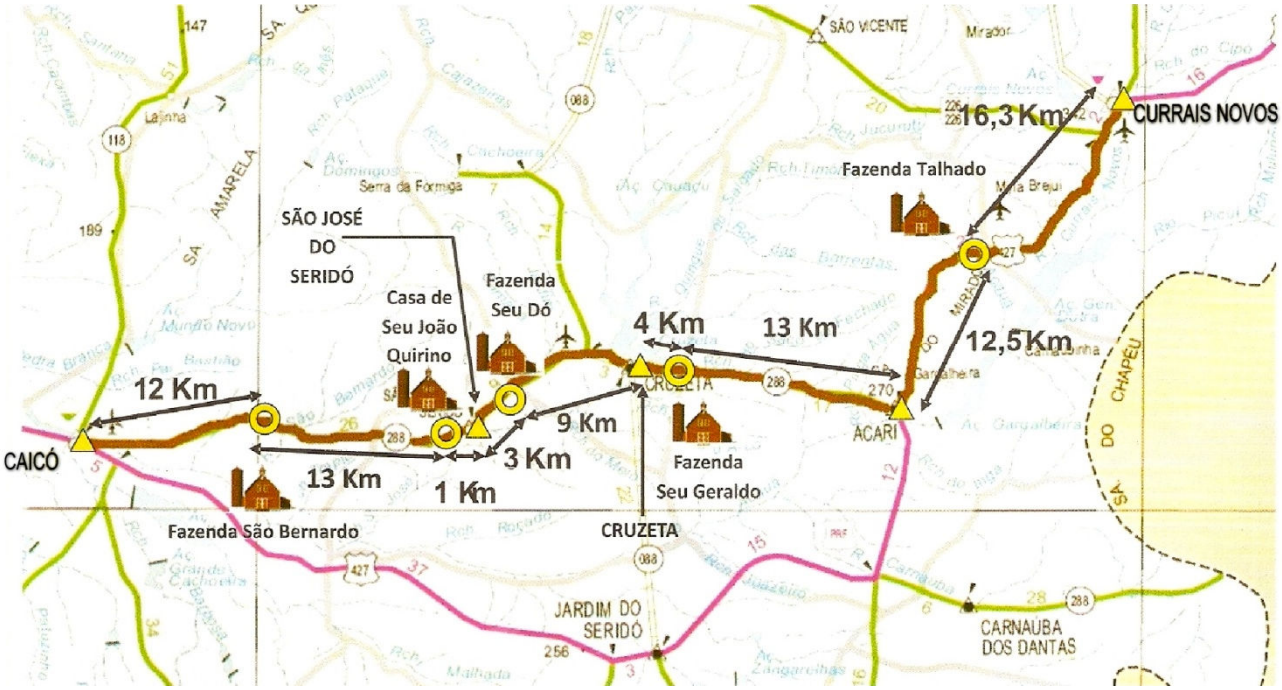
[34] Primeira cidade depois de Currais Novos.

18 h do dia 22 de julho), surge um carro de som, na entrada da cidade, para o trajeto da procissão rumo à igreja de Sant'Ana. Um dos cânticos entoados e cantados em uníssono[35] dizia: *"eu vou levar para Sant'Ana meu pedacinho de flor eu vou pedir pra Sant'Ana pela injustiça do mundo..."*. Nem a chuva que caía atrapalhou a chegada das várias imagens de Sant'Ana, conhecidas por *"as santaninhas* que chegavam dos sítios e dos bairros mais afastados para se juntar à procissão no pavilhão da "gloriosa" Sant'Ana, "a avó de todos". Este é um momento de grande devoção e adoração, onde a emoção ganha destaque entre os fiéis, em forma de choros e até de certo fanatismo, que tomam conta do ambiente. Conforme mostra o Mapa 05.

Foto 05 – Encontro das santinhas.
Fonte: Acervo do Pesquisador.

Foto 06 - O encontro das santinhas com a peregrinação
Fonte: Acervo do Pesquisador

[35] Composição de Elino Julião, nascido em Timbaúba dos Batistas (1936-2006): cinquenta e três anos de carreira; gravou 48 LPs e nove CDs.



Mapa 05 – Mapa identificando o percurso da peregrinação – Caicó/RN
Fonte: Revista no Caminho da Fé de Sant'Ana. Caicó/RN: 2009.

Após o momento de devoção religiosa, vem a parte laica com o festival de doces que foram doados para a comercialização, durante esse momento de sociabilidade entre os fiéis que vieram da área rural e da cidade. Neste momento de confraternização, há muito consumo de doces, porque a caminhada foi longa e cansativa e para os fiéis é glorificante, porque o dinheiro arrecadado com os doces vendidos é direcionado à "santa":

> "Todas as barracas que estão no pavilhão de Sant'Ana, pertencem à arquidiocese que promove essa primeira noite, fechando-a com um show dos muitos outros organizados pela Comissão de Sant'Ana, 'suas netas" (voluntárias).

Foto 07 - Festival dos Doces.
Fonte Acervo do Pesquisador.

E assim, até o último dia da festa, acontecem diariamente missas, confissões e o novenário, tanto no interior da Igreja, como no seu pátio, que ficam lotados pelo público que assiste aos ritos com o auxilio de um telão. No décimo primeiro e último dia, há uma missa solene pela manhã e, à tarde, ocorre a procissão de encerramento, acompanhada por enorme multidão, culminando com a missa campal.

A programação laica abrange ainda a grande Feira de Sant'Ana (comidas típicas), Jantar de Sant'Ana, leilões, Feira de Artesanato, apresentação de bandas e artistas de renome em praça pública, exposições de arte, lançamento de livros na Casa da Cultura, e festas em clubes, destacando-se o Baile dos Coroas, criado para atender ao público que nos anos 1960[36] sofria certo tipo de rejeição por gostar da Jovem Guarda. Outro destaque importante acontece no primeiro sábado da festa, com a "Festa do ex-aluno do Colégio Diocesano", com churrasco por todo o dia e o reencontro de amigos, muitos advindos do colégio há mais de 50 anos (cada ano se homenageia a turma que saiu do colégio há 50 anos. Em 2010 foi homenageada a turma que terminou o curso ginasial em 1960).

Segundo Magnani (1996), a cidade é um espaço que oferece a possibilidade de entrar em contato com "outros". Assim, na festa de Sant'Ana, a padroeira de Caicó/RN, a cidade torna-se uma forma programada para o lazer popular, ou seja, nela é planejada e ocorre a

[36] Tocado por orquestra (estilo Glenn Miller) em traje passeio e sem penumbra.

ocupação de vários espaços dentro do espaço total que é a cidade, com sua dinâmica, contornos e fronteiras, numa totalidade que abrange o lazer da festa, na cidade. Lazer este onde pouco importa o conteúdo, mas, sobretudo, é o significado, suas representações, e as trocas que ela representa.

Para Magnani (1996), no "pedaço", encontramos uma forma de sociabilidade mais aberta daquele que é fundada em laços de família mais informal e mais próxima do cotidiano; há troca entre parceiros que se conhecem e onde se cultiva os vínculos de pertencimento, onde é possível se sentir seguro, livre de imprevistos, ou, segundo Magnani (1996), *"não é para acontecer*".

No *"pedaço"*, as marcas no espaço, a dimensão do lazer e das práticas de encontro e sociabilidade se estabelecem através das fronteiras reconhecidas por seus membros, que, durante este período, apresentam expressão do pertencimento local através do manejo de códigos próprios, operando assim o reconhecimento em seus vários contextos.

Foto 08– Comemoração dos 50 anos do Bar do Ferreirinha.
Fonte: Acervo de www.bardeferreirinha.blogspot.com

Um bom exemplo do *"pedaço"* neste contexto é o Bar de Ferreirinha que, em julho de 2009, fez 50 anos de vida. Por volta de 1959, o senhor Vicente Ferreira de Morais alugou um ponto comercial a Ademar Costa (comerciante local) no centro da cidade, localizado à Rua Otávio Lamartine, que deu o nome de "*Bar de Ferreirinha*", nome este sugerido por amigos. À medida que os anos iam passando, e o movimento do bar aumentava, o senhor Vicente melhorava o seu atendimento; os aperitivos e iguarias do bar foram passando de geração a geração e, aos 50 anos de vida, esse bar é um *"pedaço"* tradicional e muito frequentado pelas pessoas da cidade incluindo os antigos clientes quando estes retornam a cidade durante a Festa de Santana

Outra categoria utilizada por Magnani (1998) é a *"mancha*". Para ele, é um espaço onde pares participam, por exemplo, de um certo gosto musical, cultural, onde o imprevisto faz parte dele, *"quem será que vai pintar, o que pode acontecer, uma paquera, um encontro...?"*(Magnani, 2008), ou seja, é um espaço de troca de larga escala, porque põe em

contato parceiros de tradições e níveis diferentes em torno de uma mesma procura. A Ilha de Sant'Ana representa bem essa categoria magnaniana.

A "Ilha de Sant'Ana[37]" (construída sobre o rio que corta a cidade) é um espaço construído para a realização de shows, com anfiteatro, pistas de caminhadas e parques de diversão. Frequentada por gente de diferentes "pedaços", com outra dinâmica, na sua forma de inserção do contexto urbano da festa torna-se mais clara, estável e demarcada a partir da inter-relação entre os diversos equipamentos, edificações e vias de acesso, funcionando como um ponto de referência concreto para um maior número de transeuntes. Nesse espaço de lazer e eventos, os seus usuários sabem o que querem encontrar, entretanto, não necessariamente quem vai ser encontrado; o imprevisto e seu encanto tomam conta do espaço, aumentando a excitação do momento festivo.

A Festa de Sant'Ana de Caicó é promovida pelo Conselho Paroquial de Sant'Ana (parte eclesiástica), que consta de 40 membros mais o presidente (Pároco), com o apoio da Prefeitura, Associações, e o caicoense em geral (residente em Caicó ou em outros lugares).

O "*jantar*" é outro momento importante da festa, que abre sua parte laica. No ano de 2009, não aconteceu no pavilhão de Sant'Ana, onde até então era organizado desde 1990, tendo sido transferido para o ginásio na Ilha de Sant'Ana, onde, logo na entrada, há uma grande placa com a seguinte citação *"A ilha de Sant'Ana foi feita com o que o Seridó tem de melhor, a fé, a coragem e a força do povo"*. Por conta da quantidade do público, a organização da comissão da festa decidiu transferi-la para esse local bem mais amplo[38], mas também mais fechado. Uma das pessoas que compõe a comissão organizadora da festa (Deusamar) disse: *"esta mudança, dentre outras, causaram certa polêmica e desconforto, principalmente, para aqueles que eram ligados ao padre Antenor"*[39]. Este é mais conservador no aspecto litúrgico, deixando no ar uma sutil rixa com o seu sucessor e primo, o padre Edson, mais "modernista", inclusive na condição da festa eclesiástica atual.

---

[37] Complexo turístico construído às margens do Rio Seridó, que absorve parte da estrutura da festa tradicional, antes centralizada no pátio da catedral e na Praça da Liberdade, centro da cidade. O espaço para os eventos culturais e religiosos encontrava-se comprometido, no sentido da dificuldade em acomodar uma multidão de pessoas que prestigiava a Festa de Sant'Ana. Em decorrência, o poder público estadual empreendeu um grande projeto de construção de um complexo turístico, denominado Ilha de Sant'Ana, um amplo espaço de eventos, construído no entorno do Poço de Sant'Ana, delineando as margens do Rio Seridó, com a finalidade de acolher as festividades da cidade. As obras de construção do complexo foram iniciadas no ano de 2005 e finalizadas em 2008.

[38] Amplo no sentido do espaço físico; fechado, porque, por ser um ginásio, é coberto, enquanto que, no Pavilhão de Sant'Ana, o espaço fisco era menor, a céu aberto.

[39] Padre Antenor, Chefe da Paróquia no período de 1968 a 2007; Padre Edson, atual Pároco (2007); e o Bispo Dom Manuel Delson Pedreira da Cruz, o sexto Bispo de Caicó, que é o principal ator da saída de Padre Antenor e da nomeação de Padre Edson.

Foto 09 – Jantar de Sant'Ana: sociabilidade
Fonte: Acervo do Pesquisador.

Foto 10 – Jantar de Sant'Ana: Familia Capitão.
Fonte: Acervo do Pesquisador.

Entretanto, apesar dessas nuances, a juventude, adepta ao som das grandes bandas, aprova o novo espaço mais adequado para tais eventos, que ocorrem ao redor do ginásio e em todo o espaço da ilha, onde vários outros eventos aconteciam simultaneamente. Todavia, o Jantar da santa, apesar das críticas, foi bem sucedido, lotando todo o ginásio, com a presença das famílias de Caicó e "netas de Sant'Ana", as quais contribuíram com a arrecadação dos fundos para a Diocese. O jantar representa o momento de grande confraternização e socialização entre familiares e amigos, "com o objetivo, também, de arrecadar fundos para a festa". Muitos membros da Família Capitão marcaram presença no evento, numa grande mesa estavam Salviano, Silvio, Celma Capitão com familiares e suas hospedes; as primas Euza, Edilma e Consuelo Capitão que vieram de São Paulo,

> "todos os anos estamos sempre aqui durante esses dez dias da festa, esse período é muito rico, pois podemos sempre estar juntos daqueles de quem amamos e contribuindo com a nossa querida Sant'Ana", diz Euza Capitão.

Assim, em 2009, contou-se com a presença do padre Edson, que se encontrava na entrada principal do ginásio, recebendo seus convidados, sorridente e visivelmente satisfeito.

Outras atividades laicas fazem parte da agenda da festa, como os bailes nos grandes clubes, palcos de desfile das camadas sociais locais, principalmente das suas elites, como, por exemplo, os shows noturnos que, após cada noite de novenário, acontecem próximos à Catedral

Foto 11 – Pavilhão de Sant'Ana à noite.
Fonte: Acervo do Pesquisador.

No Pavilhão de Sant'Ana, outra *"mancha"* se destaca: apesar de um pouco mais limitado do que a Ilha de Sant'Ana, ela oferece abertura para grandes possibilidades e, logo na primeira noite, tinha, como grande atração, a cantora Jake da banda axé Católico em Cristo. Com uma *performance* bem ao estilo "axé-baiano", pedia ao público que cantassem e dançassem junto com ela, enquanto ela reverenciava Nossa senhora do Ó e Obá, orixá africana. Neste espaço, próximo ao show, havia as barracas armadas no "Espaço de Sant'Ana"[40], com mesas e cadeiras preenchendo o local, onde as pessoas comiam e bebiam, contribuindo felizes para a paróquia de Sant'Ana. Esta atração se constitui em uma das marcas inovadoras do padre Edson[41]. Ao lado, na Praça Dinarte Mariz, antiga Praça da Liberdade ou Praça do Coreto, verifica-se outra *"mancha"* festiva da prefeitura onde acontecem outros eventos musicais e onde vários "*pedaços"* se intercruzavam. Nessa praça e no seu entorno, algumas famílias tradicionais de Caicó alimentavam suas redes de sociabilidade ao som das orquestras ou bandas marciais, vindas das cidades vizinhas, em que a presença feminina e a juventude de seus componentes eram marcantes. Tais concertos

[40] Área de dez mil metros quadrados onde são montados um telão de 3x4m e as barracas que vendem bebidas e iguarias, para a Paróquia de Sant'Ana; no centro, são colocadas mesas e cadeiras para o público que prestigia a programação laica da festa.
[41] Atual vigário da Paróquia de Sant'Ana.

executavam músicas clássicas e música popular brasileira, sendo promovido pela Prefeitura de Caicó. Nessa mancha, o nicho das barracas é de seus donos porque estes já haviam quitado a taxa proposta pela Prefeitura, segundo D. Gleide Capitão.

Foto 12 – Sociabilidade no Pavilhão de Sant'Ana.
Fonte: Acervo do Pesquisador.

Foto 13 – Sociabilidade na Praça Dinarte Mariz (antiga Praça da Liberdade).
Fonte: Acervo do Pesquisador.

Outro evento importante na festa é a Festa do Ex- Aluno[42] do Colégio Diocesano Seridoense (CDS), evento realizado no espaço do próprio colégio e que, apesar de restrito, concentra muitas famílias de Caicó, sendo hoje parte do calendário "oficial" da festa, mesmo sendo ela organizada por uma comissão específica e composta por ex-alunos do CDS[43]. Este

[42] Turma de formandos de 1959, homenageados de 2009.
[43] Associação dos ex-alunos do Colégio Diocesano, criada para apoio quando o colégio estava prestes a fechar. Na época, usava-se o "slogan" sou ex-aluno, o colégio não pode fechar. Infelizmente, a organização do evento não permitiu que participássemos da confraternização como observadores, pelo menos não sem o pagamento da cota, de R$ 35,00 (trinta e cinco reais). Insisti com uma das participantes, chamada Betinha Simplício, que tentou sensibilizar a comissão organizadora, mas o resultado também foi negativo.

foi outro evento em que a família Capitão se fez presente: Celma Capitão e sua filha Larissa, Dete, irmão de Euza que veio de São Paulo, Dinah e outros. De acordo com Dete, *"esses momentos são únicos e de trocas intensas, sempre que venho recordo de grandes momentos do colégio Diocesano e da minha querida Caicó e sempre temos do que recordar"*.

Foto 14 – Festa do ex-Aluno: Família Capitão
Fonte: Acervo Pessoal.

Desta forma, do ponto de vista da Filosofia alemã, o termo correspondente para sociabilidade (*Gesseligkeit*), foi muito utilizado principalmente na perspectiva kantiana, quando ele fala da *ungeselle Geseligkeit*, ou seja, da sociabilidade não-social, para referir-se à relação dialética do indivíduo em sociedade. Posteriormente a sociabilidade foi objeto de atenção de Simmel. Este define a sociabilidade como a:

> "forma-jogo da associação". A sociabilidade é própria "de um mundo artificial, composto de indivíduos que não têm outro desejo senão o de criar uma pura iteração com os demais. Não se entra na sociabilidade como homens completos, mas como homens despojados de fins, metas e intenções. Na sociedade primitiva os homens não tinham que livrar-se de tantas pretensões objetivas. A forma pareceria mais clara em contraste com a existência pessoal. Como abstração da associação através da arte e do jogo, a sociabilidade é classe mais pura de interação". (Dicionário de Ciências Sociais, 1986 cf. MARTINDALE, D. A. La teoria sociológica. Madrid, Aguilar, 1971. p.282).

A sociabilidade configurada nesses pedaços, manchas, circuitos e trajetos da festa, na cidade de Caicó, não foi usada preferentemente no plano formal. A. Birou, (no Vocabulaire pratique de sciences sociales-Paris, Ouvrìeres, 1966. Economie ET humanisme), não recolhe diretamente a palavra sociabilidade, mas sociabilidade. *"Esta palavra, de uso pouco corrente, se aplica aos seres vivos para significar que é próprio da natureza deles viver em sociedade e ter uma existência social"*.

Gurvittch (1963) fala da sociabilidade como formas múltiplas de ligar os homens pelo seu todo, como os fatos mais simples da realidade social e que constituem objeto da microssociologia. Para ele, tais formas de sociabilidade podem ocorrer através da fusão parcial, ou seja, os "nós": massa, comunidade e comunhão de acordo com o grau de fusão dos membros; por oposição parcial, ou seja, da relação com os outros; de forma passiva e ativa e, finalmente, de forma organizada.

Para Simmel (1983), as práticas sociais estruturam formas de sociabilidade que:

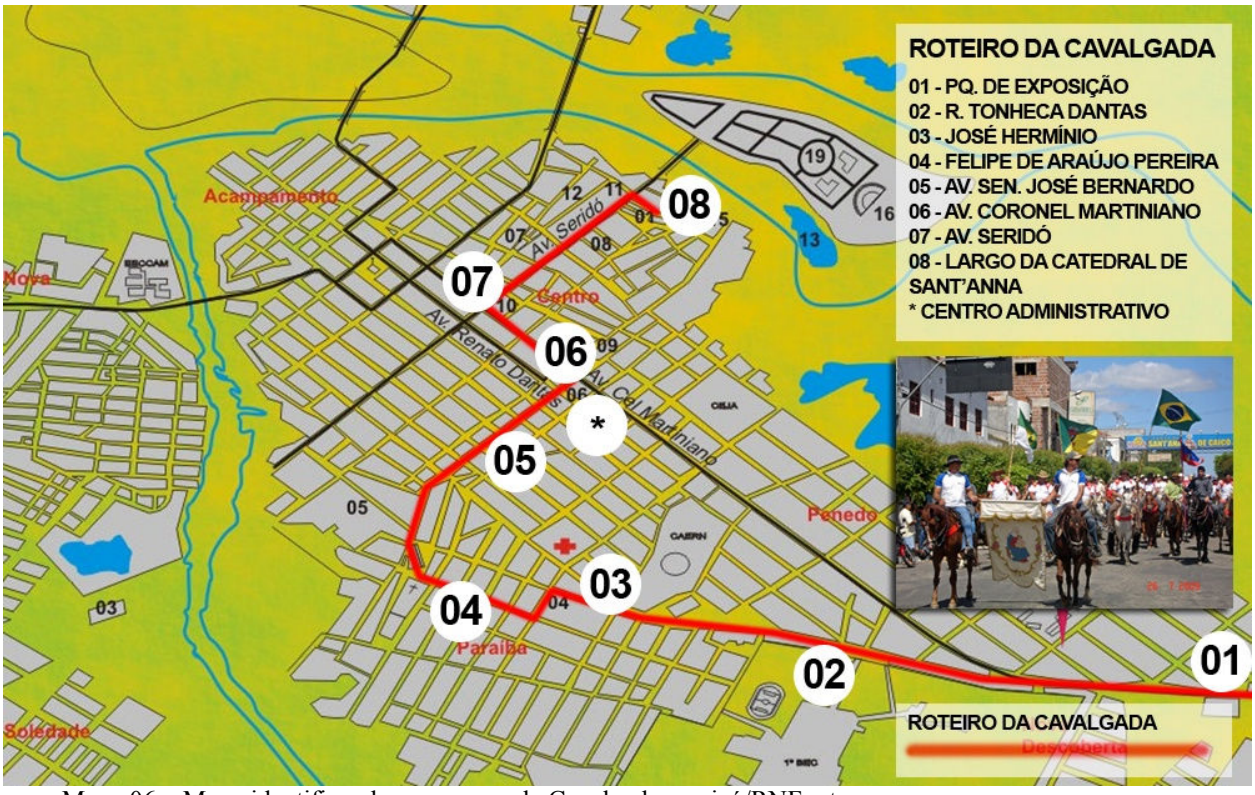
> "(...) estar com um outro, para o outro, contra um outro que, através do veículo dos impulsos ou dos propósitos, forma e desenvolve os conteúdos e os interesses materiais ou individuais. As formas nas quais resulta esse processo ganham vida própria. São liberados de todos os laços com conteúdos; existem por si mesmas e pelo fascínio que difundem pela própria liberação destes laços. É isto precisamente o fenômeno a que chamamos de sociabilidade" (Simmel, 1983, p. 168).

Assim, associamos o conceito de sociabilidade com a empiria na questão relacionada aos *Cavaleiros e Amazonas de Sant'Ana*, outro evento que cresceu na festa de Padre Edson, representando bem o que Magnani chama de *"trajeto"*. A Cavalgada de Sant'Ana é um evento festivo onde se evidencia um forte apelo religioso, representando uma tradição no calendário oficial da festa e também organizada pela Comissão.

A Cavalgada passou por um período fora da programação oficial eclesiástica, todavia, desde 2007, voltou a fazer parte do calendário eclesiástico, com a força redobrada desses homens e mulheres do campo que prestam suas homenagens à padroeira. Mais uma conquista do Padre Edson na transição eclesiástica entre o antigo pároco Padre Antenor e ele (Edson), transição esta que foi pacífica, porém algumas farpas ainda estejam encravadas[44].

Nas décadas de 1950 e 1960, quando a vida no campo era mais intensa nessa região, e a zona rural era mais habitada, a professora Bernadete Ginani (esposa do ex-vereador da cidade, Basílio Ginani), organizou um evento chamado de "Cavalaria", onde, montados em seus cavalos, os fiéis (como forma de sua devoção à sua padroeira Sant'Ana) ocupavam as ruas da cidade para saudá-la. Com a "queda do algodão" na década de 80 (1982-86), que resultou em uma crise econômica sem precedentes, o êxodo rural foi intenso, e a manifestação dos Cavaleiros de Sant'Ana foi perdendo forças, até que desapareceu do seu calendário festivo. O percurso é mostrado no Mapa 06.

[44] Padre Antenor, em entrevista no dia 27 de julho de 2009, pediu que não fosse publicado os detalhes.



Mapa 06 – Mapa identificando o percurso da Cavalgada – caicó/RNFonte: www.autobrazcaico.com.br/atendimentophp. Acesso em 18.03.2010.
Informações fornecidas por Maria Gilda de Medeiros Fernandes em 18.03.2010.
Cartografia adaptada por Zara Medeiros e Rafael Oliveira.

Em 2002, durante as festividades da padroeira, houve o ressurgimento dessa manifestação de fé através da Cavalgada de Sant'Ana, dessa vez idealizado pelo comerciante Max Azevedo, proprietário de uma loja têxtil.

É no pavilhão de Sant'Ana que todos aguardam a chegada dos cavaleiros e amazonas vindos dos sítios e fazendas mais afastados da cidade. O povo segue reforçando seus laços, comendo e bebendo as guloseimas regionais e bebidas preparadas pela Comissão e vendidas nas barracas armadas no pavilhão da Santa, proporcionando a arrecadação dos fundos para a Paróquia de Sant'Ana.

Segundo Syulânia Vilar Guerra[45], uma das muitas voluntárias que faz parte da Pastoral do Aconselhamento, essa é mais uma inovação do Padre Edson. Em entrevista concedida, ela me falou de sua devoção a "Santa-avó", do seu trabalho como voluntária: *"eu e todos aqui somos netos de Sant'Ana e irmãos de Jesus"*. Perguntei-lhe de onde ela havia tirado essa conclusão e ela, convicta de si e sem pestanejar, me respondeu: *"de meus pais que receberam*

[45] 14 anos, estudante do ensino fundamental.

dos deles e assim sucessivamente". Na condição de jovem envolvida com as pastorais católicas, ela acredita que:

> "não há como participar do social sem passar pelo religioso e vice-versa, são dois mundos unidos num só, que muitas vezes se confundem, mas que de maneira nenhuma abala a fé em Sant'Ana, nossa avó"; (...) "não precisamos ir muito longe, como ir para o exterior, por exemplo, o Brasil é um país extremamente rico culturalmente; venham para Sant'Ana de Caicó"

Finalmente chegam os cavaleiros e amazonas da cavalgada a Sant'Ana, ocasião em que o padre Edson espera em um palanque armado e bem equipado, vestido com sua batina. Ele discursa aos cavaleiros, amazonas e aos fiéis que ali se encontravam, mencionando a importância da cavalgada, do crescimento e relevância que ela tem dentro do contexto da festa. Portanto, pede aos que estão presentes que tirem seus chapéus e bonés, para receberem a bênção da gloriosa Sant'Ana.

Foto 15 – Chegada da Cavalgada no Pavilhão de Sant'Ana.
Fonte: Acervo do Pesquisador.

Foto 16 - A chegada da Cavalgada.
Fonte: Acervo do Pesquisador.

Depois de recepcionar a todos, o Padre Edson começa a parte litúrgica com rezas e saudações, às quais todos respondem em uníssono, outro momento de grande emoção dos fiéis, que demonstram choros, ovações. A euforia toma conta do lugar, visto que o padre Edson pede a todos que façam o sinal da cruz, dizendo: *"a esperança está em Sant'Ana, e aos netos que levantem a mão direita para saudá-la e adorá-la em unidade"*. Nesse momento todos rezam a "Ave Maria", e o padre diz que: *"embora ela não seja Nossa Senhora, é santa e é a senhora Sant'Ana, mãe de Maria e avó de Jesus"*. Logo em seguida, entre um ritual e outro, lembra aos fiéis do bingo[46] e da feijoada[47]. Depois finaliza, então, a liturgia, rezando pelas famílias e pelos sítios e fazendas.

Após horas de cavalgada, com sede e fome, os participantes compram e saboreiam as iguarias e bebidas comercializadas nas barracas de Sant'Ana. Segundo Beta, uma das voluntárias da comissão organizadora da festa, *"essa foi à oitava cavalgada, mas a segunda sob a nova comissão; a melhor e a maior até agora, principalmente com relação ao número de sítios e fazendas participantes"*. A presença do padre Edson, já com trajes civis, recepcionando os fiéis, sociabilizando e sorrindo quase que sem parar, contagia a todos com sua alegria eclesiástica.

Foto 17 - Sociabilidade no Pavilhão de Sant'Ana: Cavalgada.
Fonte: Acervo do Pesquisador.

A noite é a vez do forró de pé de serra no pavilhão da santa, enquanto que, na praça (Praça Dinarte Mariz), ao lado, outro espaço aberto e público é o palco das redes de sociabilidade (Coradini, 1995), as filarmônicas fazendo a sua *performance* e as bebidas e as iguarias das barracas recheando as mesas das famílias formando verdadeiras redes de sociabilidades que durante a festa são mais uma vez reforçadas e renovadas, tanto que:

[46] Os objetos e animais leiloados no bingo são doações de empresas e dos fazendeiros dos sítios que participam da cavalgada.
[47] Doada pela Associação da Carne de Sol.

> "De maneira semelhante o "impulso de sociabilidade" extrai das realidades da vida social o puro processo de sociação como um valor apreciado, e através disso constitui a sociabilidade no sentido estrito da palavra".(SIMMEL, 1983, p. 172).

Para completar o calendário festivo dessa semana, em 2009 houve uma novidade: o I Leilão do Artesanato, que aconteceu no Pavilhão Cultural[48], organizado pela Associação União Sobrado e pelo Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas[49]. Este leilão é preparado pelos artesãos da região, que comercializam ali seus bordados, o artesanato mais conhecido e fonte de orgulho de Caicó. A renda é repassada à Paróquia de Sant'Ana de Caicó.

Na Associação das Bordadeiras de Caicó, foi entrevistada uma funcionária e bordadeira, Ana Lúcia dos Santos, de 47 anos, que, dentre os vários assuntos abordados, falou da falta de incentivo da Prefeitura para com a associação, dizendo que muitas vezes tem que usar recursos próprios para mantê-la, insistido inclusive que já enviou vários ofícios para os órgãos competentes: *"mas não obtivemos nenhum retorno"*.

No dia seguinte (quinta-feira, dia 30.07.09), após o evento do leilão, aconteceu a "feirinha", no Pavilhão de Sant'Ana, talvez o evento que realiza a maior concentração de público, tanto de caicoenses quanto de turistas, que vem para preencher o ambiente nos últimos dias de Festa de Sant'Ana. O momento é marcado por grande alegria e hospitalidade, quando se comercializam os mais prestigiosos pratos da culinária regional, regado a bebidas de modo geral, (cerveja, cachaça da terra, dentre outros) ao som do forró pé de serra e samba. A animação desse evento marca a grande concentração das famílias num enorme aglomerado de público. É marcada pelo burburinho, pelo encontro de amigos com a degustação de comidas regionais. A "feirinha" é considerada um dos eventos que atrai maior número de pessoas na festa, contando com políticos locais e de âmbito estadual, visitantes das cidades circunvizinhas e turistas de outros estados, além dos filhos de Caicó, que residem em outros estados e vêm todos os anos prestigiar e participar da festa. A Feirinha de Sant'Ana se inicia pela manhã e se estende até a noite.

---

[48] Que é um espaço situado dentro do Pavilhão de Sant'Ana, voltado para atividades culturais e lúdicas, administrado pela Diocese paroquial.
[49] SEBRAE

Foto 18 – Feirinha de Sant'Ana.
Fonte: Acervo do Pesquisador.

Foto 19 - Sociabilidade na Feirinha.
Fonte: Acervo do Pesquisador.

Em 1988 quando foi implantado as barracas das famílias, Nivinha Capitão era a coordenadora da Feira de Sant'Ana. Ele nos contou que:

> "Distribuiu cartas a várias famílias explicando o objetivo daquele programa de resgate das origens das famílias seridoenses, mas poucas nos atenderam e só quem permaneceu foi a barraca João Bernardo coordenada por Gorete".

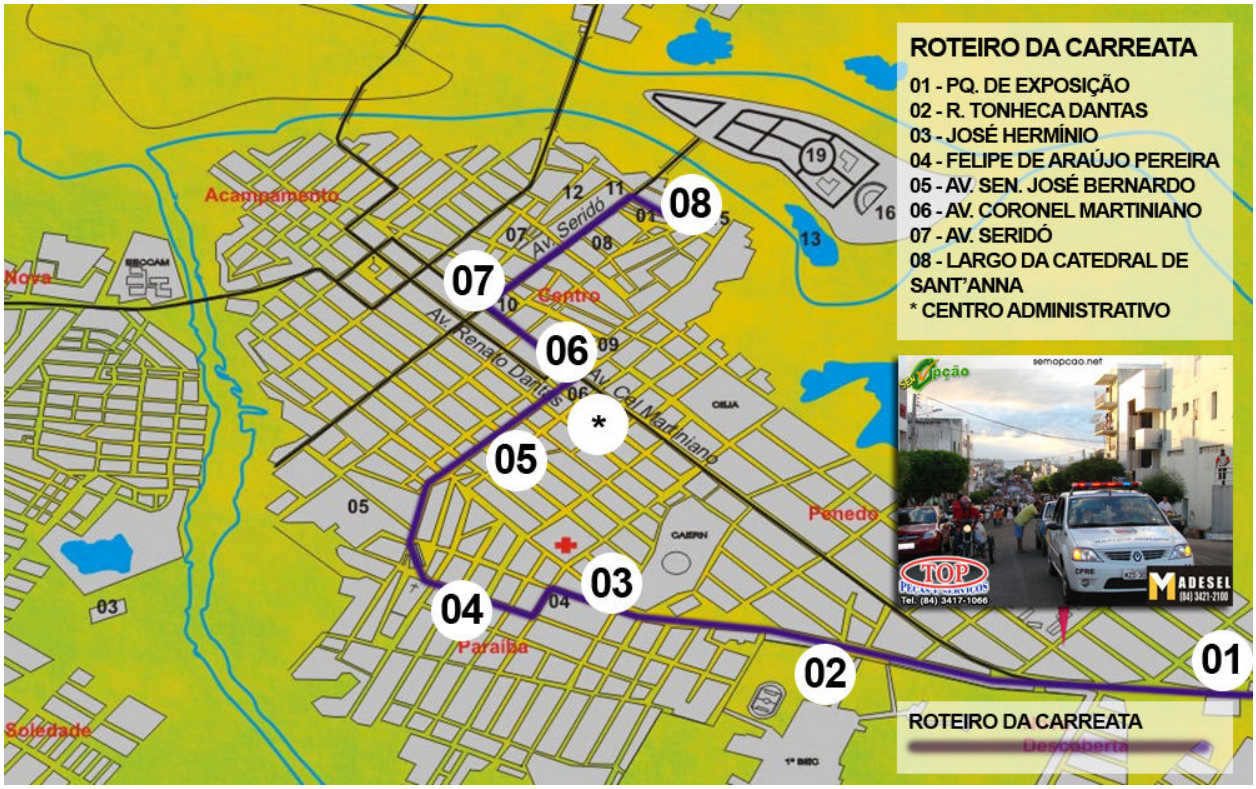
Na época, destacou-se por vários anos a barraca Godofredo Fernandes, seu avô paterno, concorrendo com a barraca do Batalhão de Engenharia pelo maior faturamento, porém, com a morte do seu primo Laércio e sua transferência para Natal no mesmo ano (1994), a família achou difícil continuar.

Outra família que participou por alguns anos seguidos foi a "Dr. José Medeiros". Goreth Capitão (julho/2010), uma das participantes da feirinha desde 1988, com sua tradicional barraca "Casquinha de Caranguejo" da Feirinha de Sant'Ana de Caicó, sua

especialidade, nos descreveu os ingredientes da sua iguaria e nos falou do motivo que a levou participar da Feirinha de Sant'Ana de Caicó/RN.

> "Resido em Caicó há mais de vinte anos quando comprei um imóvel que pertencia ao meu tio Memé. Foi aí que tudo começou. Chegando nesse imóvel encontrei uma vizinhança muito hospitaleira que se mantém até hoje .Em 1987 meu avô materno faleceu. Ele conhecido como João Bernardo(...) No ano seguinte ao seu falecimento o Padre Antenor vigário da referida igreja sugeriu que quem quisesse homenagear algum familiar caicoense colocasse uma barraca para vender alguma iguaria na Feirinha de Sant'Ana, que se realiza sempre na quinta-feira na praça em frente à Catedral de Sant'Ana. Mas, tinha uma condição: preparar e se responsabilizar pela comercialização do produto no dia. Senti o poder dessa ação, pois, ao mesmo tempo eu estaria ajudando despretensiosamente e, em nome do meu avô João Bernardo de Medeiros – o eterno caicoense – pois, com esta ação concreta o nome dele se faria lembrar todos os anos na Feirinha de Sant'Ana e todos que o conheciam se lembrariam dele. E, há vinte e dois anos, eu faço essa ação. A princípio, a Feirinha era muito tênue e com este incremento de outras pessoas trabalhando beneficentemente. Nestes últimos anos houve uma grande projeção da feirinha que se agigantou de forma tal que os caicoenses, peregrinos e visitantes, permanecem na praça em pleno calor até o início da novena de Sant'Ana. Desde 1988, com a ajuda de alguns familiares, eu compro 10 quilos de filé de caranguejo fresco, comprado ao produtor Cortez na casa do caranguejo em Natal (...)Já não é mais uma iguaria que a pessoa come, mas uma degustação, é sentido, é cheiro, é uma doce lembrança para comer rezando, é um prazer da gastronomia natalense, levada para Caicó para enriquecer mais ainda a feirinha de Sant"Ana e aprovada por todos".

Na Sexta-feira, foi a vez dos motoristas prestarem sua homenagem à Senhora Sant'Ana em forma de carreata, prestigiada por taxistas, motoqueiros, moto-taxistas e outros automotores. A carreata sai do Parque de Exposições de Caicó até chegar à Catedral de Sant'Ana, onde recebe as bênçãos da sua "gloriosa" santa para seus veículos. Conforme Mapa 07.



Mapa 07 – Mapa identificando o percurso da Carreata – Caicó/RN
Fonte: www.autobrazcaico.com.br - acesso em 18.03.2010
Informações fornecidas por Maria Gilda de Medeiros Fernandes em 18.03.2010.
Cartografia adaptada por Rafael Oliveira

Outro tradicional evento marcante na festa é o "Baile dos Coroas", um dos mais tradicionais da festa e que ocorreu na Sexta-Feira, 26 de Julho de 2009, no seu 36º ano, no Atlético Clube Coríntians.

Segundo relatos, a ideia da festa surgiu e se concretizou através dos amigos caicoenses, os Srs. Darci Fonseca, Erivanor Bezerra e Automendes Josué, que pretendiam reviver os "bailes antigos", ou seja: nos mesmos moldes das "orquestras[50]", propondo o traje passeio completo para os homens e vestidos longos para as mulheres, e que o salão de dança fosse perfumado com essência de eucaliptos e totalmente iluminado. Ressaltamos que parte da renda financeira arrecadada era destinada para fins beneficentes, como a Casa de Caridade, o Hospital do Seridó, a Maternidade "Mãe Quininha", e o Abrigo "Pedro Gurgel" além de, como não poderia faltar, à Paróquia de Sant'Ana. Segundo Nivinha Capitão, um detalhe bastante peculiar foi ressaltado: "no primeiro baile dos coroas, ficou uma pessoa responsável pelo corte dos cabelos dos "cabeludos" que quisessem participar da festa".

No sábado aconteceu a missa da família do Santíssimo Sacramento, onde acontecem batizados e os devotos têm a oportunidade de refletir sobre a importância da família e, sobretudo, dos avós e dos idosos na vida da família e na sociedade. À noite, o pavilhão continua com sua programação de música ao vivo, na Praça da Catedral, sob a responsabilidade da comissão. Na Ilha de Sant'Ana, a festa tem o auge do público no sábado, através de shows em um palco que atrai grande contingente de adultos e, sobretudo, de jovens. Na Ilha, há, também, os parques de diversão utilizados por crianças e adultos.

E, finalmente, ocorre a solene Procissão e Missa de Encerramento realizados no domingo, o "dia maior" da Festa, quando a imagem da Santa deixa seu nicho e, opulentamente ornada, é conduzida pelas ruas da cidade, onde todos demonstram sua fé e adoração, com uma grandiosa euforia que toma conta do evento.

[50] Estilo Glenn Miller

Foto 20 – Encerramento: A Procissão de Sant'Ana.
Fonte: Acervo do Pesquisador.

Foto 21 - Procissão de Encerramento.
Fonte: Acervo do Pesquisador.

Portanto, as práticas de sociabilidade, vivenciadas na festa da padroeira de Caicó, mantêm-se nos mais variados espaços de lazer, de convivência, de culto, de encontros, enfim, *"constituindo pedaços, consolidando manchas, inventando circuitos"*, (Magnani, 1996) no sentido de que esses laços, seus signos, suas representações, suas imagens, sejam construções das relações determinadas pelo pertencimento, simbolizado na festa, fortalecendo e construindo uma importante experiência para aqueles que "retornam" ao meio onde "viveram", e reforçam assim o seu pertencimento e sua identidade, de corpo e alma.

Estas categorias que preenchem os espaços vividos na festa da padroeira da cidade de Caicó recobrem o registro do que Marc Auge (1994) denomina de *"lugar antropológico"*, conceito que ele abre para a discussão localizada no tempo e no espaço. Segundo ele, o lugar antropológico é mais específico e apresenta uma conotação suplementar, significante na medida em que não é simbólico apenas para aqueles que habitam ou dele usufruem, permitindo aos de fora entenderem a via de acesso privilegiada para compreender o

comportamento de seus usuários, seus recortes no espaço e a significância dessa apropriação por partes dos atores envolvidos, determinando, assim, padrões coletivos de comportamento e regras de sociabilidades.

Desta forma, as migrações são fenômenos motivados por vários fatores e fazem parte da historia da humanidade e, em Caicó, mais especificamente, os fatores que levam a estas mobilidades, não seriam diferentes. Eles são visíveis, sendo tanto eclesiásticos quanto socioculturais e políticos, ou em busca de atrativos turísticos. Mas sem sombra de dúvidas, o fator que historicamente tem sido predominante na atualidade é o econômico.

Todos os eventos do ritual a Sant'Ana, de adoração, de comemoração, de oração e de confraternização, são atividades que acontecem durante todo o ano para levantar fundos para a paróquia da Santa:*, "eu trabalho aqui em Natal com grupo de familiares e amigos e, a cada dia 26 de cada mês durante o ano, fazemos uma confraternização social/religiosa para esse fim"*, afirma Nivinha Capitão.[51]

Segundo ela, em 1998, a Arquidiocese de Natal convidou a paróquia de Santana de Caicó para patrocinar a padroeira de Natal, Nossa Senhora da Apresentação, num jantar organizado pelos caicoenses que vivem em Natal e pelos que vieram de Caicó para participar do evento: *"A santa daqui de Natal pediu ajuda a Sant'Ana, avó de Jesus, mãe de todas as Marias"*.

A partir dessa confraternização, os filhos de Caicó e devotos de Santana, que vivem em Natal e em outras partes do Brasil, resolveram formar uma rede (inclusive membros da família Capitão e amigos, em torno de 25 pessoas). Segundo Nivinha, é importante:

> "realçar a família Capitão dessa forma, pois da organização direta do evento sou apenas eu, embora contemos com a participação de varias outras pessoas da família. Eu entrei no primeiro ano por convocação da minha tia Basinha, irmã de meu pai. Como patrocinadores temos Geralda, viúva de Memé, que é uma das principais, minha irmã Dadá, o esposo dela, Rosimar, que participa na doação de brindes e venda de senhas, mamãe, Maylde com irmãs e sobrinhos, Dalva Dulce, Maria Dulce e Dinah, Leda, quando vem (USA), e muitas outras com doação de brindes e/ou compra de senhas, portanto, na realidade há uma boa participação da família Capitão, porém na coordenação direta o grupo é mais de fora da família. Zuleica, desde o primeiro ano (para N.Sra.da Apresentação) até o ano de sua morte fez questão de patrocinar um dos melhores prêmios para arrecadação anual de fundos para a festa de sua padroeira".

[51] Membro da família Sant'Ana, e ex-membro da comissão organizadora da festa: "em Caicó, já não faço parte dessa comissão. Fui do Conselho Paroquial até 1993 enquanto morava em Caicó". (Entrevista em junho/2009).

Um dos prêmios principais desse encontro (em 2009) foram as imagens de Sant'Ana doadas por duas de suas netas: Lindalva Capitão (mãe de Nivinha, entrevistadas em junho de 2009) e sua irmã Zuleika Capitão.

Esta confraternização geralmente acontece entre os meses de abril, maio ou junho, (independente de outras atividades que a família participa com o mesmo fim durante o ano), na Associação Atlética do Banco do Brasil. Inicia-se com o sorteio de uma das imagens e termina-se a confraternização com o sorteio da outra imagem de Sant'Ana.

Outra rede foi formada em Brasília, por outros membros da família Capitão e amigos, encontrando-se com o mesmo propósito (arrecadar fundos), acontecendo no restaurante "Xique Xique", de propriedade do Rubem Pereira, (sobrinho de Lindalva Capitão, mãe de Nivinha Capitão), patrocinador do encontro.

O Encontro[52] de 2008 (julho) da Família "Capitão", em Caicó, durante a festa de Santana, segundo Nivinha Capitão, uma de suas organizadoras:

> "foi um momento de grande emoção; quando contamos com a presença de pessoas conhecedoras da família e com condições de ajudar a resgatar a nossa história, a nossa origem e de ter podido, sobretudo, reacendido e reativado os laços de parentesco e de amizades, não só de fortalecê-los mais, mas também de aumentarmos a rede de sociabilidades e interação que há muito tempo não havia acontecido"

Foto 22 – I Encontro da Família Capitão
Arcevo do pesquisador.

Segundo ela houve a produção de um cd cujo "*patrocínio foi dividido em 15 partes iguais distribuído entre 15 familiares.*[53]

---

[52] Encontro que acontece de dois em dois anos (no início da Festa), onde os membros da Família Capitão resgatam sua história, renovam seus laços de parentesco e reforçam seu pertencimento.

[53] Descendentes de José Capitão: 1 Cartobrindes – Empresa de Allan Aluizio (Meu Filho) – Natal; 2 Ff Construção – Aécio Aluizio e Irmãos (Meus Filhos) – Natal; 3 Xique Xique – Rubinho (Filho de Zaíra Capitão) – Brasília; 4 Mpe Montagem Produção & Eventos – Godofredo (Meu Irmão) – Caicó; 5 Drew Wrote Noivas – Norma (Filha de Possidônio, irmã de Neide Capitão) – São Paulo; 6 Inape – Janduí (Meu Irmão) – Caicó; 7 Escritório de Contabilidade do Seridó – Mariquinha (Filha de Júlio Capitão) – Caicó. Descendentes de Joaquim Capitão: 8 Doce Papel –Caicó; 9 Chopp Import – Selma e Glécio – Caicó; 10 Clínica de Ortopedia e Traumatologia – Silvio Santos – Caicó; 11 Dr Glecio Filho – Cirurgião Dentista – Caicó; 12 Clínica de Olhos –

O encontro trouxe da Carolina do Norte a família de Carmem Capitão Creamer e seus filhos (John, Cynthia e Sylvia) e lá vivem há mais de 45 anos. Quase todo ano ela vem para visitar seus familiares e amigos e saudar Sant'Ana.

Esse encontro (2008) foi muito rico e importante para a família Capitão e para Caicó, principalmente pelo aspecto representativo da identidade, do pertencimento e da reativação dos laços de parentesco. A emoção tomou conta do encontro proporcionando não só o grande fluxo da migração de *"retorno temporário"* dos que vivem mais distantes, mas também daqueles que vivem aqui no Nordeste, e por causa de diversos motivos: não vinham à festa no mesmo ano, ou não se encontravam há muito tempo. Entretanto a partir desse encontro (I Encontro da Família Capitão[54]), puderam extravasar os sentimentos adormecidos e viverem esse momento, considerado por eles como único.

Hino da Família Capitão[55]
Sou Capitão
De Caicó
Sou do sertão do estado potiguar
Sou da terra de Sant'Ana
Sou Família secular.

A nossa história que começa no sertão
Desbrava chão e atravessa até o mar
É tradição, é festa, é alegria,
Cada um se contagia
Quando começa a lembrar.

Quem'stá distante entre nós também está
Pois esquecido um Capitão jamais será
Com nossas mãos unidas em oração
Renovando o coração
Tempo de se reencontrar

Nas mãos de Deus estão os nossos ancestrais
Benditos sejam os avós e nossos pais
Muita saudade e muita gratidão
Transbordando emoção,
Entre nós amor e paz...

Esta homenagem também foi um grande acontecimento na cidade, primeiro porque aconteceu durante a festa tradicional, como diz Nivinha: "*o nosso encontro foi durante a festa*

Salvador Santos – Caicó. Descendentes de Joaquina Capitão: 13 Avohai Vânia (Filha de Dirceu) – Caicó. Descendentes de Sebastião Capitão: 14 Família de Sebastião Capitão – São Paulo; 15 Mix Rolamentos – São Paulo.

[54] A organização do encontro mandou fazer camisetas com o brasão da família e o nome de cada membro da família e um CD com o "Álbum da família" representada no evento.
Ver a árvore genealógica mais à frente.

[55] Homenagem de Padre Gleiber Dantas de Melo. Escrito em 23 de Julho de 2008. Paródia: Meu Araripe (Luiz Gonzaga).

de Sant'Ana: 23 de julho de 2008 – véspera do dia da feira de Sant'ana, tudo acontece na festa, seja, antes durante ou depois, porque a festa de Sant'Ana é a festa"!

Assim, o encontro marcado durante aquela semana representou um tipo de "aquecimento a mais", para a festa principal da padroeira. Também vale ressaltar que durante a festa de Sant'Ana, os membros da família Capitão (além do que já fazem e contribuem durante o ano pela santa) contribuem nas doações para as barracas de comidas e bebidas da santa padroeira.

A imagem de Sant'Ana como expressão da fé católica representa para seus devotos uma forma de expressarem sua tradição e fé; na medida em que a devoção popular da santa cresceu, tornando-se um núcleo de um oratório de sua catedral.

Desta forma, neste ano (2010), a festa da padroeira de Caicó ganhou um brilho maior, além das atividades mencionadas anteriormente: a imagem de Sant'Ana foi restaurada por Hélio de Oliveira, por mais de cinco meses. Tendo concluído seu trabalho, ela foi entregue à Diocese de Caicó na quinta-feira[56] (01 de julho/2010), com uma festa que teve início no sítio do próprio restaurador com a seguinte programação: uma missa foi celebrada em Pium, às 8 h, na Capela de Nossa Senhora do Bom Parto – Residencial Vila Feliz (Restaurador Hélio de Oliveira) – Parnamirim, tendo como celebrante o Monsenhor Edson Medeiros de Araújo, pároco da Catedral de Sant'Ana de Caicó; às 11 h foi a vez da Catedral Metropolitana Nossa Senhora da Apresentação – Natal, receber a imagem com uma missa solene com caicoenses e devotos de Sant'Ana residentes em Natal, celebrada por Dom Heitor de Araújo Sales – Arcebispo Emérito da Arquidiocese de Natal onde a imagem da Santa permaneceu exposta ao público; por volta das 13 h, a imagem de Sant'Ana partiu com destino a Caicó. Em Caicó, estava programada a alvorada festiva pela abertura do mês de Sant'Ana, em frente à sua Catedral com girândolas, repicar dos sinos, banda de música e imprensa. Carros de som percorreram os bairros da cidade anunciando a chegada da imagem da sua padroeira. No Santuário do Rosário rezaram o ofício, repicaram os sinos. Às 16 h, os devotos da Santa se concentraram em frente ao estádio Marizão, com animação do Padre Fabiano e animadores, aguardando a chegada da imagem de Sant'Ana. Às 17 h, chegou a imagem a Caicó, conduzida pelo Pàroco da Catedral Monsenhor Edson Medeiros e peregrinos. Palavras de acolhimento pelas autoridades foram pronunciadas e uma carreata com a imagem de Sant'Ana seguiu pela Ponte Nova, por volta das 17 h 30 min, para o cruzamento das avenidas Coronel Martiniano e Seridó, para, em seguida, ocorrer uma caminhada até a Catedral de Sant'Ana. Às

[56] Blog do Robson Pires. Desenvolvido por Ivanberg Moreira - Plataforma WordPress

19 h foi celebrada uma missa campal em ação de graças pelo retorno da imagem de Sant'Ana à Casa Mãe do Seridó, no Largo da Catedral por Monsenhor Edson Medeiros de Araújo e tendo, como pregador, o antigo ex-pároco Monsenhor Antenor Salvino de Araújo. A imagem permaneceu exposta ao público na Catedral para visitação e às 20 h 30 um show religioso, no Pavilhão de Sant'Ana, teve como atrações Jonas Linhares, Galvão Freire e Ronaldo Carlos encerrando as atividades em homenagem a imagem de Sant'Ana restaurada.

Foto 23 – Imagens de Sant'Ana: antes e depois da restauração feita por Hélio de Oliveira.
Fonte: Restaurador Hélio de Oliveira.

4 FAMÍLIAS CAICOENSES

Segundo Medeiros Filho (1981), no Seridó, as primeiras famílias ali instaladas, cuja lembrança se impõe pela perpetuação genealógica regular, somente apareceram após o ano de 1720.

Manoel Dantas Corrêa, antigo cronista do fenômeno da secas na região, em manuscrito de 15 de Junho de 1847, informava que, em 1723, a região apresentava apenas

homens, desacompanhados de família, entre eles, vaqueiros, foragidos da justiça, caboclos mansos, negros cativos e ciganos.

Assim, figurando nas listas genealógicas das famílias seridoenses, de acordo com o autor, há uma forte presença lusitana, o que fornece a idéia de uma certa predominância do imigrante proveniente do norte de Portugal e dos Açores. Portanto, na tradição oral e familiar dessa região, muitas narrativas surgem como formadoras de algumas famílias locais e de seus respectivos assentamentos.

Apresentaremos aqui um breve resumo dessas famílias trazido à luz por Medeiros (1981):

A descendência do português Pedro Ferreira das Neves e da índia Custódia de Amorim Valcácer, da Fazenda da Cacimba da Velha, da Ribeira do Quipauá[57].

A descendência do português Tomaz de Araújo Pereira e Maria da Conceição de Mendonça, da fazenda de São Pedro, da ribeira do Seridó[58].

Descendência do Coronel de Milícias, Alexandre Rodrigues da Cruz, e Vicência Lins de Vasconcelos, ambos portugueses e criadores de gado na Fazenda Acauã Velha[59].

Descendência de Manoel Ferreira Monteiro e Tereza Tavares de Jesus, da Fazenda da Serra Negra, da Ribeira das Espinharas[60].

Descendência de Antônio Garcia de Sá, português, natural dos Açores, e sua esposa Maria Dornelles Bittencourt, da Fazenda do Quimporó, da Ribeira do Seridó[61].

Descendência do português Domingos Alves dos Santos e sua esposa Joaquina Batista da Encarnação, da Fazenda das Lajes, da Ribeira do Quipauá[62].

Descendência do português Antônio de Azevedo Maia e Josefa Maria Valvácer de Almeida, da Fazenda da Conceição, da Ribeira do Seridó[63].

Descendência de Cipriano Lopes Galvão e Adriana de Holanda e Vasconcelos, da Fazenda do Totoró, da Ribeira do Seridó[64].

Descendência de Antônio da Rocha Gama e Isabel Maria de Jesus, da Vila do Príncipe[65].

---

[57] Seus descendentes: Famílias Ferreira das Neves; Morais Valcácer; Fernandes Freire; Simões dos Santos; Medeiros; Correia D'Avila; Pires de Albuquerque; Galvão; Álvares da Nóbrega; Morais Camelo; Tavares da Costa; Gomes de Alarcón e Camelo Pereira.
[58] Seus descendentes: Famílias Araujo Pereira; Soares Pereira; Dantas Corrêa; Hipólito do Sacramento; Gomes da Silva; Pais de Bulhões; Barros; Gorgônio.
[59] Seus descendentes: Famílias Rodrigues da Cruz; Cardoso dos Santos.
[60] Seus descendentes: Famílias Pereira Monteiro; Gomes de Faria; Rodrigues Mariz.
[61] Seus descendentes: Famílias Garcia do Amaral; Garcia Araújo.
[62] Seus descendentes: Famílias Alves dos Santos; Batista dos Santos; Gonçalves Melo; Teixeira da Fonseca.
[63] Seus descendentes: Famílias Azevedo Maia; Pereira Bolcont; Cunha.
[64] Seus descendentes: Famílias Lopes Galvão; Freitas Leitão; Pinheiro Teixeira; Lopes Pequeno; Bezerra.

Descendência de Antônio Fernandes Pimenta e Maria Franklina do Amor Divino, ambos portugueses do Douro, da Fazenda do Riacho do Pimenta, da Ribeira do Panema[66].

E, finalmente, a descendência de Manoel Carneiro de Freitas e Joana Filgueira de Jesus, da Fazenda da Lagoa Nova, da Ribeira do Apodi[67].

Segundo Jose Augusto (1954), entre as famílias que povoaram o Seridó e aí se fixaram, a família Araújo é uma das mais antigas e certamente a que mais proliferou, sendo hoje a mais numerosa dentre tantas que se encontram radicadas naquele trecho do território norte-rio-grandense.

Assim, para melhor entender a escolha dessa família especifica para falar das migrações de "retorno" e cíclicas não podemos deixar de ressaltar a sua raiz (do cruzamento entre as famílias Araújo e Medeiros), de onde surge a Família Pereira da Silva, "Capitão".

4.1 FAMILIA CAPITÃO: MIGRAÇÃO, MEMÓRIA, REDE E PERTENCIMENTO

Neste capítulo apresentar-se-ão as reflexões da pesquisa feita antes, durante e depois da Festa de Santana de 2009 (maio a outubro) que foi desenvolvida, priorizando neste momento a Família Capitão como unidade de observação sobre a qual baseamos nossa pesquisa.

Segundo o Dicionário de Ciências Sociais (1986)[68], a família é uma instituição social básica, que aparece sob as formas mais diversas em todas as sociedades humanas.

Desta forma, fazemos referências ao termo família perpassando os mais diversos momentos e contextos, podendo ir desde uma simples saudação de dois compadres na rua até os institutos de pesquisa sócioeconômica. Contudo o caminho para compreendê-la nem sempre é curto.

Segundo Lévi-Strauss (1976), a palavra família é tão comum, e o tipo de realidade a que se refere é tão próximo da experiência cotidiana, que talvez o leitor espere confrontar-se com uma situação simples.

---

[65] Seus descendentes: Famílias Rocha Gam; Silva e Souza.
[66] Seus descendentes: Família Fernandes Pimenta.
[67] Seus descendentes: Famílias Carneiro de Freitas; Freitas Lira; Brito Guerra.
[68] Família é diferente de grupo doméstico, não são termos equivalentes. O grupo doméstico (household) é constituído pelos indivíduos que partilham de um habitat comum e da mesma reserva de alimentos, não havendo necessariamente laços de parentesco, ou seja, uma família pode dividir-se entre dois ou mais grupos domésticos.

Desta forma Lévi-Strauss (1976) procura estruturar um modelo ideal daquilo que temos em mente quando usamos a família. Então, essa palavra serve para designar um grupo social possuidor de pelo menos três características: uma origem no casamento; é constituído pelo marido, pela esposa e pelos filhos provenientes de sua união, embora seja lícito conceber que outros parentes possam encontrar o seu lugar próximo ao grupo do núcleo: os membros da família estão unidos entre si por laços legais, direitos e obrigações econômicas, religiosas ou de outra espécie, um conjunto bem definido de direitos e proibições sexuais e uma quantidade variada e diversificada de sentimentos psicológicos, tais como amor, afeto, respeito, reverência, dentre outros.

Assim, a família brasileira é uma das instituições sociais que mais contribuem para a formação dos grupos sociais por excelência, ou seja, ela é o centro dos relacionamentos e o eixo das interações sociais.

Segundo Durham (1983), a família é um grupo de convivência, no qual tanto as formas de sociabilidades como a afetividade que as permeiam são orientadas por modelos ou padrões culturais. Como qualquer dimensão da vida social, as modalidades de conduta na família são regidas por modelos que são representações criadas na prática coletiva e que constituem elementos ordenadores das relações domésticas.

A família de Caicó (nesse estudo a família Capitão) acentua a permanência, estabilidade e a continuidade através do nome da profissão e da herança, centro de solidariedade individual e pólo de referências emocionais. Nessa cidade, o modelo de família é o modelo nuclear e conjugal, ou seja, de modo geral, seus atributos básicos são a predominância masculina exercida em uma estrutura hierarquizada de poder e autoridade, a divisão sexual do trabalho, a presença de vínculos afetivos entre marido e mulher, pais e filhos.

Uma genealogia familiar segundo Rivers (1910),

> "é sabido que muitos povos preservaram oralmente suas genealogias por várias gerações, em todas as linhas colaterais, de modo a apresentar genealogicamente todos os descendentes de um bisavô ou trisavô, e deste modo distinguindo aqueles que nós denominaríamos primos em segundo e de terceiro grau, fazendo com que, por vezes, suas memórias penetrem ainda mais profundamente no tempo".

O nome Capitão dado a família "Pereira da Silva" teve início com o senhor Manoel Pereira da Silva, português que, vindo para o Brasil, fixou residência no estado de Pernambuco. A ele foi dado o nome de Capitão – era conhecido como Manoelzinho Capitão – devido à sua grande valentia e coragem, chegando, segundo os relatos orais de seus descendentes, a enfrentar onças que costumavam aparecer em sua fazendo de gado.

Manoelzinho Capitão e sua esposa Maria tiveram apenas um filho, João Pereira da Silva, que casou com Joaquina Ferreira. Eles tiveram quatro filhos (três homens e uma mulher). O nome Capitão permaneceu nos seus descendentes até hoje, depois de muitas gerações.

Olívia Pereira da Silva, bisneta de Manoelzinho Capitão, nasceu no ano de 1904, e Zuleika Pereira da Silva, trineta, nasceu em 1929, sempre conviveram com os vários ramos da família Capitão e foram elas que nos relataram essa versão sobre a origem do nome. Também foram fontes de informação, nesta primeira parte da pesquisa, Maria Lindalva Fernandes (87 anos em 2009) e Carlos Pereira da Silva – Carrimba – (78 anos em 2009).

De Manoelzinho Capitão não existe nenhum documento que prove a sua existência, porém de João Pereira da Silva, conhecido como João Capitão, existe o registro de nascimento de Joaquim Pereira da Silva, conhecido como Joaquim Capitão, em poder do seu filho Carlos Pereira (Carrimba), que assim diz: "Filho de José Antonio da Silva e de Ubaldina Liberalina de Medeiros, tendo, como avós paternos, João Pereira da Silva e Joaquina Ferreira e avós maternos Francisco Brás e Maria Brás".

Os filhos de João Pereira da Silva e Joaquina Ferreira são os seguintes: José Antonio Pereira da Silva (casado com Ubaldina Liberalina de Medeiros); Manoel Paulino Pereira da Silva, (casado com Paulina Medeiros); Joaquim Pereira da Silva, (casado com Amália e em 2ªs núpcias com Lilá) e Maria Pereira da Silva – Marica – (casada com Sebastião Araújo).

Todos tiveram filhos. Destes, apenas uma, Olívia Pereira Rodrigues, filha de José Antônio Pereira da Silva e Ubaldina Liberalina de Medeiros, ainda estava viva[69] com a idade de 106 anos, lúcida e de invejável memória. Conversamos com "Olívia Capitão" em 19 de maio de 2009, na manhã de 25 de junho e também na manhã de 18 de setembro de 2009, na casa de Irma, sua filha, onde ela nos deu informações sobre a família, conversou sobre a sua vida, e nos presenteou com paninhos de crochê, feitos por ela, seu atual passatempo. Perguntada sobre a idéia do encontro da família Capitão na Festa de Santana de Caicó de 2008, ela me falou que na ocasião Lindalva lhe perguntara: *"o que ela achava da idéia"* e ela respondeu com outra pergunta: *"Quantos meses faltam*? *Será que ainda estou viva*? E Lindalva havia respondido*: "Estará sim e com certeza estará presente". "De fato tudo isso aconteceu e foi maravilhoso",* finalizou ela. Foi-lhe pedido que nos confirmassem alguns dados e, ao citar os nomes dos irmãos, ela fazia alguma referência a cada um. Comecando pelo mais velho:

---

[69] Faleceu no dia 11 de fevereiro de 2010.

Chico Capitão - lembrou-se das filhas, e que Jaelzinha havia morrido há pouco tempo.

Continuei:

José Capitão – "ele e Candinha eram meus padrinhos de Batismo".

Joaquim Capitão - fez referência à beleza das filhas, citando os nomes de cada uma.

João Capitão - contou que foi assassinado em Serra Negra do Norte, por bandidos que ele corajosamente enfrentou por ser delegado de polícia.

Falei:

Nezinho Capitão... e ela, imediatamente: "Foi casado com Silvina, irmã de Maria Madalena". E completou: "Maria Madalena casou com Honorinho".

Sebastião Capitão... ela riu, e disse: ele só tinha uma orelha. Perguntei: foi acidente? E ela: não! Nasceu assim. Confirmei com Lindalva Fernandes, Sebastião realmente não era surdo, mas só tinha uma orelha.

Francisca Pereira da Silva – Mais conhecida como Neném... casou-se com Ambrósio.

Maria Pereira da Silva – casou-se com Lindolfo

Joaquina – Casada com Bedé, maestro da Banda de Música.

Lembra-se o nome de Sinhá? - Sim, era Maria Rosa, casada com Ferrrer

Sobre ela conversou bastante, e por fim a irmã mais nova.

Dalila - recordou do casamento com Josias.

Zuleika Pereira da Silva Capitão, nascida em 1929, em Caicó, entrevistada em Agosto/2009, bordadeira nata diz que: *"a técnica dessa arte, a arte de bordar, foi um dom que Deus me deu"*.

Em seguida confirmou as informações dadas por Olívia Capitão (sua tia) e pelo padre Antenor (ex-vigário da paróquia de Santana); bastante cansada e meio sonolenta, sentada em sua confortável poltrona, em sua casa na Rua Prudente de Morais, em Natal, Zuleika[70] disse:

> "Nós caicoenses somos tão apaixonados por Caicó, que mesmo morando nas grandes cidades, quando morremos queremos ser enterrados lá". (...) Vou, vou voltar para Caicó, a terra mais bonita do Seridó". (...) Migramos muitas vezes para outros lugares em busca de melhor condição de vida, mas nunca esquecemos nossa terra, mesmo aqueles com todas as dificuldades de estar lá, amam Caicó".

Segundo ela

> "o nome "Capitão" foi dado a Manoel Pereira da Silva, devido a sua grande valentia e coragem, que chegava a enfrentar onças em sua fazenda no estado de Pernambuco, onde fixou residência vindo de Portugal. Sendo esta hipótese

[70] No dia 28 de agosto de 2009 ela faleceu de doença coronária e foi sepultada em Caicó.

> verdadeira, a família "Capitão", começa então com Manoel Pereira da Silva (mais conhecido como Manoelzinho Capitão) e sua esposa Maria, que chegou ao Brasil com um único filho, João Pereira da Silva". (Versão acima descrita anteriormente por Olívia Pereira da Silva, neta de João Pereira da Silva, e bisneta de Manoel Pereira da Silva).

Segundo Nivinha Capitão (sobrinha de Zuleika, em entrevista em setembro/2009),

> "ela não enxergava direito porque sofria de catarata desde nascença, assim ainda quando era aluna da escola Senador Guerra, nos anos 40, sua professora havia lhe dito que ela não podia bordar, principalmente porque precisaria contar os fios, ela tomou isso como um desafio e aprendeu sozinha, especializando-se em pontos de cruz ou de crivo, em tecidos finos".

Neide Capitão[71], sua sobrinha, também por dom, como ela mesmo disse, "divino", aprendeu com Zuleika, sua tia, e já está passando para sua filha Roseane Dantas.

Outro membro da Família também entrevistado (agosto/2009), também nascido em 1929, em Caicó, tem registro na certidão de nascimento do seu pai Joaquim Capitão, irmão de Olivia Capitão, que diz: "Filho de José Antônio Pereira da Silva e de Ubaldina Liberalina de Medeiros, tendo como avós paternos João Pereira da Silva e Joaquina Ferreira e como avós maternos Francisco Brás e Maria Brás. Se pensarmos na genealogia dessa família a partir de João Pereira da Silva de quem temos registro, com certeza teremos muito que pesquisar e poderemos chegar a no mínimo oito gerações.

FAMÍLIA CAPITÃO

DESCENDENCIA DE MANOELZINHO CAPITÃO:

1ª GERAÇÃO	**FILHO**
2ª GERAÇÃO	NETOS
3ª GERAÇÃO	BISNETOS
4ª GERAÇÃO	TRINETOS
5ª GERAÇÃO	TETRANETOS
6ª GERAÇÃO	PENTANETOS
7ª GERAÇÃO	**HEXANETOS**

1. - MANOEL PEREIRA DA SILVA (Manoelzinho Capitão) - Vindo de Portugal para Pernambuco. Esposa: Maria

1.1 (F)– JOÃO PEREIRA DA SILVA, casado com Joaquina Ferreira

Tiveram 4 filhos

1.1.1- JOSÉ ANTONIO PEREIRA DA SILVA - casado com Ubaldina Liberalina de Medeiros

1.1.2- MANOEL PAULINO PEREIRA DA SILVA - casado com Paulina Medeiros

1.1.3- JOAQUIM PEREIRA DA SILVA - casado com Anália, em 1ªs núpcias e com Líla em 2ªs. núpcias

1.1.4- MARIA PEREIRA DA SILVA (Marica) - casada com Sebastião Araújo

[71] Neide Capitão morava com Zuleika e cuidou dela até seu falecimento em agosto de 2009.

1.1.1 (N)- JOSÉ ANTONIO PEREIRA DA SILVA (Ubaldina Liberalina de Medeiros) – tiveram 12 filhos

1.1.1.1 (B)– FRANCISCO PEREIRA DA SILVA (CHICO CAPITÃO), Casado com Maria Anunciada, tiveram 4 filhas

1.1.1.1.1 (T)– MARIA AFRA PEREIRA DA SILVA (NÃO TEVE FILHOS)
1.1.1.1.2 - UBALDINA PEREIRA DA SILVA
1.1.1.1.3 – CÍCERA PEREIRA DA SILVA (NÃO TEVE FILHOS)
1.1.1.1.4 – JAEL PEREIRA DA SILVA

1.1.1.2 (B)- JOSÉ PEREIRA DA SILVA (ZÉ CAPITÃO) 17/09/1890, casado com Cândida Clotilde de Araújo(1.1.2.4), tiveram 10 filhos

1.1.1.2.1 (T)– POSSIDÔNIO PEREIRA DA SILVA 17/05/1913, casado com Deilda

1.1.1.2.1.1 - JOSÉ PEREIRA DA SILVA NETO
Falecido na infância
1.1.1.2.1.2 - JOSÉ PEREIRA DA SILVA NETO
Falecido na infância
1.1.1.2.1.3 - NEIDE PEREIRA DA SILVA – Casada com Napoleão Dantas - tiveram 6 filhos
1.1.1.2.1.3.1 – SOLANGE Solteira
1.1.1.2.1.3.2 – ROSEANE
1.1.1.2.1.3.3 – AIDA – teve 2 filhos
1.1.1.2.1.3.3.1 –
1.1.1.2.1.3.3.2 -
1.1.1.2.1.3.4 – NAPOLEÃO FILHO
1.1.1.2.1.3.5 – NADI, casada com Chagas - tiveram 2 filhas
1.1.1.2.1.3.5.1 – RAQUEL
1.1.1.2.1.3.5.2 -
1.1.1.2.1.3.6 – TÂNIA, casada
1.1.1.2.1.3.6.1 - BRUNO
1.1.1.2.1.4 - HIPÓLITO PEREIRA DA SILVA (POTI)
1.1.1.2.1.4.1 - MARCIA
1.1.1.2.1.4.2 - MAYARA
1.1.1.2.1.5 - MARIA NILMA PEREIRA DANTAS – casada com Francisco Dantas (Mourão)
1.1.1.2.1.5.1 – NAIARA PEREIRA DANTAS
1.1.1.2.1.5.2 – NACIARA PEREIRA DANTAS, casada com Oldair José
1.1.1.2.1.5.2.1 – ANNE CAROLINE
1.1.1.2.1.5.3 – NACIRAN PEREIRA DATAS, casado com Maria de Fátima
1.1.1.2.1.5.3.1 – NAIANNE DANIELE
1.1.1.2.1.6 - DOMIRES PEREIRA DA SILVA
1º Casado, teve 4 filhos.
1.1.1.2.1.6.1 – ERISVALDA - teve 1 filho
1.1.1.2.1.6.1.1 – WELLINGTON NETO
1.1.1.2.1.6.2 – ELISÂNGELA
1.1.1.2.1.6.3 – FRANCISCO
1.1.1.2.1.6.4 – IGO
2º Casamento, com Marilene, tiveram 2 filhos
1.1.1.2.1.6.5 – DOMIRES
1.1.1.2.1.6.6 - KELTON
1.1.1.2.1.7 - NIDES PEREIRA (solteira)
1.1.1.2.1.8 - NORMA PEREIRA, teve 4 filhos
1.1.1.2.1.8.1 – RONALDO – tem 1 filho
1.1.1.2.1.8.1 – JOÃO PEDRO
1.1.1.2.1.8.2 – REYNALDO

1ª GERAÇÃO	**FILHO**
2ª GERAÇÃO	NETOS
3ª GERAÇÃO	BISNETOS
4ª GERAÇÃO	TRINETOS
5ª GERAÇÃO	TETRANETOS
6ª GERAÇÃO	PENTANETOS
7ª GERAÇÃO	**HEXANETOS**

1.1.1.2.1.8.3 – DÉBORA
1.1.1.2.1.8.4 - ARTUR
1.1.1.2.1.9 - NEILDE PEREIRA DE MEDEIROS, casada com João Medeiros – tiveram 2 filhas
1.1.1.2.1.9.1 – ALINE
1.1.1.2.1.9.2 - OLIVIA
1.1.1.2.1.10 - POSSIDÔNIO PEREIRA DA SILVA FILHO, casado com Neidinha – não tiveram filhos.

1.1.1.2.2 - CELESTINO PEREIRA DA SILVA 6/04/1913 falecido na infância
1.1.1.2.3 - OTÍLIA PEREIRA DA SILVA 4/05/1916 falecido na infancia
1.1.1.2.4 - JÚLIO PEREIRA DA SILVA 22/07/1917 casado com Sebastiana Dantas da Silva (Neném) - tiveram 12 filhos
1.1.1.2.4.1 – WALTER PEREIRA DA SILVA – falecido na infância
1.1.1.2.4.2 - FRANCISCO DAS CHAGAS PEREIRA DA SILVA (CHIQUINHO), casado com Marlene Portugal - tiveram 2 filhas
1.1.1.2.4.2.1 – DAYSE PEREIRA, casada com Adilson, tiveram 2 filhas
1.1.1.2.4.2.1.1 - ANNA LUIZA
1.1.1.2.4.2.1.2 - ANA ELIZA
1.1.1.2.4.2.2 – DENISE PEREIRA, casada com Cláudio - tiveram 2 filhos
1.1.1.2.4.2.2.1 TOMÁS
1.1.1.2.4.2.2.2 - MARIA GABRIELA
1.1.1.2.4.3 - MARLI PEREIRA SOARES, casada com Valdeci Soares Cunha - tiveram 3 filhos
1.1.1.2.4.3.1 – CARLSON SOARES
1º Casamento com Kátia, tiveram 2 filhos
1.1.1.2.4.3.1 – SILVIA CAROLINA
1.1.1.2.4.3.2 – FELIPE TADEU
2º Casamento com Eva não tem filhos
1.1.1.2.4.3.2 – JOILSON, casado com Patrícia
1.1.1.2.4.3.3 - CLÊNIA, casada com Richardson
1.1.1.2.4.4 - MIRIAN PEREIRA CELESTINO, casada com Pedro Celestino Filho, tiveram 2 filhos
1.1.1.2.4.4.1 – VANINNI PEREIRA
1º Casamento com Fábio, - tiveram 2 filhas
1.1.1.2.4.4.1.1 – BIANKA LANINNI
1.1.1.2.4.4.1.2 - MATÁLIA GIULIANE
2º Casamento com José Elias.- tiveram 1 filha
1.1.1.2.4.4.2.3 – ÍTALO PEREIRA
1.1.1.2.4.4.2 – PETRUS JULIUS PEREIRA
1.1.1.2.4.5 - MARIA PEREIRA DE OLIVEIRA (MARIQUINHA), casada com Wellington Oliveira
1.1.1.2.4.5.1 – WELMA PEREIRA DE OLIVEIRA
1.1.1.2.4.5.2 – WILTON PEREIRA DE OLIVEIRA
1.1.1.2.4.6 - JOSÉ PEREIRA DA SILVA NETO, casado com Carminha Otaviano - tiveram 3 filhas
1.1.1.2.4.6.1 –
1.1.1.2.4.6.2 –
1.1.1.2.4.6.3 -

1ª GERAÇÃO	**FILHO**
2ª GERAÇÃO	NETOS
3ª GERAÇÃO	BISNETOS
4ª GERAÇÃO	TRINETOS
5ª GERAÇÃO	TETRANETOS
6ª GERAÇÃO	PENTANETOS
7ª GERAÇÃO	**HEXANETOS**

1ª GERAÇÃO	**FILHO**
2ª GERAÇÃO	NETOS
3ª GERAÇÃO	BISNETOS
4ª GERAÇÃO	TRINETOS
5ª GERAÇÃO	TETRANETOS
6ª GERAÇÃO	PENTANETOS
7ª GERAÇÃO	**HEXANETOS**

1.1.1.2.4.7 - JULIO PEREIRA DA SILVA FILHO (DUDUCA), casado com Carmélia Diniz, tiveram 3 filhos

1.1.1.2.4.7.1 VANESSA, casada com Gilberto - tiveram 1 filho

1.1.1.2.4.7.1.1- JOÃO PEDRO

1.1.1.2.4.7.2 – JULIO PEREIRA NETO, casado com Cintia

1.1.1.2.4.7.3 – LARISSA, teve 1 filha

1.1.1.2.4.7.3.1 – ANA LUIZA

1.1.1.2.4.8 - JARBAS PEREIRA

1º Casamento com Ignês Portugal

1.1.1.2.4.8.1 – CAROLINA, casada com Leonardo - tiveram 1 filho

1.1.1.2.4.8.1.1 - CAIO

1.1.1.2.4.8.2 – JULIANO, casado com Ilma

2º Casamento com Ilma - tiveram 2 filhos

1.1.1.2.4.8.3 – JOÃO BOSCO

1.1.1.2.4.8.4 - MATEUS

1.1.1.2.4.9 - JOÃO BOSCO PEREIRA, casado com Anete - tiveram 3 filhos

1.1.1.2.4.9.1 – CHINTIA, casada com Júnior, tiveram 1 filha

1.1.1.2.4.9.1.1 - BRUNA

1.1.1.2.4.9.2 - ANNY CIELE, casada com Adalberto, tiveram 3 filhos

1.1.1.2.4.9.2.1 – MARIA EDUARDA

1.1.1.2.4.9.2.2 - LARA

1.1.1.2.4.9.2.3 - JOÃO VICTOR

1.1.1.2.4.9.3 - CYNARA

1.1.1.2.4.10 – MARIA DE FÁTIMA PEREIRA, casada com Roosevelt - tiveram 1 filho

1.1.1.2.4.10.1 – ROOSEVELT JUNIOR

1º Casamento com Viviane - tiveram 1 flho

1.1.1.2.4.10.1.1 – ROOSELVELT NETO casado

1.1.1.2.4.11 – WALTER PEREIRA, casado com Noélia, - tiveram 2 filhos

1.1.1.2.4.11.1 – MARCELA

1.1.1.2.4.11.2 - RAUL

1.1.1.2.4.12 – NOÉLIA PEREIRA (Solteira)

1.1.1.2.5 - MARIA LINDALVA PEREIRA DA SILVA 13/01/1920 casada com Francisco Fernandes (Chico Godofredo), tiveram 6 filhos

11.1.2.5.1 - .JOSE MAURÍCIO FERNANDES, casado com Maria Lúcia Fonseca Fernandes - tiveram 2 filhos

1.1.1.2.5.1.1 CLÁUDIA IZABELA FONSECA FERNANDES, casada com Ubiraci

1.1.1.2.5.1.1 – MARIA EDUARDA

1.1.1.2.5.1.2 - . HENRIQUE JORGE FERNANDES, casado com Karina Torres Lopes Fernandes - tiveram 3 filhos

1.1.1.2.5.1.2.1 - WALFREDO LOPES DE ARAÚJO NETO

1.1.1.2.5.1.2.2 - JORGE ARTUR LOPES FERNANDES

1.1.1.2.5.1.2.3 - PEDRO HENRIQUE LOPES FERNANDES

1.1.1.2.5.2 - **MARIA SOLEDADE FERNANDES E SANTOS,** Casada com Genilde Lima Santos - tiveram 4 filhos

1.1.1.2.5.2.1 - SANDRA RAISSA FERNANDES DE LIMA ESCÓSSIA OLIVEIRA, casada com Cid Augusto

1.1.1.2.5.2.2 - ÉLIDA SIMONE FERNANDES DE LIMA

1.1.1.2.5.2.3 - NEISA MARIA FERNANDES DE LIMA

1.1.1.2.5.2.4 - GENILDO JERÔNIMO FERNANDES DE LIMA, Casado com Adriana Kelly

1.1.1.2.5.3 - .**MARIA GLEIDE FERNANDES DE MEDEIROS**, casada com Rubens Ezequiel de Medeiros - tiveram 4 filhos

1.1.1.2.5.2.1 - HEBERT EZEQUIEL FERNANDES DE MEDEIROS, casado com Mara Lígia Batista de Medeiros - tiveram 2 filhos

1.1.1.2.5.2.1.1 - HERMANO EZEQUIEL BATISTA DE MEDEIROS

1.1.1.2.5.2.1.2 - LUCAS EZEQUIEL BATISTA DE MEDEIROS

1.1.1.2.5.2.1 - YVES EZEQUIEL FERNANDES DE MEDEIROS

1.1.1.2.5.2.2 - GLEICE FERNANDES DE MEDEIROS

1.1.1.2.5.2.3 - HELCIO EZEQUIEL FERNANDES DE MEDEIROS

1.1.1.2.5.4 - **MARIA NIVIA FERNANDES DE FARIA,** casada com Francisco Aluízio de Faria - tiveram 4 filhos

1.1.1.2.5.4.1 - .ALLAN ALUÍZIO FERNANDES DE FARIA, Casado com Cely Regina de Negreiros Linhares

1.1.1.2.5.4.1.1 - ÁLVARO ALUÍZIO LINHARES DE FARIA

1.1.1.2.5.4.2 - .ANDRÉ ALUÍZIO FERNANDES DE FARIA, casado com Cássia Rochelane Araújo

1.1.1.2.5.4.2.1 - NÍVIA MARIA ARAÚJO DE FARIA

1.1.1.2.5.4.3 - AÉCIO ALUÍZIO FERNANDES DE FARIA

1.1.1.2.5.4.4 - ARTUR ALUÍZIO FERNANDES DE FARIA

1.1.1.2.5.5 - **GODOFREDO FERNANDES NETO**

1º Casamento com Maria Cristina Araújo

1.1.1.2.5.5.1 - HALLISON DE ARAÚJO FERNANDES

1.1.1.2.5.5.2.- TARSO DE ARAÚJO FERNANDES

1.1.1.2.5.5.3 - TIAGO DE ARAÚJO FERNANDES

2º Casamento com Simone Gomes

1.1.1.2.5.5.4 - ISABELLI GOMES FERNANDES

1.1.1.2.5.5.5 - ISABEL GOMES FERNANDES

1ª GERAÇÃO	**FILHO**
2ª GERAÇÃO	NETOS
3ª GERAÇÃO	BISNETOS
4ª GERAÇÃO	TRINETOS
5ª GERAÇÃO	TETRANETOS
6ª GERAÇÃO	PENTANETOS
7ª GERAÇÃO	**HEXANETOS**

1.1.1.2.5.6 **JANDUÍ FERNANDES** , casado com Maria Dalva Pereira Fernandes - tiveram 3 filhos

1.1.1.2.5.6.1 - .MARX HELDER PEREIRA FERNANDES

1.1.1.2.5.6.2 - .DÉBORA CHRISTINA PEREIRA FERNANDES

1.1.1.2.5.6.3 - .MARCELA CHRISTINA PEREIRA FERNANDES

1.1.1.2.6 - ARMINDA PEREIRA DA SILVA 2/05/1923, falecida na infância

1.1.1.2.7 - DORALICE PEREIRA DA SILVA
5/02/1922, falecida na infância
1.1.1.2.8 - ZAIRA PEREIRA DA SILVA 17/03/1926 – 03/08/1992 ,casada com Cristiniano Francisco de Lucena (Tiano Caboclo), - tiveram 8 filhos
1.1.1.2.8.1 - **RUI PEREIRA DE LUCENA,** casado com Cléa Maria Moraes de Lucena, -tiveram 4 filhos
1.1.1.2.8.1.1 - HUDSON MORAES PEREIRA DE LUCENA
1.1.1.2.8.1.2 - ANDERSON MORAES PEREIRA DE LUCENA
1.1.1.2.8.1.3 - HUGO MORAES PEREIRA DE LUCENA
1.1.1.2.8.1.4 - THIAGO MORAES PEREIRA DE LUCENA
1.1.1.2.8.2 - **RUBEM PEREIRA DE LUCENA,** casado com Maria do Céo Medeiros de Lucena - tiveram 3 filhos
1.1.1.2.8.2.1 - RÚBIA CRISTINA MEDEIROS DE LUCENA
1.1.1.2.8.2.2 - THAÍS MEDEIROS DE LUCENA
1.1.1.2.8.2.3 ROBSON MEDEIROS DE LUCENA
1.1.1.2.8.3 - **ROSILDA DE LUCENA VERÍSSIMO,** Casada com José Veríssimo Filho - tiveram 2 filhos
1.1.1.2.8.3.1 SARA MARA DE LUCENA VERÍSSIMO
1.1.1.2.8.3.2 - ALEXANDRE DE LUCENA VERÍSSIMO - teve 1 filha
1.1.1.2.8.3.2.1 - RAFAELA DA SILVA VERÍSSIMO
1.1.1.2.8.4 - **ROZIMAR PEREIRA DE LUCENA**
1º Casamento com Manoel Pereira de Oliveira - tiveram 3 filhas
1.1.1.2.8.4.1 - CHRISTIANE LUCENA DE OLIVEIRA PARREIRA Casada com Ronaldo de Melo Parreira Filho
1.1.1.2.8.4.2 - LUCIANE DE LUCENA OLIVEIRA
1.1.1.2.8.4.3 - ROSEANE LUCENA DE OLIVEIRA
1.1.1.2.8.4.5 - **RAI PEREIRA DE LUCENA**
1º Casamento com Alba Rejane Gomes da Silva Lucena - tiveram 2 filhos
1.1.1.2.8.4.5.1 - RAI PEREIRA DE LUCENA JÚNIOR
1.1.1.2.8.4.5.2 - LEONARDO VIEIRA DE LUCENA
1.1.1.2.8.4.6 - **REI PEREIRA DE LUCENA**
1º Casamento com Sandra Maria Santos de Lucena - tiveram 1 filha
1.1.1.2.8.4.6.1 - MARCELLE LOUISE SANTOS DE LUCENA
1.1.1.2.8.4.7 - **RIVANDA PEREIRA DE LUCENA**
1º Casamento com Cleber José Ribeiro - tiveram 2 filhos
1.1.1.2.8.4.7.1 - DANILO DE LUCENA RIBEIRO
1.1.1.2.8.4.7.2 - DIEGO DE LUCENA RIBEIRO
1.1.1.2.8.4.8 - **RADI PEREIRA DE LUCENA**
1º Casamento com Lúcia Helena Amorim Oliveira - tiveram 2 filhos
1.1.1.2.8.4.8.1 - ZAIRA HELENA OLIVEIRA DE LUCENA.
1.1.1.2..8.4.8.1 - LUIZA HELENA OLIVEIRA DE LUCENA.

1ª GERAÇÃO	**FILHO**
2ª GERAÇÃO	NETOS
3ª GERAÇÃO	BISNETOS
4ª GERAÇÃO	TRINETOS
5ª GERAÇÃO	TETRANETOS
6ª GERAÇÃO	PENTANETOS
7ª GERAÇÃO	**HEXANETOS**

1.1.1.2.9 - ZULEIKA PEREIRA DA SILVA 2/2/1929, solteira
1.1.1.2.10 - JOSÉ PEREIRA DA SILVA - 22/05/1931, casado com Erlice, tiveram 3 filhos
1.1.1.2.10.1 – SÁVIO

1.1.1.2.10.2 - SÉRVULO
1.1.1.2.10.3 - ADRIANA
1.1.1.2.10.3.1 - MARCELO

1.1.1.3 (B)– JOAQUIM PEREIRA DA SILVA (JOAQUIM CAPITÃO), casado com Severina - tiveram 13 filhos
1.1.1.3.1 (T)– JOSÉ OSIAS PEREIRA DA SILVA
1.1.1.3.2 - JOAQUIM PEREIRA DA SILVA
1.1.1.3.3 - CARLOS PEREIRA DA SILVA
1.1.1.3.4 – FRANCISCO PEREIRA DA SILVA
1.1.1.3.5 – MARIA CLORISA PEREIRA DA SILVA
1.1.1.3.6 – CARMELINDA PEREIRA DA SILVA
1.1.1.3.7 - DALVA PEREIRA DA SILVA – Faleceu na infância
1.1.1.3.8 – DALVA PEREIRA DA SILVA (2ª)
1.1.1.3.9 - DULCE PEREIRA DA SILVA
1.1.1.3.10 – MARIA DULCE PEREIRA DA SILVA
1.1.1.3.11 – DINAH PEREIRA DA SILVA
1.1.1.3.12 – IARA PEREIRA DA SILVA
1.1.1.3.13 - CARMEM LÊDA PEREIRA DA SILVA
1.1.1.4 (B) - JOÃO PEREIRA DA SILVA (JOÃO CAPITÃO), Casado com Alzira - Tiveram 1 filho
(T)1.1.1.3.1 – SEBASTIÃO PEREIRA DA SILVA (Bastinho)
1.1.1.5 (B)- MANOEL PEREIRA DA SILVA (NEZINHO CAPITÃO), Casado com Silvina Clemente - não tiveram filhos
1.1.1.6 (B)- SEBASTIÃO PEREIRA DA SILVA (SEBASTIÃO CAPITÃO), Casado com Adélia - Tiveram 11 filhos
1.1.1.6.1 (T)–ALCIONE PEREIRA (falecido com 9 anos)
1.1.1.6.2 – JOSÉ ALCIONE PEREIRA (Déte)
1.1.1.6.2.1 – MARTA
1.1.1.6.2.2 - CLÁUDIA
1.1.1.6.3 – SEBASTIÃO PEREIRA FILHO (Teteca)
1.1.1.6.3.1 – ROBERTO
1.1.1.6.3.2 – RITA
1.1.1.6.3.3 – RENATO
1.1.1.6.3.4 - ROSA
1.1.1.6.4 – MARIA GLÉCIA PEREIRA (não teve filhos)
1.1.1.6.5 – ADAURI PEREIRA DA SILVA (não teve filhos)
1.1.1.6.6 – EUZA PEREIRA TORRES (não teve filhos)
1.1.1.6.7 – EDILMA PEREIRA DA SILVA (não teve filhos)
1.1.1.6.8 – MANOEL ALCIONE PEREIRA (totô)
1.1.1.6.8.1 – FERNANDA
1.1.1.6.8.2 – LEOPOLDO
1.1.1.6.8.3 - GISELE
1.1.1.6.9 – JOÃO EUDES PEREIRA
1.1.1.6.10 – MARIA CONSUELO PEREIRA
1.1.1.6.10.1 - MARCELO
1.1.1.6.10.2 – ANA CAROLINA
1.1.1.6.11 - MARIA DE FÁTIMA PEREIRA
1.1.1.6.11.1 - RONALDO
1.1.1.6.11.2 - MELINA

Fonte: Edilma Pereira (11) 6335-1003

1.1.1.7 (B)– FRANCISCA PEREIRA DA SILVA, Casada com Ambrósio - Tiveram 14 filhos
1.1.1.7.1 – JOSÉ
1.1.1.7.2 – SEVERINO
1.1.1.7.3 – JOAQUIM
1.1.1.7.4 – ELIAS
1.1.1.7.5 – FRANCISCO
1.1.1.7.6 – HENRIQUE
1.1.1.7.7 – JADIR

1ª GERAÇÃO	**FILHO**
2ª GERAÇÃO	NETOS
3ª GERAÇÃO	BISNETOS
4ª GERAÇÃO	TRINETOS
5ª GERAÇÃO	TETRANETOS
6ª GERAÇÃO	PENTANETOS
7ª GERAÇÃO	**HEXANETOS**

1.1.1.7.8 – MARIINHA
1.1.1.7.9 – MARIA DO CARMO
1.1.1.7.10 – AMBROSINA
1.1.1.7.11 – SILVINA
1.1.1.7.12 – EUFROZINA
1.1.1.7.13 - ELISA
1.1.1.7.14 - LAURACY

1.1.1.8 –(B) MARIA PEREIRA DA SLVA, casada com Lindolfo - Tiveram 3 filhos

1.1.1.8.1 – SADI
1.1.1.8.2 – SALI
1.1.1.8.3 - SADEU

1.1.1.9 – (B) JOAQUINA PEREIRA DA SILVA, Casada com Manoel Vitoriano , Bedé - tiveram 1 filho
1.1.1.9.1 (T)– DIRCEU PEREIRA FONTES

1.1.1.10 (B)– MARIA ROSA PEREIRA DA SILVA (SINHÁ), Casada com Ferrer - não tiveram filhos
Adotaram: ALAIDE E ELIAS

1.1.1.11 (B)– OLIVIA PEREIRA DA SILVA - Casada com Francisco Rodrigues - Tiveram 6 filhos
1.1.1.11.1 – JOSÉ - faleceu na infância no ano de 1941
1.1.1.11.2 – FRANCISCO
1.1.1.11.3 – MANOEL
1.1.1.11.4 – RONALDO
1.1.1.11.5 –- IRMA
1.1.1.11.6 - JOSÉ

1.1.1.12 (B)– DALILA PEREIRA DA SILVA, Casada com Josias - não tiveram filhos

1.1.2 (N)- MANOEL PAULINO PEREIRA DA SILVA, Casado com Paulina Medeiros - tiveram 5 filhos

1.1.2.1 –(B) MARIA PEREIRA DA SILVA – (MAROQUINHA)

1.1.2.2 - - AMÁLIA AMÉLIA DE ARAÚJO, Casada com Estevão Pedro dos Santos - tiveram 2 filhas

1.1.2.2.1 – PAULINA SANTOS DA CRUZ, casada com Gilberto Menandro da Cruz - tiveram 5 filhos

1.1.2.2.1.1 – ROBERTO - tem 3 filhos
1.1.2.2.1.1.1 – PATRÍCIA - tem 1 filha
1.1.2.5.1.1.1.1 - CAMILA
1.1.2.2.1.1.2 – PRISCILA - tem 2 filhos
1.1.2.2.1.1.2.1 – GABRIEL
1.1.2.2.1.1.2.2 - GUILHERME
1.1.2.2.1.1.3 - POLIANA
1.1.2.2.1.2 - LUCIMA - tem 1 filha
1.1.2.5.1.2.1 - YANNA
1.1.2.2.1.2 – RENATO – tem 4 filhos
1.1.2.2.1.2.1 – KATHIANE - tem 2 filhos
1.1.2.2.1.2.1.1 - CAIRO
1.1.2.2.1.2.1.2 - LARA
1.1.2.2.1.2.2 – KALYNE
1.1.2.2.1.2.3 – KAROLYNE
1.1.2.2.1.2.4 KARON
1.1.2.2.1.3 – RONALDO - tem 1 filha
1.1.2.2.1.4.1 - ALICE
1.1.2.2.1.4 – ROGÉRIO - tem 1 filha
1.1.2.5.1.5.1 – FERNANDA

1.1.2.2.2 – ZILDA SANTOS - tem 8 filhos
1.1.2.2.2.1 - LÍCIA - tem 3 filhos
1.1.2.2.2.1.1 – ALEXANDRA - tem 3 filhos

1ª GERAÇÃO	**FILHO**
2ª GERAÇÃO	NETOS
3ª GERAÇÃO	BISNETOS
4ª GERAÇÃO	TRINETOS
5ª GERAÇÃO	TETRANETOS
6ª GERAÇÃO	PENTANETOS
7ª GERAÇÃO	**HEXANETOS**

1.1.2.2.2.1.1.1 – LUCIANA
1.1.2.2.2.1.1.2 – GABRIELA
1.1.2.2.2.1.1.3 - NATÁLIA
1.1.2.2.2.1.2 – ALEX - tem 1 filha
1.1.2.2.2.1.2.1 - MILENA
1.1.2.2.2.1.3 – LUCIANA - tem 2 filhos
1.1.2.2.2.1.3.1 – DEYVISON
1.1.2.2.2.1.3.2 - LAURA
1.1.2.2.2.2 – LIZ - tem 2 filhos
1.1.2.2.2.2.1 – MARILIA
1.1.2.2.2.2.2 – WELDSON - tem 1 filha
1.1.2.2.2.2.2.1 - GLENDA
1.1.2.2.2.2.3 – WILKER - tem 2 filhas
1.1.2.2.2.2.3.1 – SARA
1.1.2.2.2.2.3.2 - CLARALIZ
1.1.2.2.2.3 – CARLOS - tem 5 filhos
1.1.2.2.2.3.1 – MARCELO - tem 2 filhos
1.1.2.2.2.3.1.1 – MARCELO HENRIQUE
1.1.2.2.2.3.1.2 - GRABIELLE
1.1.2.2.2.3.2 – MAX
1.1.2.2.2.3.3 – CARLOS MAGNO- tem 1 filha
1.1.2.2.2.3.3.1 - MARIANA
1.1.2.2.2.3.4 –ANA CARLA
1.1.2.2.2.3.5 -POLIANA
1.1.2.2.2.4 – CLÓVIS - tem 3 filhos
1.1.2.2.2.4.1 – GEORGE
1.1.2.2.2.4.2 – DANIEL
1.1.2.2.2.4.3 - LIDIANE
1.1.2.2.2.5 – LÚCIA - tem 3 filhos
1.1.2.2.2.5.1 – HUDSON - tem 1 filho
1.1.2.2.2.5.1.1 - DAVID
1.1.2.2.2.5.2 – MARCEL
1.1.2.2.2.5.3 – TATIANA - tem 1 filho
1.1.2.2.2.5.3.1 - LETÍCIA
1.1.2.2.2.6 – ANDRÉ - tem 2 filhos
1.1.2.2.2.6.1 – BARBARA
1.1.2.2.2.6.2 – DÉBORA
1.1.2.2.2.7 – ROSILDA - tem 2 filhas
1.1.2.2.2.7.1 – JANAINA
1.1.2.2.2.7.2 - JOYCE
1.1.2.2.2.8 – ROSILEIDE - tem 1 filho
1.1.2.2.2.8 - CHARLES

1ª GERAÇÃO	**FILHO**
2ª GERAÇÃO	NETOS
3ª GERAÇÃO	BISNETOS
4ª GERAÇÃO	TRINETOS
5ª GERAÇÃO	TETRANETOS
6ª GERAÇÃO	PENTANETOS
7ª GERAÇÃO	**HEXANETOS**

1.1.2.3 - JOAQUIM PEREIRA DA SILVA
1.1.2.4 - CÂNDIDA PEREIRA DA SILVA, Casada com o primo José Pereira da Silva (descendência descrita em 1.1.1.2)
1.1.2.5 - ABÍLIO PEREIRA DA SILVA
1º Casamento, com Laura - tiveram 10 filhos
1.1.2.5.1– BRÍGIDO
1.1.2.5.2 – EMANUEL (NETO)
1.1.2.5.3 – JOAQUIM NETO
1.1.2.5.4 – LUIZ
1.1.2.5.5 – JURANDY - teve 4 filhos

1.1.2.5.5.1 – LAURA NEIDE
1.1.2.5.5.2 – MARIA DAS GRAÇAS
1.1.2.5.5.3 – ADRIANA
1.1.2.5.5.4 – ANDRÉA
1.1.2.5.6 – PAULINA
1.1.2.5.7 – FRANCISCA

1.1.2.5.8 – AMÁLIA - Teve 1 filho
1.1.2.5.8.1 - JUCELINO
1.1.2.5.9 – VALDECY - Teve 2 filhos
1.1.2.5.9.1 – LAURA
1.1.2.5.9.2 - ERCY
1.1.2.5.10 - MARIA
2º Casamento, com Francisca - tiveram 4 filhos
1.1.2.5.11 - MADALENA
1.1.2.5.12 - FRANCISCO
1.1.2.5.13 – ANTONIO
1.1.2.5.14 – JOÃO BATISTA

1.1.2.6 - MARIA CLOTILDES DE ARAUJO, Casada com João Bernardo de Medeiros - tiveram 13 filhos
1.1.2.6.1 – EUNICE
1.1.2.6.2 – ARNALDO
1.1.2.6.3 – DAVINA
1.1.2.6.4 – ERASMO
1.1.2.6.5 - GALVANI
1.1.2.6.6 – OTÍLIA
1.1.2.6.7 – MANOEL (MEMÉ)
1.1.2.6.8 – MAILDE
1.1.2.6.9 – LAIL
1.1.2.6.10 – LINDIMAR
Ainda nasceram TEREZINHA, LÍGIA E JOSÉ, que faleceram antes de completarem o primeiro ano de vida. (fonte: Manoel Medeiros, livro João Bernardo de Medeiros (Seu Humor) - 1990

1.1.2.7 - OLIVIA PEREIRA DA SILVA, casada com Basílio

1.1.2.8 - CRISTALINA PEREIRA DA SILVA - (mora em Goiânia)
1.1.2.9 - MARIA ZULMIRA PEREIRA DA SILVA
1.1.2.10 – CILECINA PEREIRA DA SILVA

1.1.3 –(N) JOAQUIM PEREIRA DA SILVA Teve 12 filhos

1.1.3.1 (T)– JOAQUIM PEREIRA DA SILVA (Senhor)
1.1.3.2 - JOÃO PEREIRA DA SILVA (Joca). - teve 2 filhos
1.1.3.2.1 – JALMAR
1.1.3.2.2 –F RANCISCA
1.1.3.3 - FELINTO FLORIPES (LOLÔ)
1.1.3.4 - JOSÉ PEREIRA DA SILVA (Dédo)
1.1.3.5 - RAUL PEREIRA DA SILVA
1.1.3.6 - RAMIRO PEREIRA DA SILVA - Não teve filhos
1.1.3.7 - SEVERINO PEREIRA DA SILVA
1.1.3.8 - FRANCISCO PEREIRA DA SILVA (TICO)
1.1.3.9 - DOLORES PEREIRA DA SILVA - teve 4 filhos
1.1.3.9.1 – JOÃO
1.1.3.9.2 – NOÊMIA
1.1.3.9.3 – IRACEMA
1.1.3.9.4 - EVERALDO
1.1.3.10 - LAURA PEREIRA DA SILVA
1.1.3.11 - LIDIA PEREIRA DA SILVA
1.1.3.12 – MARIA PEREIRA DA SILVA

1.1.4 (N)- MARIA PEREIRA DA SILVA

1ª GERAÇÃO	**FILHO**
2ª GERAÇÃO	NETOS
3ª GERAÇÃO	BISNETOS
4ª GERAÇÃO	TRINETOS
5ª GERAÇÃO	TETRANETOS
6ª GERAÇÃO	PENTANETOS
7ª GERAÇÃO	**HEXANETOS**

Quadro 02 – Genealogia da Família Capitão

A noção de rede tem adquirido considerável visibilidade nas últimas décadas através das Ciências Sociais e da Psicologia. Boa parte desse interesse se dá no foco da análise das redes de relacionamentos entre entidades sociais, e dos padrões e implicações destes

relacionamentos. Muitos pesquisadores chegaram à conclusão que, na perspectiva de rede, podem-se alavancar novas possibilidades de respostas dentro dos padrões das pesquisas nas questões sociais e psicológicas dando uma definição formal e precisa acerca dos aspectos estruturais no âmbito político, econômico ou social.

Dentro desta perspectiva, o meio-ambiente (território) pode ser apresentado como padrões ou regularidades nos relacionamentos entre unidades interativas, ou seja, quando refere-se à presença de padrões regulares, em relacionamentos como estruturas.

Desta forma, as redes sociais estão encorpadas nos conceitos ou processos entre unidades interativas interligadas que formam um componente fundamental nas teorias de rede, somado ao uso do conceito de interação que os atores e suas ações são interdependentes. Mais que unidades autônomas, os laços de amizades entre os atores são canais para transferir ou para o trânsito das fontes materiais ou não materiais. O método está focado nos laços dos atores entre si, ou seja, são eles que irão apresentar uma compreensão de como funciona essa interação entre os grupos e as entidades e suas implicações. Esses atores formam unidades ligadas umas às outras por laços sociais individuais, corporativos ou coletivos, podendo chegar a ser bem extensos, e essa extensão é estabelecida através dos elos entre os atores envolvidos, seja de parentesco, afinidade, amizade, respeito, dentre outros.

Portanto, uma vez definidos os atores, o grupo e a relação, podemos dizer que a rede social consiste em um grupo de atores e na relação definida interativa entre eles que: *"whatever is to be diffused can reach a larger number of people, and traverse a greater social distance, when passed through weak ties rather than strong."* (Granovetter, 1973: p. 1366).

Rede, nesta pesquisa, está baseada na suposição da importância dos relacionamentos e da interação dos sujeitos envolvidos, ou seja, na ligação, na troca de afeto, no fortalecimento dos laços de parentesco, nos fluxos de informações e nas construções sociais e simbólicas dos atores envolvidos. É uma conexão flexível, aberta a diferentes dimensões da vida comunitária e social. Ela oferece um espaço inter-relacional vivo substancial e latente, possibilitando intensificação dos vínculos e o fortalecimento da identidade, de integração com o meio, ressignificando a diversidade das diferentes histórias pessoais e familiares e constituindo um espaço potencial de longo alcance, eficaz e dinamizador de mudanças sociais.

Assim, segundo Offner &Pumain (1996, apud Chianca, 2008, p. 109), rede significa,

> "um conjunto de indivíduos ou de grupos que mantêm relações binárias que permitem a circulação de recursos e que age, sobretudo, de uma forma que não

> necessita para ser identificada, de produzir a identidade coletiva ou ser dotada de uma memória comum contrária ao território".

Entretanto, esse território abrange a dinâmica das redes sociais que se baseia na operacionalização da interatividade entre os interlocutores sociais.

Todos os eventos do ritual a Sant'Ana, seja de adoração, de comemoração, de oração e de confraternização, são atividades que acontecem durante todo o ano para levantar fundos para a paróquia da Santa,

> "eu trabalho aqui em Natal com grupo de familiares e amigos e, a cada dia 26 de cada mês, durante o ano, fazemos uma confraternização social/religiosa para esse fim. Nove dias de orações/novenários que está ligado ao calendário do novenário de Caicó", (Nívia Capitão)[72].

Segundo ela, em 1998, a Arquidiocese de Natal convidou a paróquia de Sant'Ana de Caicó para patrocinar a padroeira de Natal, Nossa Senhora da Apresentação, num jantar organizado pelos caicoenses que vivem em Natal, unindo devotos de Sant'Ana e de Caicó que vieram para participar do evento. "*A santa daqui de Natal pediu ajuda a Sant'Ana, avó de Jesus, mãe de todas as Marias"*.

A partir dessa confraternização, alguns caicoenses residentes em Natal e outras partes do Brasil, formaram uma rede (família Capitão e amigos, em torno de 25 pessoas) para arrecadação de fundos para a festa de sua padroeira anualmente. Um dos prêmios principais desse encontro (1999) foram as imagens de Sant'Ana doadas por duas de suas netas: uma delas, Lindalva Capitão, declarou seu amor por Caicó: "*porque nasci e cresci no calor deste sertão tão amado"*. Lá ela viveu sua infância e juventude:

> "momentos esses de maravilhosas alegrias, pois foi lá (Caicó) onde aprendi de tudo um pouco com a ajuda de meus pais, que tinham um enorme desejo de dar o saber aos filhos. Aos vinte e um anos me casei, também com um filho de Caicó e tivemos três filhos e três filhas fortes e saudáveis".

Ela é mãe de Nívia Capitão[73], e irmã de Zuleika Capitão. Segundo Nivinha, "*em 1999 e alguns anos seguinte, como Zuleika ainda bordava, ela doava prêmios bordados por ela, sempre um dos melhores, entretanto, não me recordo bem o ano que ela e mamãe começaram a doar as imagens"*. Lindalva, nesse momento, disse também não lembrar quando começou a doar as imagens das santas.

---

[72] Em entrevista, dia 19 de junho de 2009. Ex-membro da comissão organizadora da festa.
[73] Entrevistadas em junho e agosto de 2009, respectivamente.

O Festival do Reencontro dos Peregrinos de Sant'Ana de Caicó é outra confraternização que acontece anualmente entre os meses de abril, maio e junho (independente de outras atividades que a família participa com o mesmo fim durante o ano), na Associação Atlética do Banco do Brasil em Natal, começando com o sorteio de uma das imagens e terminando com uma confraternização com o sorteio da outra imagem de Santana.

Foto 24 - Prêmios do sorteio do bingo exposto no clube AABB, em 25 de julho de 2009
Fonte: Acervo do Pesquisador.

Trata-se de uma tarde festiva, com lanche, sorteio de prêmios e principalmente agradável reencontro de caicoenses e amigos. O evento é promovido anualmente por um grupo de caicoenses residentes em Natal, com a participação de muitos conterrâneos e amigos. A renda, em beneficio da festa de Sant'ana de Caicó, é ofertada por ocasião da noite do peregrino[74].

No início desta festa, datado de 1997, os caicoenses residentes em Natal receberam, no pátio da catedral, a imagem de Sant'Ana de Caicó por ocasião de Festa de Nossa Senhora da Apresentação. Após a novena, esse local foi palco para uma grande confraternização. Daí

[74] No novenário da Festa de Sant'Ana de Caicó, cada novena é patrocinada por um segmento da sociedade. A 9ª e última, no sábado, os noitários (patrocinadores) são: peregrinos, devotos de Sant'Ana e caicoenses ausentes residentes em outras cidades do Brasil.
"Caicoenses ausentes residentes em outras cidades do Brasil." É assim que aparece no programa impresso. Mas, há pessoas que residem em outros países que mandam torpedos para os caicoenses enquanto assistem à novena (via internet) se prolongando noite adentro enquanto está sendo transmitida a movimentação do pavilhão.

surgiu a idéia de continuá-la, por meio de um evento anual, com o objetivo de promover o reencontro dos caicoenses devotos de Sant'Ana e radicados na capital.

A partir 1998 passaram a promover uma tarde festiva com sorteios de prêmios e lanche com o título de "Festival do Reencontro", cuja renda é doada à Festa de Santana de Caicó, por ocasião da Noite do Peregrino. O evento acontece sempre no primeiro semestre do ano.[75]

Em 2009 essa festa foi realizada no dia 14 de maio de 2009. Primando pela pontualidade, teve início às 15 horas o sorteio de uma pequena imagem de Sant'Ana, seguido de vários outros brindes e de 4 prêmios de maior valor em forma de bingo (dos quais 2 imagens de Sant'Ana confeccionadas pelas monjas Clarissas de Caicó e doadas pelas irmãs Lindalva e Zuleika Capitão) e um balaio de "produtos do sertão" (carne, queijo, manteiga, biscoitos, etc.) patrocinado por clientes de Bosco Vale[76].

Foto 25 - Sociabilidade: Bingo de 2009/AABB.
Fonte: Acervo do Pesquisador.

No intervalo foi realizado um pequeno leilão de comidas "regionais do Seridó" e de duas telas a óleo, pintadas por artistas caicoenses, sendo uma da capelinha de São Sebastião de Caicó[77]. A outra tela com o tema "Casa de Campo" foi pintada e doada por Lourdes Costa e arrematada por Maria Segunda de Oliveira. As despesas com a taxa do clube, som e o

[75] Em 2009, a *comissão organizadora era composta de:* Lúcia Fernandes Araújo, Manoel Rodolfo e Fátima Faria Maria Segunda de Oliveira, Marta Vale, Neemias Gurgel, Basinha Maria, Nivia Fernandes de Faria (Capitão), Santinha Lima, Zé Nilson de Barros e Marli.
[76] Comerciante caicoense que tem um ponto de vendas na Av. Prudente de Morais, em Natal(RN).
[77] Pintada e doada pela artista plástica Moema Diniz arrematada por R$ 400,00 (quatrocentos reais) pelo senhor Francisco Sales, supervisor da CONAB, que presenteou sua esposa Rozimar Capitão.

lanche, composto de pão de queijo, salgadinhos, salpicão, sobremesa de torta alemã e o sorvete do "Picolé Caseiro Caicó" tiveram o patrocínio e o preparo de vários caicoenses e amigos[78].

Foram vendidas 273 senhas ao preço de R$ 20.00 (vinte reais) que, juntados ao apurado do leilão, às doações em dinheiro e retirada a despesa, saldou líquido R$ 5.500,00 (cinco mil e quinhentos reais) quantia doada para a Festa de Sant'Ana de Caicó, noite dos peregrinos. De Caicó, vieram 15 pessoas ligadas à paróquia de Sant'Ana, inclusive o Pe. Edson, pároco.

Em 2010 a festa foi realizada no dia 09 de junho. Como acontece todos os anos, exatamente às 15 horas, foi feita a abertura com o sorteio do primeiro brinde (uma pequena imagem de Sant'Ana) e continuou com sorteio de brindes até as 15 h 30, tempo em que se supunha que todos os participantes estivessem presentes para que fosse chamado o primeiro bingo de uma das 02 imagens de Sant'Ana[79].

Foto 26 - Sociabilidade: Bingo 2010/AABB.
Fonte: Acervo do Pesquisador.

Em forma de bingo também foram sorteados 01 balaio de produtos de alimentos de Caicó doado por clientes de Bosco Vale e pelo próprio; 01 cesta de biscoitos ofertada por D. Dalva e D'Arc, (muito conhecidas em Caicó pelo preparo de bolos e biscoitos); e 01 toalha de linho bordada (retangular) como doação de uma caicoense (anônima). Ao todo, 145 brindes foram sorteados entre os presentes. Mereceram destaque os prêmios produzidos pelos próprios doadores, como: a cesta de biscoitos de D. Dalva e D'arc, a tela a óleo pintada e doada por Moema Diniz, os licores artesanais de Rosário Vale, uma camisola de cetim com renda racine e bordado por Gleide Fernandes Capitão, um bolero de renda e seda doado por

[78] Entre os quais Geralda Medeiros (viúva de Memé Capitão), Cleda Faria, Restaurante Tropical, Santinha Lucas, Eugênia e Eunice Ariston, Neemias Gurgel, Soledade Fernandes (Capitão), Genilde Lima, Lígia Medeiros, Manoel Rodolfo e Fátima Faria, Maia do Céu Medeiros e o Picolé Caseiro Caicó.
[79] Arte das monjas clarissas de Caicó e doação da caicoense Lindalva Fernandes.

Deusa Faria, dois quadros bordados em ponto cruz por Cely Trindade e balinhas de coco de Geny Batista.

A artista plástica Moema Diniz, esposa do caicoense Rômulo Diniz, usou de muita inspiração e técnica ao pintar a tela da imagem de Sant'Ana, que foi leiloada e arrematada por Marieta Fernandes ao preço de R$ 210,00 (duzentos e dez reais)

O lanche preparado pelo caicoense Everaldo (do restaurante da AABB Natal) constou de salgadinhos e torta de frango acompanhados de sucos de frutas, refrigerante e água. Como sobremesa foi servido musse e, ainda, sorvete numa oferta do "picolé caseiro Caicó".

Outros caicoenses tiveram importante participação quando da venda antecipada de senhas, divulgação e doação de brindes para sorteios e prêmios para os bingos.

Foram vendidas 304 senhas ao preço de R$ 25,00 que, somados aos R$ 210,00 da tela leiloada, às contribuições recebidas em dinheiro e deduzidas as despesas de lanche, taxa de clube e som, resultou um lucro de R$ 5.500,00.

De Caicó, vieram 18 pessoas ligadas à paróquia de Sant'Ana como o Pe. Cosmo S. da Silva (Vigário Paroquial), entre outros[80].

Antes do último bingo (da segunda imagem), o Pe. Cosmo falou aos presentes e todos de pé cantaram o hino de Sant'Ana de Caicó como prova de amor e devoção a padroeira do Seridó norte-rio-grandense.

Outra importante articulação dessa rede é localizada em Brasília, com outros membros da família Capitão e amigos devotos de Sant'Ana lá residentes que se reúnem anualmente com o objetivo de angariar fundos para cobrir as despesas de impressão do programa da Festa de Sant'Ana de Caicó, que fica sob sua responsabilidade.

A festa encontro em Brasília mantém o mesmo formato e tem o mesmo propósito (arrecadar fundos para a Santa), mas acontece num restaurante (Xique Xique), de propriedade de Rubem Pereira de Lucena (Rubinho Capitão) que está sempre à frente da organização juntamente com seus irmãos, esposa e filhos, e com o apoio da família de Hermínio Gomes (já falecido). De Caicó sempre se faz presente o Pe. Francisco Martinho, mentor espiritual do evento.

Na oportunidade há sorteio de uma imagem de Sant'Ana, de um "Kit Xique-Xique" composto por produtos "típicos" de Caicó (carne de sol, queijo, manteiga, dentre outros) e de

---

[80] Afra Ubalda de Góes Cunha, Luciana Costa Dias, Lúcia Costa, Ezilda Batista de A. Medeiros, Moacir Maurício Dantas, Helena Azevedo S. Dantas, Isabel Simone da Silva P. Lopes, Josimar Martiniano Lopes, Maria de Fátima Lima de Barros, José Lopes Fernandes, Maria Zélia da Costa, Silvano Araújo, Maria de Fátima Dantas de Faria, Ezilda (site Kurtição), Maria Júlia dos Santos, Maria das Graças Fernandes e Maria Lúcia da Costa Medeiros. Todos citados por Nívia Capitão.

um prêmio de um artigo de Caicó, como rede, bordados, doado pela família Hermínio Gomes. A música é ao vivo pelo cantor caicoense que reside em Brasília, José Emidio (Dinha). Neste espaço, também onde funciona um bar, foram vendidas, em 2010, em torno de 200 senhas ao preço de R$ 20,00. Depois de descontadas as despesas, mal se alcança o total necessário para o ressarcimento, mas, mesmo assim, o evento sempre se realiza, na última semana de maio ou primeira de junho. Em 2009 aconteceu no dia 06 de junho e em 2010, no dia 29 de maio. Em ambos os anos a Paróquia de Sant'Ana de Caicó recebeu o montante de R$ 3.500,00 (três mil e quinhentos reais), pois, quando não alcança o seu provimento, a família organizadora completa o patrocínio.

Em 2008, os membros da família que participam dessas diversas redes tiveram a idéia de promover um grande encontro (julho/2008) com o objetivo de trazerem o maior número de pessoas da família para reativarem os laços familiares e se sociabilizarem. A organização do encontro o chamou de *"I Encontro da Família Capitão, Caicó/RN"*. Nívia falou em entrevista (19 de junho/2009) que:

> "o encontro de 2008 da Família "Capitão" foi um momento de grande emoção, quando contamos com a presença de pessoas conhecedoras da família e com condições de ajudar a resgatar a nossa história, a nossa origem e de ter podido, sobretudo, reacendido e reativado os laços de parentesco e de amizades, não só de fortalecê-los mais, mas também de aumentarmos a rede de sociabilidades e interação que há muito tempo não havia acontecido, contando inclusive com a presença de Olivia Capitão com mais de 100 anos".

Outro evento que mobilizou a família foi a doação de um CD por diferentes patrocinadores todos à família Capitão. Conforme está impresso na contracapa, vemos que colaboraram membros residindo em São Paulo, mas também outros residindo na Carolina do Norte, USA.

4.2 MIGRAÇÃO DE "RETORNO": PARA OS BRAÇOS DA SANTA

De acordo com o dicionário de Ciências Sociais, o termo migração, tal como é usado, refere-se a movimentos geográficos de indivíduos ou grupos. Na literatura especializada, distinguem-se tipos de migração, por exemplo: interna ou externa, voluntária ou involuntária, primária ou secundária, completa ou incompleta, conservadora ou inovadora, a curto ou a longo prazo.

Desta forma, a fim de elaborar uma definição desses movimentos e de possibilitar a preparação de estatísticas comparativas de emigração e imigração, ou seja, de que a migração permanente deve abranger todas as pessoas por mais de um ano, seja qual for a razão das mudanças, enquanto que as estatísticas de migração temporária devem abranger todas as pessoas que passam de um país para outro por mais de um mês e não mais de um ano, com o objetivo de realizar um trabalho (STATISTICS OF MIGRATION, 1932, p. 28).

A maior parte destas migrações no Brasil, mais conhecidas como migrações internas ou simplesmente migrações, isto é, deslocamentos inter e intrarregionais de população seja entre estados, seja entre municípios, é um processo de mobilidade que vem desempenhando importante papel não só na geografia brasileira, mas também na definição do próprio caráter nacional. Esses deslocamentos das populações podem promover crescimento dos centros urbanos e expansão de fronteiras dos seus elementos.

De norte a sul, de leste a oeste, a importância e a intensidade das migrações internas no Brasil parece ser a busca às cidades e às metrópoles. Assim, esses:

> "deslocamentos de população e migração para as cidades não são fenômenos particulares da nossa época. Mas o volume e a amplitude dos movimentos internos no Brasil, durante o século XX, assim como o ritmo acelerado do processo de urbanização apontam certamente para transformações econômico-sociais profundas, que, como geralmente se reconhece, estão relacionadas ao processo de desenvolvimento do país. Trata-se, portanto, de um fenômeno que manifesta transformações na própria estrutura da sociedade brasileira e, como tal, não pode ser compreendido isoladamente". (Durham, 1984, p.7).

Vários estudos nos últimos tempos sobre a migração de retorno têm criado expectativas que nem sempre se realizam e estas expectativas foram aumentadas, segundo Dornelas (1995), com a divulgação do Censo e as novidades que eles estampavam. Entretanto, independentemente das possibilidades e dificuldades de uma tentativa de identificação e mensuração da migração de retorno a partir do Censo, podem-se questionar os limites do uso da categoria, mas essa idéia de retorno à terra natal está presente desde os primórdios das décadas de 30 /40, até os dias de hoje.

Quando se fala de migração de retorno, logo nos deparamos com fluxo migratório realizado numa determinada direção e para uma determinada região. Como por exemplo, do Sudeste para a região do Nordeste (de São Paulo para Caicó).

Assim, o "retorno" que aqui ganha conotação é o retorno cíclico que acontece durante o período da festa da padroeira de Caicó, Sant'Ana, avó de Jesus.

Esse “retorno” principalmente para o caicoense é de forte significado, porque representa o momento em que se reforçam os laços de parentesco e amizade, mantendo-se viva, na sua memória, a cultura de sua terra e dos processos permanentes de reelaboração, seja na própria origem (Caicó), quanto do mundo urbano (São Paulo, Rio de Janeiro, Holanda, EUA, etc). (Conforme Mapa 08).

Mapa 08 - Mapa da Migração de “Retorno” da Família Capitão.
Fonte: www.google maps.com. Cartografia adaptada por Rafael de Oliveira.

Segundo Geertz, (1978):

> “A cultura de um povo é um conjunto de textos que o antropólogo tenta ler por sobre os ombros, daqueles a quem eles pertencem (...). Fazer a etnografia é como ler um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escritos não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento moderado” (Geertz, 1978, p. 320- 321).

Desta forma, a cultura do migrante sofre um processo permanente de reelaboração, fazendo com que o caicoense retorne a Caicó, não só para matar a saudade da comida, do açude Itans, dos bordados, da feira, do passeio na praça, das novenas de Sant’Ana, das conversas na calçada, dos encontros nas ruas e na festa da padroeira, mas, sobretudo, mas em

busca do fortalecimento dos laços de afetividade, ou seja, da troca, porque ela põe em contato parceiros e tradições em seus mais variados níveis, convergindo na festa o momento mor desse encontro, a família.

Durante a Festa de Sant'Ana, em Caicó, as residências funcionam de modo diferente do convencional. Como exemplo, descrevo como foi a festa na casa de Rubens e Gleide, onde, hoje, como no inicio do casamento, moram somente os dois.

Localizada na rua Pe. Sebastião nº 76, ao lado da Catedral de Sant'Ana, a construção centenária, construída pelo avô dos dois (são primos), bem no estilo da época, permite que se veja, da porta de entrada, o final da área construída, ou seja, uma pequena escada de quatro degraus que leva a um "hall" onde ficam três portas; do lado direito, a sala de visitas; no centro, a entrada funcional da casa; e, do lado esquerdo, o quarto dos rapazes. Da porta central segue um grande corredor finalizando com a sala de refeições e cozinha além da área de serviço e um portão que dá acesso a rua do outro lado do quarteirão, que pode ser visto da porta central. Do lado direito, a sala de visita seguida por dois quartos, sendo um a "suíte" do casal e do lado esquerdo o quarto dos rapazes seguido de mais dois quartos. Reformada interiormente, o quarto com porta para o "hall" de entrada se transformou em uma pequena loja onde Gleide comercializa o seu artesanato de blusas e camisolas em estilo bem caicoense e, do lado direito, o quarto vizinho à sala de visitas foi transformado em escritório, de forma que restaram apenas dois dormitórios alem da suíte do casal.

Durante a Festa de Sant'Ana, lá se hospedaram a família do filho, casal Hebert e Mara com os filhos Hermano e Lucas, os amigos Pedro, Guilherme e Marcos além dos sobrinhos André, Cássia e Nivia Maria, portanto, dez pessoas a mais. Para acomodar os hóspedes, o escritório voltou a funcionar como dormitório, e colchonetes e redes foram distribuídas de forma que todos se acomodassem com o mínimo de conforto. A preparação para receber os hóspedes e o grande fluxo de visitas que normalmente acontece pela proximidade da igreja e do pavilhão, e, principalmente pelo bom relacionamento do casal com parentes e amigos, foi feita com antecedência. Enquanto os cômodos da casa foram organizados de maneira diferente do habitual para acomodar mais gente, na cozinha o congelamento de pratos, principalmente sobremesas e doces, foi providenciado.

Para o café da manhã, durante os dias da festa, sem horário certo como acontece no cotidiano, a mesa era posta no início do dia, e a auxiliar de cozinha, carinhosamente chamada de "Boneca", ficava atenta para que não faltasse o pão e a tapioca quentinha até que o último acordasse, geralmente por uma agradável poluição sonora de risos e conversas dos que acordavam mais cedo, com amigos e parentes que, ao sair da igreja depois da missa da manhã,

já faziam uma tradicional paradinha. O mesmo sistema se refazia para as outras refeições. À tarde, o tradicional "café das três horas" era um encontro onde os jovens geralmente não estavam presentes, mas os adultos se confraternizavam com alegria.

Já caminhando para o final da festa, na segunda-feira, dia 26 de julho, dia de Sant'Ana, a família se reuniu para rezar o terço que a cada dia 26 se reza em Natal, e lá estiveram presentes Carlos Capitão e Tássia que residem em Natal, Iara Capitão residente em São Paulo, Rosimar, Marieta, Mirinha, residentes em Natal, Socorro Fernandes residente na zona rural de Caicó, além das pessoas da casa.

No sábado, 30 de julho, véspera do encerramento da festa, foi a vez de uma "tarde de filhós", comida típica (bolinhos de farinha de trigo e ovos) que não é fácil de fazer, mas que Gleide aprendeu com sua mãe Lindalva Capitão, e faz da melhor qualidade. Filhós é uma iguaria muito apreciada, para ser degustada com calda de açúcar ou mel de rapadura; lá foram oferecidas as duas opções e participaram da degustação, além de todos os hóspedes e das pessoas que se fizeram presentes na reza do terço, os amigos Abílio, colega de colégio de Rubens e residente em Recife, Lourdete e Soledade, que moram em Natal, Gilzete e Guilhermina que vieram de São Bento da Paraíba, e Zélia, residente em Patos, estado da Paraíba.

Somente no domingo, após o encerramento da festa, a casa voltou ao seu funcionamento normal. Dizem eles, Gleide e Rubens, que o cansaço incomoda, mas a saudade também; e já passam a pensar se houve falhas, e como corrigi-las para o ano seguinte.

Em entrevista com Gleide Capitão em 24 de Julho de 2009, ela nos falou que

> "esse encontro (2008) foi muito rico e importante para a família Capitão e para Caicó, principalmente pelo aspecto representativo da identidade, do pertencimento e da reativação dos laços de parentesco. A emoção que tomou conta do encontro, que proporcionou não só pelo grande fluxo dos membros da família (migração de "retorno" que aconteceu antes da festa e na festa) que vivem mais distantes, mas também daqueles que vivem aqui no Nordeste que por um motivo ou outro não vinham à festa no mesmo ano e não se viam há muito tempo, mas nesse encontro mais íntimo, puderam extravasar os sentimentos adormecidos e viverem essa aventura única".

Assim, o 1º encontro foi marcado para o dia 23 de Julho de 2009, no início da semana da festa, representando um tipo de aquecimento, para a festa principal. Os membros da família Capitão, além do que já fazem e contribuem durante o ano pela santa, na festa deste ano puderam contribuir com uma participação mais direta nas doações e nos consumos das iguarias regionais das barracas de comidas e bebidas da santa padroeira. Segundo Salviano

Capitão[81],"*a festa é a própria representação da família Sant'Ana, porque ser caicoense é ser família; o cenário é o mesmo, as famílias são as mesmas, o que muda na verdade são os promotores".*

Na casa de Carrimba, vizinho de Gleide Capitão[82] (Rua Pe. Sebastião, 50), além do Casal Carrimba e Tácia sua esposa, ficaram hospedadas Dulce Capitão, que veio de Natal, e sua irmã Iara Capitão, que veio de São Paulo. O movimento na casa de Carrimba, apesar de ser na mesma localidade da de Gleide, não foi tão intenso quanto o dela. Eles levaram sua secretária que fazia a comida e limpava, enquanto seus hospedes seguiam a programação da festa. Num dos encontros com outros membros da família, Celma, que hospedou Euza e Edilma Capitão, que vieram de São Paulo, disse: *"Aqui nós conversamos sobre tudo, o cardápio é bem variado, diferente dos das barracas de Sant'Ana." (...).*

De acordo com Bosi (1994), há uma história de cada indivíduo, quando se há um ouvido disponível e atento para registrar as histórias de cada um, construída ao longo da vida, a partir muitas vezes de um cotidiano corriqueiro, mas sempre relevante, diferente daquela (memória) que se tranca em si mesma e não partilha seus conteúdos.

A memória, num primeiro momento, pode ser representada como a presença do passado, ou seja, uma representação seletiva do passado de indivíduos inseridos num contexto, familiar, social e cultural, que, segundo Halbwachs (2004), toda a memória é coletiva: *"Haveria então, na base de toda lembrança, o chamado a um estado de consciência puramente individual que - para distingui-lo das percepções onde entram elementos do pensamento social - admitiremos que se chame intuição sensível"* (Halbwachs, 2004: p.41).

Neste sentido a memória depende do ambiente social e

> "seu atributo mais imediato é garantir a continuidade do tempo e permitir resistir à alteridade, ao 'tempo que muda', as rupturas que são o destino de toda a vida humana; em suma, constitui um elemento essencial da identidade, da percepção de si mesmo e dos outros". (Rousso, 1998, p. 95).

Assim, a sociedade, de tempo em tempo, obriga os indivíduos não apenas a reproduzir seus pensamentos sobre prévios eventos de suas vidas, bem como a senti-los para poder tocá-los e assim completá-los, para que sejam convencidos de que sua memória é exata, dando-lhe um prestígio que a realidade não consegue. Refletindo-se ainda nos vínculos entre história e memória:

---

[81] 64 anos e ex-diretor do antigo DNER, maio 2010.
[82] Irmã de Nívia Capitão.

> "a memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado, para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens". (Goff, 1994, p. 477).

Desta forma, a importância da Família Capitão para a cidade de Caicó foi marcada desde muitos anos por sua participação modesta, mas significativa. Não houve grandes destaques, segundo Nivinha, *"não gostavam muito de aparecer, talvez por orgulho, não estou bem certa..."* (referindo-se a outras famílias que faziam parte da elite), entretanto, na economia, José e Joaquim Capitão transportaram o algodão das empresas de Dinarte Mariz (de Caicó para Natal/RN e alhures); José Pereira da Silva participou na administração da fundação do Itans[83]; na política, o médico Silvio Santos como prefeito (construiu o conjunto habitacional) no ano de 1993 a 1996; e Salvador Santos, oftalmologista, como Secretário de Saúde, na mesma gestão; o advogado Jandui Fernandes, vereador de 1993 a 1996 e de 1997 a 2000; Dilson Fonte também vereador, inclusive atualmente; na cultura, Maylde e o teatro; Bedé (Maestro), na música; saúde, Silvio Santos, cirurgião geral e Salvador Santos, oftalmologista; na gastronomia, Joaquina Capitão, banqueteira[84] e, mais tarde, professora da Escola Doméstica nesta especialidade; e, sobretudo, na educação, haja visto que duas escolas da rede pública têm, como patronesse, duas importantes educadoras, Olívia Capitão e Severina Capitão, ambas falecidas. Através das narrativas orais e de alguns elementos que envolvem a produção de conhecimento, que legitimam a importância das histórias de vida, podemos nos apropriar dela como meio de se conhecer algo e aprofundar os conhecimentos sobre determinada realidade, obtidas através de conversas com pessoas, suas estruturas sociais, padrões culturais e processos históricos. Desta forma, seus relatos orais (ao focalizarem suas lembranças pessoais), constroem também uma visão mais concreta da dinâmica de funcionamento e das várias etapas da trajetória do grupo social ao qual pertencem, ponderando esses fatos pela sua importância em suas vidas:

> (...) cada vida individual, todas las vidas individuales, son documentos de una humanidad más amplia con sus discontinuidades históricas. El hilo que une estos mosaicos biográficos, singulares o colectivos, en sus diferentes perspectivas, es la articulación del tiempo recogida en su doble aspecto de experiencia individual y colectiva, de los momentos que se integran recíprocamente. (Ferraroti, 1993, p 183).

---

[83] Açude construído entre os anos de 1932-1935 a seis quilômetros de Caicó/RN –ARISTON, 2010, pg.17.

[84] Joaquina Capitão foi aluna de D.Ridete Cirne entre os anos 30 e 40, destacando-se nas festas de casamento e banquetes com bolos artísticos e saladas ornamentais que foram oferecidos algumas vezes a personalidades ilustres da política, economia, religião, cultura, dentre outros.

Assim, ao entrevistar esses membros da família Capitão, podemos registrar suas vozes e suas próprias visões de mundo em relação ao grupo social ao qual pertencem, encontrando os elementos de suas narrativas, referentes à vida e a exemplos de “lutas”, que merecem ser contadas e recontadas:

> (...) a história oral de vida é o relato de um narrador sobre sua existência através do tempo. Os acontecimentos vivenciados são relatados, experiências e valores transmitidos, a par dos fatos da vida pessoal. Através da narrativa de uma história de vida, se delineiam as relações com os membros de seu grupo, de sua profissão, de sua camada social, da sociedade global, que cabe ao pesquisador desvendar. (Lang, 1996, p.34).

Os dicionários apresentam vários significados para o verbo pertencer dentre os quais interessa o significado “ser parte” do qual deriva a palavra pertencimento.

De acordo com o dicionário de Direitos Humanos, o pertencimento, ou o sentimento de pertencimento, é a crença subjetiva numa origem comum que une distintos indivíduos. Os indivíduos pensam em si mesmos como membros de uma coletividade na qual certos símbolos expressam valores, medos e aspirações. Esse sentimento pode fazer destacar características culturais num grupo.

Esse sentimento de pertencimento pode ser reconhecido na forma como um grupo desenvolve sua atividade de produção, manutenção e aprofundamento das diferenças, cujo significado é dado por eles próprios em suas relações sociais de modos temporários ou permanentes. Quando a característica dessa comunidade é sentida subjetivamente como comum (que pode ser uma ascendência comum) surge o sentimento de "pertinência", de pertencimento, ou seja: há uma comunidade de sentido.

As formas de organização coletiva não decorreriam, assim, só de traços raciais, pois a pertinência é capaz de realizar a união entre pessoas de ascendência racial diferente, mas que partilham a crença não só numa origem comum como também num destino comum, estabelecendo um sentido de homogeneidade para os membros de uma comunidade e de heterogeneidade em face dos diferentes grupos.

Max Weber (1978), a partir do sentido de pertencimento, desenvolve uma compreensão da diversidade cultural que é reconhecida na medida em que se confronta uma "solidariedade étnica" com elementos estrangeiros, estabelecendo uma oposição, ou até mesmo um desprezo pelo que é diferente, decorrendo desse o embate entre o "nós" e os "outros", o sentido de unidade grupal.

Segundo esse autor, a comunidade se autodefine e estabelece as suas fronteiras, bem como estabelece meios de diferenciação tanto interna como externa. Os costumes que essa comunidade são capazes de gerar podem garantir a sua sobrevivência e reprodução. Weber denomina-a de "comunidade política", ou seja, está voltada para a ação, partilhando valores, costumes, uma memória comum, criando uma "comunidade de sentido", independentemente de laços sanguíneos, na qual há um "sentimento de pertencimento".

A sensação de "pertencimento" significa que precisamos nos sentir como pertencentes a tal lugar e ao mesmo tempo sentir que esse tal lugar nos pertence, e que assim acreditamos que podemos interferir e, mais do que tudo, que vale a pena interferir na rotina e nos rumos desse tal lugar.

Portanto, esse sentimento de pertencimento tem relação com a noção de participação: na medida em que o grupo se sente ator da ação em curso, de forma participativa desenvolverá a corresponsabilidade, pertencendo os resultados a todos desse grupo, pois conterá um pouco de cada um.

Desta forma, o pertencimento social é uma característica marcante no processo de desenvolvimento "desse ser" caicoense que vive da integração e coesão de sua sociedade, principalmente de seu papel social, pois, dentro de cada um desses atores, emerge uma força fundamentada no sentimento de "pertencer a Caicó" e, mais ainda, de pertencer à família Capitão. Todos eles demonstraram sentimentos com relação à necessidade de fazer parte, de pertencer a este meio social de Caicó; mesmo aqueles quem acreditam estar desligados por qualquer razão logo que chegam à região do Seridó reagem e se integram. O sentimento de pertencimento é a razão pela qual eles se vinculam através desta identificação.

Tudo acontece na relação das interações sociais com o outro e com a Santa, que concentra ideias, medos, motivos e desejos e acolhe a todos nesse sentimento de pertencimento. Desta forma na festa:

> "compreendemos mais sobre nós mesmos" (Nivinha, Junho 2010), mas "se estivermos muito tímidos ou com a mente muito fechada, facilmente buscamos, no aconchego de Sant'Ana, a verdade do que acreditamos ou queremos para nós. Olhamos para os lados e percebemos que as diferenças existem, entretanto, não estamos apenas dividindo a casa, não somos donos dela, estamos experimentando e trocando a cada ano a nossa verdade que é Sant'Ana com aqueles que podem perceber a importância dessa verdade para nós com cada povo, cada sociedade, cada grupo, que queiram experimentar essa emoção. Ser caicoense não está relacionado à arrogância ou desprezo, sentimentos que afastam, desunem, isolam; ser caicoense está ligado ao orgulho de pertencer a uma terra que amamos e a Sant'Ana que adoramos. Faço parte dessa terra a que me refiro, de gosto requintado e artístico, de uma cultura que lutamos com aspirações e desejos para mantê-la viva nas mentes e nas práticas da futuras gerações; faço parte do todo, sobretudo, porque sou humana. Pertenço a uma espécie que tem a noção exata de onde veio, para

> onde vai, o que está fazendo aqui, contando apenas com sua fé em nossa padroeira aqui na Terra, porque essa visão positiva do futuro é o sentimento de pertencimento a Caicó, como um todo e de ser Capitão".

Verifica-se aqui, um duplo sentido em relação ao pertencimento: o pertencimento de ser caicoense e o pertencimento de ser Capitão. Os relatos abaixo explicitam um pouco o que significa "ser caicoense" através das falas dos atores nascidos na cidade e nos relatos de alguns membros da família Capitão[85]:

Segundo Mons. Antenor Salvino de Araújo (ex- Pároco), é

> "ter berço", saber que tem uma família e alegrar-se dela; ser portador de uma história, descender de santos e heróis; ter nascido numa terra que você ama; (...) sonhando alto como o vôo do condor; mas acreditando sempre na Providência Divina de Sant'Ana"(...)

Para Mons. Ausônio Tércio de Araújo (ex-Pároco e ex-Diretor do CDS), ser caicoense

> "é ser português, sem mesmo saber onde fica Portugal, (...) é ser africano, mesmo sem querer, na fala, na calma, na dança, no trabalho e, talvez, índio, (....) é ser sertanejo, mesmo podendo se adaptar em qualquer lugar do Brasil ou do exterior, como muitos fizeram ao imigrar para alhures, mas sempre voltar para a festa de Sant'Ana" Goretti Morais (Médica sanitarista), diz que ser caicoense "é sentir o prazer do sabor delicioso de sua culinária, da religiosidade e a crença nos milagres de Sant'Ana e na peregrinação de fé, cujo marco maior é a adoração a padroeira, Sant'Ana".

De acordo com Ivo Trindade (Bancário Aposentado),

> "é ter uma infância e manter-se em permanente estado de espírito em razão dos vínculos telúricos e familiares e que unem fortemente as pessoas, é ter a satisfação de ser bairrista, além da veneração a Sant'Ana,"(...).

Segundo Marcelo Medeiros (Odontólogo),

> "ser caicoense é ser, antes de tudo, um entusiasta pela terra (Caicó), amando todos os detalhes passionalmente, como um enamorado que não enxerga defeitos e só vê beleza e virtude; é gostar de coisas aparentemente insignificantes, que, para outros, pode parecer totalmente absurdo e sem sentido, mas, para o caicoense, o sentido está na alma e na intensidade das coisas do lugar" (...);

Para Olavo de Medeiros Filho (Historiador),

> "é gostar da Serra de Samanaú, (hoje, São Bernardo), é gostar da rica culinária, é gostar da Festa de Sant'Ana e sobretudo gostar de contribuir pelo progresso constante de Caicó, zelando sempre pelo bem-estar de sua população".

---

[85] Estes relatos foram extraídos: do livro "A invenção de Caicó", CIRNE, Moacyr, 2004, para os não Capitão; das entrevistas realizadas nos meses de maio a agosto de 2010, para aqueles dos membros da família Capitão.

Para o ex-Governador Vivaldo Costa, ser caicoense,

> "é mais do que uma naturalidade, é um verdadeiro estado de espírito, é aprender a amar, ao longo da vida, um lugar onde se tem como mãe, mas a natureza teima em ser madastra; é transformar o quase nada em quase tudo(...), ser caicoense não está no nascimento, mas sim no coração, é muito mais que um simples sentimento".

De acordo com Lydia Brasileira de Britto (Profesora de Arte aposentada),

> "ser caicoense é reconhecer e arrepender-se de ter destruído a cultura e espiritualidade de uma nação; de ter causado o desequilíbrio de um ecossistema, já desequilibrado, com a introdução dos seus gados, no frágil solo do sertão; enfim...ser caicoense é estar envergonhada de ter roubado dos Tapuias toda a região".

Para Lindalva Capitão (sem profissão)[86],

> "é amar a terra onde nasceu e cresceu, é amar o calor do sertão, é ter orgulho de ser Capitão, e, sobretudo, adorar Sant'Ana, passando esta tradição de geração a geração, como faço com a minha bisneta; é aprender a arte de ter paciência e poder contemplar as belezas que a terra produz"

Segundo Nívia Capitão (Aposentada do Banco do Brasil), "vale destacar a gama de apelidos e o entrelaçamento das famílias. Dizem que no Seridó, todos somos parentes. Por isso, fiz os seguintes versos":

> "Ser de Caicó é pertencer à família Capitão, que meu pai, de pouca escolaridade, mas excelente orador, falou numa reunião de família na fazenda Saboeiro onde nasceu, cresceu, e para onde voltava sempre nos momentos de alegria e lazer: "o Saboeiro é a base de tudo isso . . . é a base da nossa alegria, é a base do nosso orgulho". (...) O tripé: tradição, fé cristã e devoção à Sant'Ana, une o caicoense de forma a diminuir as divergências e aumentar a fraternidade, conciliando os interesses como uma só família que se reúne anualmente para fortificar os laços familiares e renovar os votos de fraternidade em torno da mãe maior, Sant'Ana, avó de Jesus e nossa avó na fé (...) A família Capitão faz parte desta história. Da história de Caicó, e da minha história" (...).

Para Carrimba Capitão (Aposentado Bancário),

> "ser caicoense é uma grande honra, é brilhar, pois nasci no dia em que foi inaugurada a luz elétrica de Caicó, portanto, me sinto realizado e muito honrado em dobro de ser caicoense e de pertencer a uma família simples, porém guerreira e vencedora".

---

[86] Entrevistas realizadas com os membros da Família Capitão entre maio e agosto de 2010.

Para Maylde Capitão (Escritora),

> "Minha relação com Caicó é de amor pátrio - o lugar onde nasci. Já foi uma relação de proximidade física, pois, de minha infância até a juventude, eu adorava morar naquela cidade, participar de suas festas, conviver com minhas amigas e pessoas queridas de minha rua da "Cadeia Velha" (atual 'Amaro Cavalcanti'), passear na praça, bater papo e paquerar, participar do grupo de Teatro Amador(...), de ir aos bingos e outros eventos que os caicoenses promovem em benefício da Catedral de Sant'Ana. Como é de se esperar, Caicó geralmente é parte das nossas conversas"(...), "continuo a sentir-me perto dela".

Para Joaquim Capitão Filho (Superintendente do Banco do Brasil Aposentado), aos 87 anos:

> "Falar de Caicó, minha querida terra natal, é recordar tudo de bom que experimentei na vida. É a maior expressão de toda a minha existência, porque foi neste pedaço de chão onde abri, pela primeira vez, os meus olhos para o mundo. (...) Pertencer a Caicó é se emocionar com Sant'Ana nossa padroeira, pois ela traduz respeito, amor e paz" (...).

Segundo Rosimar Capitão (Funcionária da CONAB[87]),

> "ser caicoense é amar uma terra onde a natureza é tão seca que faz com que a gente viva com água na boca; é ter saudade da infância onde os sonhos se voltam para Caicó, é adorar Sant'Ana, é adorar Maria sua filha" (...).

Para Dulce Capitão (Aposentada do DNER), dizer que pertence a Caicó:

> "é recordar tempos que não voltam mais, mas que permanecem para sempre como, por exemplo, as aulas de catecismo na igreja de Sant'Ana, na época do inverno, de onde fugíamos para tomar banho nos canos da igreja. Dos tempos de jogadora de vôlei do Iate Clube dos Bancários e do período de festa, onde participava dos festejos e dos desfiles de moda do Caicó Tênis Clube.(...)Enfim, pertencer a Caicó é pertencer á família Capitão, família de histórias de grandes lutas e superação. Pertencer a Caicó é sem dúvida alguma venerar Sant'Ana(...)

De acordo com Iara Capitão (sem profissão),

> "(...) Ser de Caicó é adorar Sant'Ana, porque ela para mim é tudo. Embora a sua festa ao longo desses anos todos tenha mudado bastante comparada com a minha época (anos 40 e 50), os laços de parentesco e o convívio com eles é muito forte, portanto é me sentir honrada de pertencer à família Capitão,(...)".

Segundo Carmem Creamer Capitão (Odontóloga, EUA),

---

[87] Companhia Nacional de Abastecimento

> "(...) mas pertencer a Caicó é recordar, trazer de volta á memória a infância e a adolescência onde vivi, é divertir-se com a Festa de Sant'Ana, onde, ao ouvir os velhos hinos, rever os familiares e amigos, me emociona e me faz feliz. Meus filhos, que são americanos, adoram ir à pracinha, onde o calor dos festejos e o aconchego dos familiares oferecem um conforto ímpar. Eles sempre ficam surpresos com o amor das pessoas e com a variedade da culinária local. É sempre um grande prazer visitar Caicó e recordar, pois, recordar é viver"!

De acordo com Sálvio Capitão (Engenheiro),

> "Pertencer a Caicó é ser filho natural de Caicó. É relembrar da infância (...) Eu e meus irmãos frequentavamos a igreja de Santana nos domingos á noite mais no intuito da paquera do que da religião. (...) alí começavam os flertes que evoluíam para namoro nos papos do coreto da Praça da Liberdade após a missa (...); Ser Caicoense é também pertencer à família Capitão" (...).

Para Dete Capitão (Jose Alcione Pereira, aposentado da Editora Abril), ele acredita que:

> "como eu, todo caicoense sente um certo orgulho de ter nascido nessa cidade. Aliás, quando estive lá pela primeira vez com minha família (esposa e 2 filhas), elas ficaram impressionadas com o fato de ter nascido naquela pequena cidade e tivesse (na opinião delas) conquistado duas grandes cidades como S.Paulo e Rio de Janeiro".. "Os meus sentimentos em relação a Caicó são marcantes, pois Juscelino Kubitschek só me chamava de Caicó.(...) o que aprendi com ela a ser gente, fiel aos princípios de honradez e de honestidade que sempre nos guiaram".

Euza Capitão (sem profissão)

> "(...) Pertencer a Caicó é reverenciar Sant'Ana, nossa padroeira. Caicoense que se preza sente por ela a mesma devoção, fé e veneração. Apesar da festa hoje em dia ser bem diferente da do meu tempo (da mocidade), pois na minha época íamos a novena que era toda cantada em Latim, como também à ladainha, depois íamos para a praça da Liberdade namorar e passear e, no último sábado da festa, íamos para o baile da festa no Iate Tênis Clube onde sempre colocava o melhor vestido e isso era tudo de bom (...).E finalmente, ser caicoense é ser Capitão,pois sou filha de Sebastião Capitão e de Adélia Araújo (família Salvino). (...)".

Adélia Capitão (sem profissão) diz que:

> "meu relacionamento com Caicó e meu pertencimento a esse lugar que tanto amo é o mesmo, conservo e nutro as mesmas amizades de quando ainda morava lá (Caicó). Venho todos os anos com minha irmã Euza para a Festa da Padroeira Sant'Ana (...) Pertencer a Caicó é viver o passado e o presente sempre em harmonia com o lugar. Ser de Caicó é recordar do meu tempo de estudante da Escola Senador Guerra e da Escola Normal (rural) onde fui aluna da primeira turma. Pertencer a Caicó é tudo, e sobretudo a fé em Sant'Ana. Às vezes quando vejo a imagem dela, lembro de minha mãe, minha família, me emociono muito, chego até a chorar.(...)".

Portanto, a idéia de pertencimento do caicoense e sobretudo dos Capitão é central para nossa compreensão de como eles dão importância e significado para suas vidas, através do senso de identidade pautado nas interações sociais, nas suas crenças, valores, práticas e escolhas, apresentando uma imagem deles mesmos, como faces de uma mesma moeda e como donos de uma enorme confiança, criatividade e de esperança no futuro.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação foi motivada pela observação das diversas expressões presentes na festa em homenagem a Sant'ana, padroeira do município de Caicó/RN, permeadas tanto pelas migrações de retorno, como pelos laços de afinidades, redes de sociabilidades e o "pertencimento vaidoso" dos caicoenses.

Nesta dissertação buscamos os componentes simbólicos que mantêm a festa em evidência no contexto de Caicó, compreendendo como ela corrobora a ordem social, pois é ritualizada de modo altamente prescrito, como vimos através das atividades festivas realizadas pelos grupos sociais ali atuantes. Através da memória local interpelada pelo exercício da lembrança, dos relatos orais, das imagens e dos fragmentos colhidos de atuais e antigos moradores da cidade, pudemos refletir sobre a festa a partir de várias estratégias de registro e da pesquisa de campo.

Pudemos concluir assim que a festa exerce um papel preponderante na identidade coletiva daquela cidade, pois a padroeira Sant'Ana é o vínculo principal da festa, definindo não apenas o retorno temporário de seus filhos quanto a recomposição da própria memória coletiva, tanto através de uma memória familiar quanto nas histórias de vida individuais dos caicoenses. Essa conexão ficou explicitada em nossa pesquisa pela constância em que se revelava nas falas dos entrevistados.

A presença da componente católica na festa também ficou evidenciada através da descrição dos diversos eventos que marcam a sua temporalidade, contrapondo uma programação de cunho religioso marcada por procissões, novenas e missas a outros elementos laicos de grande relevância coletiva que assumem importância na festa, pois são marcos da autoidentificação e do pertencimento a Caicó. Dentre esses, podemos ressaltar aqueles mobilizados expressamente no contexto festivo, como a feirinha, a Ilha de Santana com seus bailes e shows, assim como outros elementos da identidade cotidiana da cidade, sejam eles marcos naturais como o açude Itans ou simbólicos como a culinária local e os bordados.

Vale salientar que as formas de sociabilidade marcadas pelos encontros nas ruas, praças, e as conversas na calçada se apresentam durante a festa nas mais diversas formas, seja com a família ou os amigos em espaços privados, bem como notadamente nos vários espaços públicos descritos nessa dissertação.

Observamos assim que "pertencer" a Caicó é uma questão central nessa identidade, pois nos espaços do cotidiano e na festa da sua padroeira os seus atores dão importância e significado para suas vidas, vozes e práticas nas interações sociais que reforçam esse senso de pertencimento, fundamentado através das crenças e valores divididos e praticados em seu território comum. Para o

caicoense “ser de Caicó” significa fazer parte desse território, pertencendo a uma rede social tecida nas suas atividades e práticas cotidianas e festivas. Assim, tal pertencimento é uma construção e um processo que envolve um individuo atuando em um ou diversos grupos. Junto à família Capitão, vi como se expressava um pertencimento duplo: “ser caicoense” e “ser Capitão”.

Percebemos assim que a festa ultrapassa seu significado religioso originalmente evocado como o mais importante, assumindo outros sentidos igualmente relevantes, pois, como um “fato social total”, envolve diversas dimensões da vida social, notadamente um expressivo retorno de caicoenses que migram temporariamente – no tempo da festa - em busca do reencontro com parentes, amigos, lugares e vivências coletivas. Para aqueles que permaneceram na cidade de Caicó, esse momento é também de grande valia, pois a festa aproxima vizinhos, amigos, familiares próximos e outros, que se envolvem na festa através dos seus diversos eventos.

Observei ainda, durante minha pesquisa de campo, que a expressão religiosa dos caicoenses é diferenciada no período festivo e fora dele, pois, nos demais meses do ano, a maioria deles diminui ou abandona a Catedral de Santana, o que se contrapõe radicalmente com a presença massiva naquele recinto durante a festa. Isso não implica uma “diminuição de fé” ou devoção, mas revela uma mudança de comportamento digna de nota. Enfim, considero ser possível afirmar que essa festa expressa o valor afetivo positivo realçando o laço dos seus “filhos” a Caicó, sendo a celebração “profana” da festa o momento mais ressaltado pela sua maioria.

Se nem todas essas observações puderam ser analisadas detidamente durante a pesquisa devido aos nossos próprios limites e objetivos acadêmicos, ressalto que pode ser enriquecedor ampliar tais reflexões em trabalhos posteriores que certamente contribuirão para uma melhor compreensão deste fenômeno cultural.

REFERÊNCIAS

AGIER, Michel. **A rua, espaço, tempo, sociabilidade**. Lisboa: Livros Horizonte, 2008.

ALVES, Elaine Gonçalves. **A renovação carismática em Uberlândia: ritos, gestos e ações, espaço de fé e solidariedade em tempos de solidão.** Uberlândia: Editora da Universidade Federal de Uberlândia, 2002.

ARAÚJO, J. C. **Igreja Católica no Brasil:** um estudo de mentalidade ideológica. São Paulo: Paulinas, 1986.

ARAÚJO, Lidiane; LUCENA, Lindomar Vale. **Rastos caicoenses.** Caicó: [s.n.], 1983. v. 1.

_____. **Rastos caicoenses.** Caicó: [s.n.], 1993. v. 2.

_____. **Rastos caicoenses.** Caicó: [s.n.], 1997. v. 3.

_____. **Rastos caicoenses.** Caicó: [s.n.], 2010. v. 4.

AUGÉ, F. H. ; ROUGIER, E. C. **La parenté spirituelle**. Paris: Editions des Archives Contemporaines, 1945.

AUGÉ, Marc. **O sentido dos outros**. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. **Não-lugares:** introdução a uma antropologia da sobremodernidade. Tradução Lúcia Muznic. Portugal: Bertrand, 1994.

AUGUSTO, J. **Seridó**. Rio de Janeiro: Borsoi Editor, 1954.

_____. **Caicó**. Natal: Fundação Jose Augusto, 1982.

AZEVEDO, Thales de. **Problemas metodológicos da sociologia do catolicismo:** cultura e situação racial no Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais. São Paulo: HUCCITEC, 1999.

BÍBLIA**.** Português. **Bíblia Sagrada: nova versão internacional**: Traduzida pela Comissão da Sociedade Bíblica Internacional. São Paulo: Vida, 2001.

BLOG do Robson Pires. Disponível em <http://www.robsonpiresxerife.com/blog/notas/chegada-dos-peregrinos-de-santana-em-caico-ontem/> Acesso em 29 jul. 2009.

BLOG do Robson Pires. Disponível em <http://www.robsonpiresxerife.com/blog/notas/alvaro-dias-e-roberto-germano-prestigiao-chegada-dos-peregrinos-de-santana-a-caico%e2%80%8f/>. Acesso em 29 ago. 2009.

BLOG do Robson Pires. Disponível em <http://www.robsonpiresxerife.com/blog/notas/mes-de-julho-ja-chegou%e2%80%a6-e-a-festa-de-santana%e2%80%a6-nam%e2%80%a6-nam%e2%80%a6-nam%e2%80%a6nam%e2%80%a6/>. Acesso em 29 ago. 2009.

BLOG do Robson Pires. Disponível em <http://www.robsonpiresxerife.com/blog/notas/peregrinos-marcam-pre-abertura-festa-da-sant%e2%80%99ana-em-caico/> Acesso em 29 ago. 2011.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedad**e. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOURDIEU, Pierre. **Pierre Bourdieu**: sociologia. São Paulo: Ática, 1983. (Coleção Grandes Cientistas Sociais).

_____. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1998.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Memória do sagrado:** estudos de religião e ritual. São Paulo: Paulinas, 1985.

_____. **A cultura na rua.** Campinas: Papirus, 1989.

_____. Ser católico: dimensões brasileiras – um estudo sobre a atribuição através da religião. SACHS, Viola et. al. **Brasil & EUA.** Religião e Identidade Nacional. Rio de Janeiro: Graal, 1988, p. 59-83.

BRANDÂO, Thadeu de Souza. **A senhora do sertão:** a festa de Sant'Ana de Caicó. 2002. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais)-Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2002.

BURKE, Peter. **Cultura popular na Idade Moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CAMARGO, Maria Thereza Lemos de Arruda. **As plantas do catimbó em Meleagro de Luís da Câmara Cascudo.** São Paulo: Humanitas-USP/FAPESP, 1999.

_____. **Mestre do folclore brasileiro**. 3. ed. Djalma Maranhão. Natal: Sebo Vermelho, 1999.

CARNAVAL em Caicó. Disponível em <www.carnavalemcaico.com.br>. Acesso em: 15 fev. 2010 e 12 ago. 2010.

CASCUDO, Luís da Câmara. **História da cidade do Natal**. Natal: Econômico, 1999.

CATOLICISMO. In: DICIONÁRIO de direitos humanos. Disponível em <http://www.esmpu.gov.br/dicionario/tiki-index.php>. Acesso em 23 jun. 2010.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do cotidiano**. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

CHIANCA, Luciana. Reciprocidade e compadrio no compadrio junino. In: **Anais do I Colóquio Festas e Sociabilidade:** 4 a 6 dez. 2006. Aracaju: Editora da Universidade Federal de Sergipe, 2008.

CIPOABA. In: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. **NOVO DICIONÁRIO AURÉLIO.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. Edição de luxo.

CIRNE, Moacy. **A invenção de Caicó**. Natal: Sebo Vermelho, 2004.

CORADINI, Lisabete. **Praça XV: espaço e sociabilidade**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1994.

DANTAS, Manoel. **Homens de outrora**. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1941.

DURHAN, Eunice. R. **A caminho da cidade.** São Paulo: Perspectiva, 1984

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Paulinas, 1989.

_____.**As formas elementares da vida religiosa.** São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Coleção Os Pensadores)

_____. **Les formes elementaires de la vie religieuse.** Paris: Paris, 1968.

_____. **Sociedade como fonte do pensamento lógico**. São Paulo: Ática, 1978.

_____. **Pragmatismo e sociologia**. Porto: RES Editora, 1988.

_____. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1990.

DUVIGNAUD, Jean. **Festas e civilizações**. Fortaleza: Imprenta, Editora da Universidade Federal do Ceará, 1983.

ESCOLA SUPERIOR DO MINISTÉRIO PÚBLICO DA UNIÃO. Disponível em <www.esmpu.gov.br/dicionario/tiki-index.php> Acesso em 23 jun. 2010.

FAMÍLIA. In: DICIONÁRIO de ciências sociais. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas. 1986.

FERRAROTI, Franco. Industrialización e histórias de vida. **Revista, história y fuente oral,** Barcelona, n. 09, p. ,1993.

FERREIRA, Marieta de Morais; AMADO, Janaína. (Coords.). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

FESTA de Sant'ana de Caicó. Disponível em <www.festadesantana.com.br>. Acesso em 7 a 11 jul. 2009.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização.In: _____. **Obras completas de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro: Imago, 1969. p. 73–171. v. 21. Edições Standard.

GRANOVETTER, Marks S. Sociological theory: the strength of weak ties. **American Journal of Sociology**, New York, v. 1, 1973.

GEERTZ, Clifford. Descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1978. p. 13-41.

GURVITCH, Georges. D. .**La vocation actuelle de la sociologie**. Paris: PUF, 1963.

HALLBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Centauro, 2008.

_____, Maurice. **Les cadres sociaux de la mémoire**. Paris: Albin Michel, 1994. Original publicado em 1925.

_____. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004. Original publicado em 1950.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em <www.ibge.gov.br/cidadesat/default.php> Acesso em 26 mar. 2010.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. Disponível em <http://portal.iphan.gov.br/portal/montarDetalheConteudo.do?id=15773&sigla=Noticia&retorno=detalheNoticia> Acesso em 26 mar. 2010.

KURTIÇÃO entretenimento. Disponível em <www.festadesantanadecaico.com.br/index2.htm>. Acesso em 31 mar. 2010.

LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo. História oral: muitas dúvidas, poucas certezas e uma proposta. In: MEIHY, José Carlos Sebe (ORG). **(Re) Introduzindo a história oral no Brasil.** São Paulo: Universidade de São Paulo, 1996. (Série Eventos).

LE GOFF, Jacques. Memória. In: **História e memória**. Campinas: Editora da Universidade de Campinas, 1994.

LEVI-STRAUSS, C**. As estruturas elementares do parentesco**. Petrópolis: Vozes, 1976.

_____. **Antropologia estrutural.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985.

_____. Introdução: história e etnologia. In: _____. **Antropologia estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985. p. 13–41,

_____. **Antropologia estrutural II**: Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1970.

_____. **Minhas palavras**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

_____. **O pensamento selvagem.** Campinas: Papirus, 1989.

LIMA, Nei Clara. **Narrativas orais:** uma poética da vida social**.** Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2003.

LYRA. A. Tavares. **História do Rio Grande do Norte.** Rio de Janeiro: Câmara, 1921.

MAGNANI, José Guilherme Cantor; TORRES, Lílian de Lucca (Org.). Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. In: **Na metrópole:** textos de antropologia urbana. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 1996.

_____. **Homem, cultura e sociedade.** São Paulo, 1982.

_____. Transformações na cultura urbana das grandes metrópoles. In: MOREIRA, A dos S. (Org.). **Sociedade global.** Petrópolis: Vozes, 1998. p. 56-78.

MARTIN-BARBERO. J. Redescobrindo o povo: a cultura como espaço de hegemonia**.** In. **Dos meios às mediações:** comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1997.

MATTA, Roberto da. **Carnavais, malandros e heróis:** para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

_____ **O que faz o brasil, Brasil?.** Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

_____. Diplomacia e Antropologia. In: **ADB–Boletim da Associação dos Diplomatas Brasileiros**, Brasília, ano 1, n. 06, p.1-2.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

_____. **Ensaios de sociologia.** São Paulo: Perspectiva, 1981.

MEAGHER. M. Sharon., **Phylosophy and the city:** classic to contemporary writtings. Nova York, State University of New York, 2008.

MEDEIROS, Francisco de Assis. **A Folha,** Caicó, 15 abr. 1967, p. 2-4.

MEDEIROS FILHO, João. **Santos da nossa devoção**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2002.

MEDEIROS FILHO, Olavo de. **Velhas famílias do Seridó**. Brasília: Senador Federal, Centro Gráfico, 1981.

_____. **Índios do Açu e Seridó**, Brasília, Senado Federal,1984.

MENEZES, Marilda Aparecida de. **História de migrantes.** São Paulo: Loyola, 1992.

_____. Trabalhadores camponeses migrantes: histórias de vida e identidade. **Raízes**, ano 15, n. 12, p. 147-156.

MIGRAÇÃO. In: DICIONÁRIO de ciências sociais. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas. 1986.

MOURA, Hélio. A. de. A identificação do migrante de retorno através da informação censitária. **Geonordeste.** Aracaju: Universidade Federal de Sergipe, ano 1, n. 1, p. 36-42.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

MOTA, Dalva Maria da. **Trabalho e sociabilidade em espaços rurais.**, Fortaleza: Banco do Nordeste; Empresa Brasileira de Pesquisas Agropecuárias/Tabuleiros Costeiros, 2005. (Séries Teses e Dissertações, n. 1)

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho do antropólogo**. Brasília: Paralelo Quinze; São Paulo: UNESP, 1998.

O SERIDOENSE EM REVISTA. Caicó, jul. 1998. Edição especial.

PARK. Robert; BURGESS, E. W. **The city:** suggestion for the investigation for human behavior in the urban environement**.** Chicago: Universidade of Chicago, 1925. Reeditado pela Midway, 1984.

PARÓQUIA de Sant'ana de Caicó. Disponível em <www.santanadecaico.com.br>. Acesso em 7 a 11 jul. 2009.

PEREIRA, Joacil de Brito. **A vida e o tempo**. João Pessoa: União, 1996.

PERTENCIMENTO. In: DICIONÁRIO de direitos humanos. Disponível em <http://www.esmpu.gov.br/dicionario/tiki-index.php>. Acesso em 23 jun. 2010.

PREFEITURA DE CAICÓ. Disponível em: <www.prefeituradecaico.com.br>. Acesso em: 15 fev. 2010 e 11 ago. 2010.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. In: **Carnaval brasileiro**: o vivido e o mito. São Paulo: Brasiliense, 1992.

_____ Identidade nacional, religião, expressões culturais: a criação religiosa no Brasil. In: SACHS, Viola (coord). **Brasil & EUA**: religião e identidade Nacional. Rio de Janeiro: Graal, 1988, p. 59-93.

RABINOW, Paul. Representations are social facts: modernity and post- modernity in anthropology. In: CLIFFORD, James; MARCUS, George. **Writing culture: the poetics and politics of ethnography.** Los Angeles: University of California, 1986.

RECEITAS.COM MAIS VOCÊ. Disponível em < http://receitas.maisvoce.globo.com/Receitas/Peixes_Frutos_do_Mar/0,,REC23554-7773-55+CASQUINHA+DE+CARANGUEJO,00.html>

REVISTA DA FESTA DE SANT'ANA**:** Caicó em revista. Caicó, [s.n.], 2000.

REVISTA DA FESTA DE SANT'ANA**:** Caicó em revista. Caicó, [s.n], 2006.

REVISTA DA FESTA DE SANT'ANA**:** Caicó em revista. Caicó, [s.n], 2009.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro:** a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RIVERS. W. H. R.: O método genealógico na pesquisa antropológica. In: Oliveira , R. C. (Org). **A antropologia de Rivers.** Campinas: Editora da Universidade de Campinas, 1991.

ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In: AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta. (Coords.). **Usos e abusos de história oral.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 93-101.

SANCHIS, Pierre. **Arraial:** festa de um povo: as romarias portuguesas. Lisboa: Dom Quixote Publicações, 1983.

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

SIMMEL, Georg. The sociological nature of conflict. In: _____. *Conflict*. New York: The Free Press, 1955. p.13-56.

_____. Sociabilidade: um exemplo de sociologia pura ou formal. In: MORAIS FILHO, Evaristo de (coord.). **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.

_____. **Questões fundamentais da sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

_____. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio Guilherme**. O fenômeno urbano.** Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

SOCIABILIDADE. In: DICIONÁRIO de ciências sociais. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas. 1986.

SOUZA. Itamar de. **Migrações internas no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1980.

STEIL, Carlos Alberto; CARNEIRO, Sandra de Sá. **Peregrinação, turismo e Nova Era**: caminhos de Santiago da Compostela no Brasil. Artigo retirado da internet. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rs/v28n1/a06v28n1.pdf > Acesso em 10 ago. 2009.

STATISTICS OF MIGRATION. Genebra, 1932. Studies and reports, série N, n. 18, p. 28.

TERMO de publicação de confirmação régia deste compromisso e da aceitação que dele fazem o rei, rainha, juiz, escrivão, oficiais e mais definidores da mesa atual da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, ereta nesta Matriz da Senhora Santa Ana da Freguesia do Seridó. Caicó, 1773. Transcrição datilografada disponível na Diocese de Caicó.

TINHORÃO, Jose Ramos. **As festas no Brasil colonial**. São Paulo: Editora 34, 2000.

TRAVESSIA: revista do migrante. São Paulo: Centro de Estudos Migratórios, ano 8, n. 22, maio/ago. 1995.

TURNER, Victor. **O processo ritual: estrutura e anti-estrutur**a. Petrópolis: Vozes, 1974.

_____.**The forest of symbols:** aspects of Ndembu Ritual. New York: Cornell University Press, Ithaca, 1967.

_____. **The ritual process:** structure and anti-Structure. Chicago: Aldine Publishing Company, 1969.

VALERI, Valério. Festa. In **Enciclopédia.** Turim: Einaudi, 1979. v. 6

WASSERMAN, S; FAUST, K. **Social network analysis:** method and applications**.** Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

WEBER, Max. **Economy and society**. Editado por Guenther Roth e Claus Wittich. Berkeley: University of California. 1978.

WEBER, Max. Conceito e categorias da cidade. In: VELHO, Otávio. **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.

Zaluar, Alba. **Os Homens de Deus:** um estudo dos santos e das festas no catolicismo popular. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

ZUMTHOR, Paul. **Tradição e esquecimento**. São Paulo: Hucitec, 1997.

APÊNDICE

CD: Narrativas fotográficas e Narrativas orais.

ANEXO

Programas da Festa de Sant'Ana 2009/2010.